

**A Tradução e Revisão de Obras de Referência em Estudos de
Tradução: O Estudo de Caso da Enciclopédia *Handbook of Translation
Studies* (2010-2016)**

Inês de Vasconcelos Ferreira Pessoa Mendes

**Trabalho de Projeto de Mestrado em Tradução
Área de Especialização em Inglês**

Julho 2018

Trabalho de Projeto apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Tradução, área de especialização em Inglês, realizado sob a orientação científica da Prof. Doutora Iolanda Ramos e da Mestre Susana Valdez.

Agradecimentos

Quero agradecer, antes de mais, às minhas orientadoras, à Mestre Susana Valdez e à Prof. Doutora Iolanda Ramos. Existem poucas palavras para descrever o trabalho, a dedicação e, claro, todas as palavras de incentivo para a conclusão do presente trabalho de projeto. Um projeto desta dimensão, ainda mais sendo trabalhadora-estudante, exigiu um grande esforço e dedicação da minha parte e devo dizer que ambas as orientadoras foram incansáveis no apoio e na motivação que me foram transmitidos ao longo de todo o processo de orientação.

Quero também agradecer à Doutora Sara Ramos Pinto, umas das autoras do verbete “Receção e tradução”, pela disponibilidade em rever o meu trabalho e pelo contributo valioso para este projeto, assim como a Luc Van Doorslaer, autor do verbete “Jornalismo e tradução”, pela prontidão em esclarecer todas as dúvidas necessárias durante o processo de tradução. É importante indicar que Luc Van Doorslaer faz parte da dupla de editores da enciclopédia em análise e que, em conjunto com Yves Gambier, tornou possível a realização deste projeto. Quero agradecer ainda à Dominique Van Schoor, assistente editorial da enciclopédia e responsável pelo envio dos verbetes revistos e traduzidos para publicação.

Por último, mas não menos importante, quero fazer um agradecimento especial à minha família, em particular à minha mãe, por toda a força que me transmite diariamente, e à Laura, uma companheira de vida, amiga e colega de profissão, que me ajudou a concretizar mais uma etapa da minha vida, o Mestrado.

Resumo

A tradução e revisão de obras de referência em Estudos de Tradução: o estudo de caso da enciclopédia *Handbook of Translation Studies* (2010-2016)

Inês de Vasconcelos Ferreira Pessoa Mendes

Palavras-Chave: traduzir, rever, verbetes, enciclopédia, Estudos de Tradução.

O presente trabalho de projeto tem como objetivo a tradução e revisão do índice e de cinco verbetes respeitantes à enciclopédia de Estudos de Tradução, *Handbook of Translation Studies* (2010-2016), editada por Yves Gambier e Luc Van Doorslaer. A obra em análise destina-se a estudantes, profissionais e especialistas, servindo de apoio para solucionar problemas de tradução, interpretação ou localização. O presente trabalho pretende sensibilizar para (1) a importância dos Estudos de Tradução; (2) as dificuldades do processo tradutório e de revisão de artigos académicos; (3) o papel da investigação na profissão de tradutor. Para tal, realiza-se uma análise global, de forma a expor as principais problemáticas e soluções encontradas. Esta análise pretende ainda realçar a importância da consulta de material de referência, como dicionários, gramáticas e glossários. Além da tradução dos verbetes, é ainda analisada a tradução do índice da obra, sugerida pelos editores, que tem o objetivo estabelecer os títulos de todos os artigos da enciclopédia em português, ainda que a maioria destes textos não tenha sido traduzida. Além do contacto com autores e editores relevantes, este projeto permitirá a publicação online dos artigos aqui trabalhados. Considero ainda que este projeto impulsionará os Estudos de Tradução, onde ainda se verifica pouco material de pesquisa e investigação em português, através do estabelecimento de terminologia nas temáticas abordadas.

Abstract

The translation and revision of reference work on Translation Studies: the case study of the Encyclopedia *Handbook of Translation Studies* (2010-2016)

Inês de Vasconcelos Ferreira Pessoa Mendes

Keywords: translating, editing, articles, encyclopedia, Translation Studies.

The scope of this project involves translating and editing the index and five articles related to the encyclopedia *Handbook of Translation Studies* (2010-2016), edited by Yves Gambier and Luc Van Doorslaer. The encyclopedia addresses students, professionals and specialists by serving as a support to solve translation, interpretation or localization problems. This project aims to sensitize to the importance of Translation Studies; the difficulties of translating and editing articles; and the role of research in translation. An overall analysis is also carried out, in order to expose the main difficulties and solutions encountered during the translation and revision process. This analysis also emphasizes the importance of using dictionaries, grammars and glossaries as reference material. In addition to the translation of the articles, it is also analyzed the translation of the index: a suggestion made by the editors that aims to establish the titles of all the articles of the encyclopedia in Portuguese, although most of these texts have not been translated. This project has enabled the contact with relevant authors and editors, and will lead to the online publication of the articles. It is also intended to enhance the field of Translation Studies, where there is still little research material in Portuguese, through the establishment of terminology in the areas approached.

Índice

Introdução	1
1. Análise Global de Tradução e Revisão: Contextualização das Principais Problemáticas e Soluções Encontradas	3
1.1. Citações diretas e paráfrases	4
1.2. Terminologia	5
1.3. Hiperligação: Problemática de um texto online	7
1.4. Pontuação	9
1.5. Notas de Rodapé	9
1.6. Interpretação e transferência	10
1.7. Conclusão da Análise	11
2. Produto final	12
2.1. Verbetes revistos	13
Censura	14
Literaturas pós-coloniais e tradução	19
2.2. Verbetes traduzidos	26
Jornalismo e tradução	27
Receção e tradução	34
Universais de tradução	42
2.3. Índice traduzido	49
Conclusão	54
Referências bibliográficas	56
Anexos	58

Índice de Tabelas

Tabela I: Exemplo de uma paráfrase retirada do verbete “Censura” de Denise Merkle.....	4
Tabela II: Exemplos de terminologia.....	6
Tabela III: Exemplos de terminologia.....	6
Tabela IV: Processo de formação não morfológico do termo “journalator”.....	7
Tabela V: Exemplo retirado do verbete “Receção e tradução” de Elke Brems e Sara Ramos Pinto, traduzido pela discente e revisto pelas orientadoras.....	8
Tabela VI: Exemplo retirado do verbete “Censura” de Denise Merkle, traduzido e revisto no âmbito deste projeto.....	8
Tabela VII: Nota da tradução eliminada pela autora Sara Ramos Pinto do verbete “Receção e tradução”.....	10
Tabela VIII: Índice traduzido.....	50

Introdução

Enquanto tradutores e revisores, somos continuamente confrontados com diversas soluções possíveis para o mesmo problema. Saber encontrar e justificar soluções faz parte do papel fundamental do profissional.

Neste projeto são revistos e traduzidos cinco verbetes, previamente selecionados, respeitantes à enciclopédia *Handbook of Translation Studies* (2010-2016), doravante HTS, editada por Yves Gambier e Luc Van Doorslaer. A enciclopédia em análise destina-se a todos os profissionais, estudantes e especialistas que queiram, de certa forma, solucionar problemas de tradução, interpretação ou localização, permitindo a consulta de diversos artigos com uma grande abrangência de tópicos, tradições e métodos. A seleção dos verbetes visou retratar a multidisciplinariedade desta obra, incluindo textos tão distintos como “Censorship” de Denise Merkle, “Journalism and Translation” de Luc van Doorslaer, “Post-colonial literatures and Translation” de Paul F Bandia, “Reception and Translation” de Elke Brems e Sara Ramos Pinto e “Translation Universals” de Andrew Chesterman. A enciclopédia conta com a colaboração de profissionais à escala mundial e é publicada pela editora John Benjamins Publishing Company, responsável por grandes publicações na área das Humanidades e Linguística.

O âmbito deste projeto tem um papel fundamental na minha formação, pois, além da supervisão dos docentes e profissionais e da publicação dos textos aqui trabalhados no site da enciclopédia HTS, tendo proporcionado o contacto com autores e editores relevantes, irá impulsionar projetos futuros através do ganho de experiência na tradução e revisão.

Considero que a publicação dos artigos científicos, na forma de verbetes, torna este trabalho de projeto inovador, dada (1) a importância da enciclopédia com o duplo objetivo de prática tradutória para a disseminação no contexto português e de conhecimento pessoal da discente sobre temáticas de Estudos de Tradução, enquanto disciplina académica; (2) a relevância dos artigos científicos selecionados para o suporte teórico dos Estudos de Tradução no contexto português; (3) o carácter único da publicação em língua portuguesa de verbetes introdutórios a temáticas centrais para o enquadramento teórico em tradução; (4) o contacto entre a discente e os autores dos mesmos verbetes; (5) a tradução para português de temáticas até hoje pouco ou nada abordadas em língua portuguesa e, assim, a necessidade de estabelecer pela primeira vez terminologia nestas áreas.

O projeto divide-se em duas vertentes de ordem prática: uma de revisão e outra de tradução. Os artigos científicos, neste caso os verbetes, trabalhados na ótica de revisão foram previamente traduzidos por alunos da licenciatura em tradução da Faculdade de Ciências Sociais

e Humanas, na disciplina de Seminário de Tradução (de Inglês), e exigiram uma revisão rigorosa, tendo como base os textos de partida, respeitando as questões terminológicas e estilísticas inerentes a esta tipologia de texto. Na vertente de tradução, além dos respectivos verbetes, é ainda apresentada uma proposta de tradução para o índice da enciclopédia. Este pedido, feito pelos editores, surgiu da necessidade de estabelecer os títulos em português de todos os artigos presentes na obra e dos quais a grande maioria ainda não tem tradução. Por este motivo, o processo de tradução requereu uma análise cuidadosa de todos os verbetes publicados e, sempre que necessário, a consulta dos próprios autores. É importante referir ainda que a tradução do índice da enciclopédia representa a intenção dos editores em dar continuidade ao trabalho de tradução para português dos restantes verbetes da obra, possibilitando outras parcerias ou colaborações semelhantes à do presente trabalho de projeto.

Conforme já foi mencionado anteriormente, as temáticas retratadas pelos verbetes são distintas e proporcionam um conjunto de problemas de tradução variados. As questões aqui levantadas pretendem dar a conhecer os desafios de um projeto desta dimensão, quando, numa mesma obra, são trabalhados autores, terminologia e estilos literários distintos. Em ambas as vertentes, é essencial definir uma estratégia de revisão e tradução, de forma a garantir a homogeneidade do resultado final. A definição dessas técnicas passa pela análise cuidadosa dos objetos de estudo e pela aplicação do conhecimento de técnicas e de tecnologia adquirido na componente letiva. De forma a evitar uma das problemáticas na área da tradução, a falta de coerência, é necessário garantir que a linguagem comum a cada um dos textos seja uniforme e consistente.

A revisão e tradução dos referidos verbetes é complementada por uma componente de análise, que visa expor os problemas de revisão e de tradução comuns e que procura viabilizar as soluções encontradas, através da investigação e da consulta de autores relacionados não só com os tópicos abordados por cada um dos textos, como também com as problemáticas identificadas. Para tal, foram ainda consultados dicionários bilingues e monolíngues, dicionários técnicos, gramáticas e glossários que fundamentassem qualquer decisão tomada na primeira parte do projeto.

Este trabalho de projeto visou ainda simular uma possível encomenda no mercado de trabalho, dando visibilidade ao trabalho de tradução e revisão da discente através da publicação dos verbetes em causa e, simultaneamente, impulsionando, em contexto português, a enciclopédia de renome *Handbook of Translation Studies*.

1. Análise Global de Tradução e Revisão: Contextualização das Principais Problemáticas e Soluções Encontradas

De acordo com a história e teoria da tradução, a Bíblia é a obra mais traduzida até à data, sendo possível encontrar traduções integrais em 500 línguas e parciais em mais de 1300 (Reynolds: 69). Neste sentido, conclui-se que a tradução foi a solução encontrada para uma das maiores problemáticas da história, comunicar. No caso da Bíblia, a tradução surgiu da necessidade de “transferir” uma mensagem para o maior número de línguas possível, visando a conversão de povos inteiros à religião cristã. Podemos ainda afirmar que a prática tradutória é uma necessidade constante, com um papel fundamental ao longo da história e que é praticada diariamente por todos nós, ainda que, em certos contextos, inconscientemente.

Em tradução, facilmente nos deparamos com problemáticas ou barreiras linguísticas que necessitam de soluções, muitas vezes imediatas. Juntamente com esta prática surge ainda a necessidade de revisão, uma função que, apesar da pouca visibilidade, é fundamental para garantir a qualidade dos textos na língua de chegada (cf. Mossop 2014).

Conforme referido anteriormente, no âmbito deste projeto foram selecionados cinco verbetes pertencentes à enciclopédia HTS: três para traduzir (“Translation Universals” de Andrew Chesterman, “Reception and Translation” de Elke Brems e Sara Ramos Pinto, e “Journalism and Translation” de Luc van Doorslaer) e dois para rever (“Censorship” de Denise Merkle e “Post-colonial literatures and Translation” de Paul F Bandia). É importante referir ainda que os textos de chegada (doravante TC) revistos foram previamente traduzidos pelos alunos da licenciatura (*vide* Introdução).

Em ambas as fases do projeto, muitas foram as problemáticas levantadas e solucionadas com recurso às novas tecnologias, às orientadoras do projeto e também aos autores, um contacto privilegiado permitido graças à atualidade dos artigos publicados na enciclopédia. É importante indicar que o verbete “Receção e tradução”, traduzido pela discente, foi revisto por uma das autoras, Sara Ramos Pinto. Este facto contribuiu para a precisão do processo de revisão e permitiu um TC mais próximo do Texto de Partida (doravante TP).

Neste capítulo serão apresentados exemplos de dados ilustrativos dos tipos de problemas mais comuns no decorrer deste trabalho de projeto, não esquecendo que existem problemáticas exclusivas da tradução de textos online, como é o caso do exemplo desenvolvido mais abaixo, as hiperligações.

1.1. Citações diretas e paráfrases

De acordo com o *Manual de Estilo de Chicago* (2011) existem dois tipos de citações: diretas e paráfrases. Numa citação direta, existe a transcrição literal das palavras do autor no documento, enquanto numa paráfrase se utiliza a rescrição de ideias, sem transcrever as palavras do autor. Em ambos os casos, as citações devem ser acompanhadas do nome do autor, da obra e, sempre que possível, da página, de forma a permitir ao leitor consultar o texto original. Esta é uma prática comum para sustentar, exemplificar ou definir conceitos, principalmente em textos académicos. Contudo, o tradutor nem sempre opta pela tradução de tais citações, prática que resulta na quebra de leitura do texto. Esta opção é maioritariamente estilística, uma vez que não existe uma norma consensual sobre a tradução ou não de citações. No entanto, enquanto tradutores, existe o dever de tornar o texto de chegada o mais legível e fluido possível, ainda que se tratem de traduções fortemente marcadas, ideologicamente falando. É ainda importante ter em conta que o leitor poderá não dominar a língua de partida e que, além de não ir ao encontro do valor básico da tradução, a decisão de não traduzir a citação poderá conduzir a mal-entendidos ou à incompreensão da mensagem do texto por parte do público-alvo.

No verbete revisto pela discente e traduzido pelos alunos de licenciatura é possível encontrar a seguinte citação:

Tabela I: Exemplo de uma paráfrase retirada do verbete “Censura” de Denise Merkle.

Original de Denise Merkle	<i>The subfield of censorship and translation explores extreme manifestations of the influence of ideology on translations. Consequently, its investigation “takes us into some of the most important ideological aspects of Translation Studies” (Tymoczko, in Ni Chuilleanáin et al. 2009: 45).</i>
Tradução realizada pelos alunos de licenciatura	A interceção dos estudos dedicados à censura e tradução explora as manifestações extremas da influência de ideologias em traduções. Consequentemente, a sua investigação “take us into some of the most important ideological aspects of Translation Studies” (Tymoczko em Ni Chuilleanáin et al. 2009: 45).
Revisão realizada pela discente	A interceção dos estudos dedicados à censura e tradução explora as manifestações extremas da influência de ideologias em traduções. Consequentemente, a sua investigação leva-nos a considerar os aspetos ideológicos mais importantes em Estudos de Tradução (Tymoczko em Ni Chuilleanáin et al. 2009: 45).

No exemplo acima, o tradutor original optou por manter a citação em inglês, ainda que o restante verbete tivesse sido traduzido. No entanto, no processo de revisão, a discente optou por uma paráfrase, citando indiretamente o autor através da rescrição da ideia pelas suas próprias palavras. Assim, não só é conseguida uma leitura mais fluída, como é garantida que toda a mensagem do texto é passada para leitor.

1.2. Terminologia

A tradução de conceitos específicos ou técnicos, muitas vezes importados de outras línguas, nem sempre é consensual e é comum encontrar traduções diversas para os mesmos conceitos. Fazer uma escolha de tradução pode ser um processo demorado, pois, na maioria dos casos, os tradutores não são especializados e vêm-se na necessidade de recorrer a livros e dicionários técnicos, às tecnologias de informação disponibilizadas, ou, sempre que necessário, a especialistas. A terminologia dos verbetes em questão são, na sua maioria, do âmbito dos Estudos de Tradução, sendo que as temáticas dos TP são variadas: história e teoria da tradução, jornalismo, técnicas de tradução, áreas de especialização, etc. Um exemplo claro desta variedade terminológica ocorreu na tradução do índice, onde alguns dos termos que mais suscitaram dúvidas foram “Language learning”, traduzido por “Aprendizagem de línguas”, “Committed approaches and activism”, traduzido por “Abordagens engagé e ativismo” e “Assumed translation”, traduzido por “Tradução alegada”. No primeiro caso verificou-se a necessidade de recorrer a um especialista da área do ensino de línguas para esclarecer se, neste contexto, o termo “learning” deveria ser traduzido por “aprendizagem” ou “ensino”. Após o especialista confirmar que ambas as opções eram válidas e que dependeria do contexto, foi a consulta do TP que me levou a optar por “Aprendizagem de línguas”, pois o verbete trata da nossa capacidade de aprender línguas e não de ensiná-las. Em casos como “Committed approaches and activism” e “Assumed translation”, houve a necessidade de consultar outras ocorrências e verificar o contexto em que ambas as designações são utilizadas. Conforme já foi mencionado, no caso do índice, a principal problemática deveu-se ao facto de que, até à data, a maioria dos artigos publicados não se encontram traduzidos e pouco ou nada existe em português sobre, por exemplo, “Overt and covert translation”, que em português se traduz habitualmente por “Tradução implícita e explícita”. Reforço que a possibilidade de poder recorrer aos verbetes permite verificar a perspetiva do texto e ler os termos no seu contexto original. Com efeito, foi através da tradução do índice que se estabeleceram os títulos de todos os artigos em português. Neste caso, pela natureza do documento, foram ainda utilizadas ferramentas de tradução, como o SDL Trados Studio 2014, que permitiram garantir consistência e coerência de termos muitas vezes repetidos.

Além das questões relacionadas com o índice, verificou-se também outras questões terminológicas como indica a tabela abaixo.

Tabela II: Exemplos de terminologia

Original de Elke Brems e Sara Ramos Pinto	<ul style="list-style-type: none"> • ‘Rezeptionsaesthetik’ (aesthetic of reception) • ‘Konstanzer Schule’ (Constance School)
Tradução realizada pela discente	<ul style="list-style-type: none"> • "Rezeptionsaesthetik" (Estética da receção) • “Konstanzer Schule" (Escola de Constança)
Revisão realizada pelas orientadoras e a autora Sara Ramos Pinto	<ul style="list-style-type: none"> • Estética da receção (“Rezeptionsaesthetik” em alemão) • Escola de Constança ("Konstanzer Schule" em alemão)

Analisando o exemplo da tabela, verifica-se que as autoras do verbete optaram por incluir a tradução de ambos os termos, "Rezeptionsaesthetik" e “Konstanzer Schule" entre parênteses. Existe uma hierarquia estabelecida, onde o termo em alemão se destaca relativamente à língua de partida do texto, o inglês. Esta lógica é refutada no processo de revisão. A autora do texto, enquanto revisora, sugere que “em casos como este (...) se coloque sempre em português primeiro e em alemão entre parênteses. Isto facilitaria a leitura, algo que é certamente prioritário tendo em conta a função deste texto”.

Tabela III: Exemplos de terminologia

Original de Luc Van Doorslaer	<ul style="list-style-type: none"> • Journalator
Tradução realizada pela discente	<ul style="list-style-type: none"> • “jornator” (“journalator” em inglês)
Revisão realizada pela discente e as orientadoras	<ul style="list-style-type: none"> • “jornadutor” (“journalator” em inglês)

Este exemplo, retirado do verbete “Jornalismo e tradução”, da autoria de Luc Van Doorslaer, igualmente editor da obra *Handbook of Translation Studies*, apresenta uma problemática distinta. No TP o autor criou um neologismo formado pela junção das primeiras duas sílabas do termo 6

“journalist” e as duas últimas sílabas de “translator”. Neste sentido, o termo “journalator” não tem uma tradução fixa em português. Através da leitura do artigo, foi possível entender o processo de formação da palavra. Trata-se de um processo de formação não morfológico denominado de amálgama¹. Vejamos a tabela seguinte:

Tabela IV: Processo de formação não morfológico do termo “journalator”

LÍNGUA	PALAVRA 1	PALAVRA 2	SOLUÇÃO 1	SOLUÇÃO 2
TP	Jour-na-list	Trans-la-tor	Journalator	--
TC	Jor-na-lis-ta	Tra-du-tor	Jornator	Jornadutor

Analisando o quadro acima, verifica-se que a primeira solução encontrada no TC, ainda que seja mais próxima foneticamente ao termo do TP, acabou por ser substituída. Em primeiro lugar, a segunda solução inclui o sufixo “dutor” que vem do latim *ducere*, palavra que significa guiar ou conduzir e que é uma das definições principais da função do tradutor: conduzir de uma língua/cultura para outra língua/cultura. Por outro lado, em termos fonéticos, torna-se mais fácil perceber a origem de “jornadutor” do que de “jornator”, mantendo o sentido da formação deste neologismo no contexto do verbete.

1.3. Hiperligação: problemática de um texto online

Existem problemáticas inerentes à prática de tradução de textos online e que, como tal, estão presentes apenas em projetos de tradução desta dimensão.

Segundo o dicionário online *Infopédia*, uma hiperligação é uma palavra ou imagem que serve de ligação a outro documento ou página de internet, ao qual se acede através de um clique². Na enciclopédia HTS, as hiperligações podem ser encontradas no corpo de texto dos verbetes, em forma de palavras com uma formatação específica e que fazem ligação a outros artigos, textos ou páginas de internet relacionadas com a temática ou o autor abordado. No exemplo abaixo, é possível verificar alguns exemplos de hiperligações no corpo do texto.

¹ *Amálgama* in Dicionário Infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2018. [consult. 2018-06-17 17:39:09]. Disponível na internet:

<https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/amalgama>

² *Hiperligação* in Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2018. [consult. 2018-06-18 15:38:13]. Disponível na Internet: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/hiperligacao>

Tabela V: Exemplo retirado do verbete “Receção e tradução” de Elke Brems e Sara Ramos Pinto, traduzido pela discente e revisto pelas orientadoras.

Original de Elke Brems e Sara Ramos Pinto	concept of equivalence and the comparison between source and target texts, towards the study of translation within the receiving culture and the role translations played in the identity formation and dynamics of the target culture (see Descriptive Translation Studies).
Tradução realizada pela discente	conceito de equivalência e na comparação entre os textos de partida e de chegada e, por outro, a promoção do estudo da tradução no seio da cultura de chegada e do seu papel na criação de identidade e dinâmicas (consulte Estudos de Tradução Descritivos).

No ato tradutório, entendemos que estas hiperligações devem ser traduzidas, uma vez que representam informação importante para a contextualização do verbete. No entanto, é necessário ter em atenção que a formatação das hiperligações é respeitada; que uma vez publicados os verbetes, estas hiperligações sejam atualizadas e que continuem a cumprir a sua função de ligação; que, quando a hiperligação faz referência ao título de outro verbete da enciclopédia, a tradução do primeiro corresponda à tradução do segundo. Entende-se também que estas hiperligações têm uma função fundamental na relação entre os textos da obra, uma vez que, por diversas vezes, os temas retratados abrangem não só autores da obra HTS, como conceitos de diversos verbetes.

Tabela VI: Exemplo retirado do verbete “Censura” de Denise Merkle, traduzido e revisto no âmbito deste projeto.

Original de Denise Merkle	transfer process
Tradução realizada pelos alunos da licenciatura	processo de transferência
Revisão realizada pela discente e as orientadoras	processo de transferência (transfer)

Neste caso, enquanto no TP o link associado à palavra é mantido como tal, no TC optou-se por uma solução diferente: os termos traduzidos são sucedidos pelos termos originais, entre parênteses, que contêm a função de ligação. Assim, a hiperligação continua a fazer parte do texto, mas não interfere no conteúdo do mesmo.

1.4. Pontuação

A pontuação transmite uma diferença gramatical visível entre a língua portuguesa e inglesa. De acordo com Lindley Cintra e Celso Cunha, em *Nova Gramática do Português Contemporâneo* (2007: 657), a língua portuguesa recorre à pontuação para transcrever o ritmo e a melodia do discurso oral. Sendo que o ritmo e a melodia do discurso variam de acordo com língua, nada mais natural que estas marcas sejam diferentes. Baseada nas regras de pontuação da língua de chegada, a pontuação deve ser adaptada no ato tradutório e de revisão de textos. As principais diferenças residem na mudança de aspas inglesas (‘’) pelas aspas elevadas (“”); na substituição do travessão duplo (—) pela vírgula (,), sendo esta marca mais comum na língua portuguesa enquanto marca de separação de elementos da frase ou pausa; e na substituição de ponto e vírgula (;) pelo ponto final. Esta última marca de pontuação aplica-se a pausas mais longas que a vírgula e mais curtas que o ponto final e é utilizada para separar duas orações da mesma natureza que, quando separadas por um ponto final, perdem o ritmo. Por este motivo, a substituição deste elemento por uma vírgula ou ponto final leva, na maioria dos casos, à reformulação frásica.

1.5. Notas de Rodapé

Outra problemática a ter em conta foi a colocação de notas de rodapé quando estas não existiam no TP. Quando trabalhamos com textos desta natureza podemos sentir necessidade de recorrer a notas de rodapé para explicar conceitos ou referências que são introduzidos pelo autor e que poderão quebrar a leitura se inseridas no corpo do texto. No entanto, a utilização destes elementos não é consensual. Na obra *Literary Translations: a practical guide* (2001: 93), Clifford E. Landers refere que, no âmbito da tradução literária, a utilização destas notas é vista como um sinal de pouca maturidade profissional. Trata-se de uma técnica muito utilizada no contexto académico como uma necessidade, muitas vezes exagerada, de demonstrar informação que não só quebra a fluidez da leitura, como restringe a imaginação do leitor. Tanto nos textos revistos como nos traduzidos esta prática foi evitada, tendo sido utilizada apenas quando considerado estritamente necessário. Por exemplo, Sara Ramos Pinto refutou uma nota de rodapé na revisão do verbete “Receção e tradução”, justificando que “um verbete introduz conceitos por natureza sobre os quais cabe aos leitores procurar mais informação”. A nota em questão explicava a escolha de tradução para os termos “frame” e “framing” que, neste contexto, poderia não ser clara para o leitor:

Tabela VII: Nota da tradução eliminada pela autora Sara Ramos Pinto do verbete “Receção e tradução”

Contexto	"enquadramento" ("frame") e "enquadrar" ("framing")
Nota	N. da Trad.: Em "Translation and Conflict: A Narrative Account" (2006:167), Mona Baker define "frame, framing" como "frames are structures of anticipation, strategic moves that are consciously initiated in order to present a narrative in a certain light. Framing is an active process of signification by means of which we consciously participate in the construction of reality".

No exemplo da tabela, e de acordo com a justificação da autora, a discente optou por retirar a nota de rodapé. No verbete “Universais de tradução” houve novamente a necessidade de recorrer a estas marcas textuais para explicar conceitos como “COBUILD corpus”, “Bank of English Corpus” e “Potenciais universais P”. Esta prática foi novamente discutida durante o processo de revisão do artigo e, apesar de ter sido analisada a opção de incluir estas definições no corpo do texto, optou-se pela manutenção desta informação em notas de rodapé, de forma a não acrescentar informação ao conteúdo original do verbete.

1.6. Interpretação e transferência

Quando trabalhamos com uma língua de partida estrangeira, existe o risco de cometer erros de interpretação e, por conseguinte, a mensagem do TP não ser corretamente transferida. Existem várias tendências que ocorrem no processo de transferência e que para Mona Baker (1996), um dos grandes nomes dos Estudos de Tradução, são marcas inerentes dos textos traduzidos. Falamos de universais de tradução como a simplificação, que defende que a tradução tende a ter uma variação lexical menor, ou da explicitação, onde existe uma necessidade, por vezes excessiva, de explicar o conteúdo do texto de partida através do processo de tradução. Por exemplo, o recurso a notas de rodapé, conforme explicado no ponto 1.5, é um claro exemplo da necessidade de explicar o conteúdo do texto de partida, ou seja, existe uma tentativa de proporcionar o máximo de informação possível ao leitor, garantindo que a mensagem do texto é entendida pelo leitor. A pontuação, além de representar uma introdução das características linguísticas da língua de chegada, pode ser considerada também um recurso de simplificação, pois entende-se que um maior número de pausas no texto ajuda não só o leitor, como o próprio tradutor, a entender a mensagem do TP. Outra problemática que poderá derivar do nível de compreensão da língua de partida, são os problemas de interpretação do objeto de tradução. Por exemplo, logo na primeira frase do verbete “Journalism and Translation”, segundo a nossa tradução, Luc van Doorslaer

refere que “a relação entre a linguagem (conhecimento) e o jornalismo tem sido, frequentemente, estabelecida e descrita no limiar da linguística (...)”. Neste caso, em que no texto original é utilizada a expressão “described in the margins of linguistics”, surgiram duas interpretações possíveis: a relação tem sido estabelecida e descrita nas margens da linguística, ou seja, numa área periférica desta disciplina, ou a relação tem sido estabelecida e descrita à margem da linguística, ou seja, fora do âmbito linguístico. Trata-se de um exemplo de problemática onde houve a necessidade de consultar o autor, pois a diferença entre as duas interpretações poderia mudar todo o sentido da frase e, por conseguinte, a linha de pensamento do leitor. No caso, o autor, depois de consultado, esclareceu que a relação entre as duas disciplinas, a linguagem e jornalismo, tem sido periférica, ou seja, apesar de não ser central, esta relação tem sido investigada como um campo da linguística.

1.7. Conclusão da Análise

Podemos concluir que as problemáticas aqui levantadas ocorrem no ato de tradução e revisão de textos e, como já mencionado anteriormente, o contacto com os autores ajuda a enriquecer o produto final, sendo fundamental para esclarecer e encontrar soluções de tradução. Podemos ainda concluir que a investigação tem um papel central e que a instituição de normas e métodos poderá contribuir para a boa prática tradutória. Por conseguinte, tendo em conta que a compreensão do texto é prioritária, é necessário garantir que as interferências linguísticas da língua de partida e as marcas do processo tradutório não comprometem a leitura do texto. É também importante olhar para os Estudos de Tradução como uma disciplina empírica e entender que a criação de regras e o aperfeiçoamento de técnicas vai ocorrendo ao longo dos anos, com a prática profissional.

2. Produto final

2.1. Verbetes revistos

Censura

Denise Merkle

Índice

1. Conceitos
2. Contexto e novas perspetivas

Referências bibliográficas

1. Conceitos

A interceção dos estudos dedicados à censura e tradução explora as manifestações extremas da influência de ideologias em traduções. Consequentemente, a sua investigação leva-nos a considerar os aspetos ideológicos mais importantes em Estudos de Tradução (Tymoczko em Ni Chuilleanáin *et al.* 2009: 45). A censura tem sido justificada com base em razões estéticas, morais, políticas, militares e religiosas e considerada, entre outras perspetivas, uma rede de agentes envolvidos no processo de **transferência**, em agência tradutória, na ética da tradução, na relação entre a reescrita (criatividade) e a tradução. Nem sempre se trata de um produto de situações binárias polarizadas em que tradutores inocentes são compelidos contra regimes repressivos no processo tradutório. Ainda que tradicionalmente considerada coerciva e repressiva, a investigação levada a cabo durante o século XXI dedicada à censura e tradução tem contribuído para o aprofundamento do conhecimento sobre este fenómeno complexo.

A localização da censura num *continuum* de **normas** e constrangimentos pode, por vezes, dificultar a identificação do grau de coerção e repressão (Brunette, em *TTR* 2002). A censura é um instrumento utilizado para moldar, ou mesmo reforçar, a visão do mundo e a produção do discurso. Esta poderá impor-se com particular crueldade quando confrontada com uma alteridade intolerável, deixando a sua marca na interpretação (comunitária e “formal”), na tradução para os *media* (i.e., cinema, teatro e teatro radiofónico) e em todos os tipos e géneros de tradução textual (ou seja, diários de viagem, textos religiosos, discursos políticos, ensaios, poesia, romances, jornais) (*TTR* 2002; Billiani 2007; Seruya & Moniz 2008; Ní Chuilleanáin, Ó Cuilleánáin & Parris 2009). De uma forma geral, quanto mais abrangente for o público-alvo, mais rigorosa será a censura.

A censura estrutural é um lugar comum nas sociedades democráticas e trata-se dum conjunto de regras tácitas moldadas por hábitos e pelo capital simbólico de produtos discursivos no campo

da censura (Bordieu, em *TTR* 2002: 15-16), ainda que frequentemente não reconhecida de forma consciente.

Em contrapartida — ainda que a censura esteja geralmente associada a regimes totalitários — estudos recentes vêm realçar a eficácia deste fenómeno em sociedades democráticas. Quando se torna institucionalizada em contextos repressivos, a censura pode revestir a forma de um projeto colaborativo (Kuhiwczak, em Ni Chuilleanáin, *et al.* 2009). Podemos referir, por exemplo, o caso da República Democrática Alemã, onde a palavra “censura”, considerada tabu, era substituída por expressões como “planeamento e orientação” e “guia e apoio” (Thomson-Wohlgemuth, em Billiani 2007: 106). Os meios económicos, como as licenças e os impostos elevados, são um mecanismo de execução da lei adotado não só por regimes totalitários, como também por sistemas democráticos para excluir do mercado produtos culturais indesejáveis (Gambier, em *TTR* 2002). A censura é motivada pelo desejo de proteção dos mais vulneráveis ou pela criação de um sistema político ou cultural. Ben-Ari (2006) investigou o papel da (auto)censura na formação da imagem do “Sabra Puritano” na literatura hebraica, como parte de um projeto de construção da nação de Israel. Num “contexto de censura oficial” (*TTR* 2002: 10), a censura “institucional (do Estado ou religiosa)” (Billiani 2009: 29) dita a sua necessidade, ou seja, a necessidade dos legisladores, líderes políticos e religiosos. Estes relegavam, no entanto, essa responsabilidade aos serviços de censura. Os censores podem ser produtores consumados dos tipos de produtos culturais (como, por exemplo, a literatura traduzida e filmes legendados) que censuram ou até membros estimados pelas suas comunidades. Em alguns casos, inclusive, não têm conhecimento de tradução ou da língua e cultura de partida (Toury 1995: 278). Estes últimos, temidos e desprezados de várias maneiras, podem servir-se de meios repressivos, ou até mesmo violentos, para alcançar os seus objetivos censórios. Por conseguinte, “censura” tem, normalmente, uma conotação negativa. Contudo, a receção de filmes legendados censurados para o público geral (Gambier em *TTR* 2002) e da literatura infantojuvenil reescrita é, na sua maioria, positiva, sendo esta última muitas vezes assim conotada através da escolha do termo “**adaptação**”. Consequentemente, a censura é entendida, de outra forma, como servindo o posicionamento ideológico de uma entidade sociopolítica mais vasta (como nos exemplos acima) ou como repressiva.

A censura na tradução pode ocorrer antes ou depois da publicação. A censura prévia pode assumir a forma de bloqueio cultural (Wolf em *TTR* 2002), censura preventiva ou autocensura. O bloqueio cultural intervém aquando da entrada de um produto cultural na cultura de chegada. A cultura de partida poderá ter iniciado o processo de transferência ou os agentes da cultura de chegada poderão ter tentado importar um produto de uma cultura estrangeira. No entanto, os mecanismos de seleção intervêm de modo a bloquear a entrada dos produtos culturais

considerados indesejáveis ou, quando a entrada é permitida, influenciar a forma de transferência cultural (como, por exemplo, as diversas reescritas). Além disso, alguns produtos culturais manifestamente bloqueados poderão entrar no sistema de chegada por meios clandestinos (Merkle 2010).

Os tradutores que assumem o papel de “*gatekeeper*” (TTR 2002: 9) reproduzem a norma e são propensos a aplicar o princípio da correção ou autocorreção (autocensura) aos seus produtos discursivos, ao mesmo tempo que se mantêm, cuidadosamente, dentro da margem de Lefevere (O’Sullivan 2009). Aplica-se o conceito de “autocensura” — também apelidado de expurgação (“*bowdlerism*” em inglês) no contexto vitoriano (Ó Cuilleanáin 1999) — aos tradutores que, para irem ao encontro das expectativas da sociedade, censuram as suas próprias traduções, tanto consciente como inconscientemente. Ainda assim, a autocensura é difícil de identificar. Ou os materiais genéticos ou paratextuais descritivos do processo tradutório são deixados pelo tradutor, ou é impossível diferenciar, de forma exata, quais as mudanças efetuadas pelo tradutor, revisor, *copyeditor* ou editor. Por exemplo, quando a autocorreção de um tradutor é considerada insuficiente, o revisor, o *copyeditor* ou o editor poderão censurar mais partes do texto como medida preventiva. Desta forma, é assegurado que o texto passa o escrutínio da censura, garantindo que é recebido de forma positiva no mercado de chegada. Ao que tudo indica, enquanto a maioria dos tradutores tende a (auto)censurar ideias estrangeiras potencialmente problemáticas (como a conhecida hipótese de Simeoni 1998 sobre *submissão*), outros subvertem habilidosamente os valores da sua cultura, encontrando meios inovadores de importar a alteridade cultural (ou literária) (como, por exemplo, Léger em TTR 2002). O objetivo principal da censura (prévia) é o da internalização das normas de maneira a que os tradutores não pensem nessa questão. A sua escrita reproduz apenas o que se tem tornado, essencialmente, o “*habitus*” discursivo (Wolf 2002).

Caso uma tradução passe pelas brechas da censura, a pós-censura pode entrar em ação para remover a obra do sistema, boicotando-a (quando uma livraria recusa a venda dessa tradução ou um bibliotecário recusa emprestá-la) ou banindo-a formalmente (TTR 2002: 9). A pós-censura, enquanto forma de banir ou boicotar, é frequentemente a mais fácil de identificar e estudar, uma vez que as traduções são deliberadamente retiradas do mercado após a sua publicação.

2. Contexto e novas perspetivas

Os primeiros estudos de caso detalhados publicados centraram-se na censura da tradução em regimes totalitários repressivos marcados por uma ditadura militar e/ou política. Este é o caso de, por exemplo, Rundle 2000 & Dunnet 2002 (Itália fascista); Merino & Rabadán (Espanha franquista), Sturge (Alemanha nazi), Tomaszewicz (Polónia sob domínio soviético), em TTR

2002. Foram recentemente adicionados à lista estudos sobre Portugal (Seruya & Moniz 2008). A Inglaterra vitoriana disponibilizou material para o estudo dos mecanismos da censura em sistemas democráticos (como, por exemplo, Ó Cuilleanáin 1999; Merkle 2006, 2009; O’Sullivan 2009).

No entanto, apesar da concentração de investigações sobre censura e tradução desde meados dos anos noventa do século XX, existem diversas áreas a explorar e outras que aguardam um estudo mais sistemático e pormenorizado. Os primeiros passos foram dados na investigação mais sistemática da censura ao longo da História, como, por exemplo, durante a Europa oitocentista (Merkle, O’Sullivan, van Doorslaer & Wolf 2010). Wakabayashi (2000) dedica-se à história da censura e tradução no Japão desde meados do século XIX. A sua investigação contribuiu também para o alargamento de contextos geográficos. São necessários estudos mais sistemáticos e detalhados sobre textualidades e contextos geográficos não-ocidentais ainda que tenham sido publicados diversos ensaios e livros sobre, por exemplo, o Brasil, a China, a Turquia e a Ucrânia (Milton, Nam Fung Chang, Erkazanci & Olshanskaya, respetivamente, em Seruya & Moniz 2008) e Israel (Ben-Ari 2006). Embora a censura, enquanto ato repressivo, tenha sido devidamente investigada, a questão ideológica requer estudos adicionais. Além disso, comparativamente, tem sido levado a cabo pouco trabalho de investigação sobre o impacto da censura na criatividade textual e tradutória (Brownlie, em Billiani 2007), na relação entre censura e produção de conhecimento (Billiani 2009: 28) ou sobre as ligações entre censura, resistência e subversão (Tomaszkiewicz, em TTR 2002; Merkle 2010).

Referências bibliográficas

Ben-Ari, Nitsa. 2006. *Suppression of the Erotic in Modern Hebrew Literature*. Ottawa: Ottawa University Press. **TSB**

Billiani, Francesca (ed). 2007. *Modes of Censorship and Translation*. Manchester, U.K.: St. Jerome Publishing. **TSB**

Billiani, Francesca. 2009. 2nd edition. “Censorship.” In *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*, Mona Baker & Gabriela Saldanha (eds), 28-31. London & New York: Routledge.

Merkle, Denise. 2006. “Towards a Sociology of Censorship: Translation in the Late-Victorian Publishing Field.” In *Übersetzen – Translating – Traduire: Towards a “Social Turn”?*, Michaela Wolf (ed), 35-44. Münster/Hamburg/Berlin/Wien/London: LIT Verlag. **TSB**

- Merkle, Denise. 2009. "Vizetelly & Co as (Ex)change Agent: Towards the Modernisation of the British Publishing Industry." In *Agents of Translation*, John Milton & Paul Bandia (eds), 85-105. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins.
- Merkle, Denise. 2010. "Secret Literary Societies in Late Victorian Britain." In *Translation, Resistance and Activism*, Maria Tymoczko (ed). Amherst: University of Massachusetts Press.
- Ní Chuilleanáin, Eiléan, ó Cuilleánáin, Cormac & Parris, David (eds). 2009. *Translation and Censorship: Arts of Interference*. Dublin: Four Courts Press. **TSB**
- Ó Cuilleánáin, Cormac. 1999. "Not in Front of the Servants. Forms of Bowdlerism & Censorship in Translation." In *The Practices of Literary Translation*, Jean Boase-Beier & Michael Holman (eds), 31-44. London & New York: Routledge. **TSB**
- O'Sullivan, Carol. "Translation within the Margin: The 'Libraries' of Henry Bohn." In *Agents of Translation*, John Milton & Paul Bandia (eds), 107-129. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins. **TSB**
- Rundle, Chris. 2000. "The Censorship of Translation in Fascist Italy." *The Translator* 6 (1): 67-76. **TSB**
- Seruya, Teresa & Moniz, Maria Lin (eds). 2008. *Translation and Censorship in Different Times and Landscapes*. Newcastle, U.K.: Cambridge Scholars Publishing. **TSB**
- Simeoni, Daniel. 1998. "The pivotal status of the translator's habitus." *Target* 10 (1): 1-39. **TSB**
- Toury, Gideon. 1995. *Descriptive Translation Studies and Beyond*. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins. **TSB**
- TTR. 2002. *Censure et traduction dans le monde occidental/Censorship and Translation in the Western World*. Denise Merkle (ed.). Special issue of *TTR* XV (2). **TSB**

Literaturas pós-coloniais e tradução

Paul F. Bandia

Índice

1. A escrita enquanto tradução
2. Traduzir literaturas pós-coloniais
3. Conclusão

Referências bibliográficas

Outras leituras

A “viragem cultural” nas ciências sociais e humanas, ocorrida nos anos noventa, mudou para sempre os Estudos de Tradução. As análises e os discursos de tradução focados na linguagem — encarada, maioritariamente, como um sistema de comunicação e de troca linguística — deram lugar à cultura. Desta forma, a linguagem subordinou-se à cultura, estando ambas interligadas e, frequentemente, unidas em todas as discussões ou análises de tradução formais. Em Estudos de Tradução, várias foram as ramificações à medida que foram questionadas noções e conceitos datados, tais como a equivalência, língua padrão ou pura, binarismos distintos e a sua hierarquia implícita (original/tradução; texto de partida/texto de chegada; tradução palavra a palavra/tradução pelo sentido, etc.). O estudo das literaturas pós-coloniais está entre um dos principais domínios que introduziu a “viragem cultural” nos Estudos de Tradução. O género, a etnia, a sociologia, a alteridade linguística, a identidade, a política e a ideologia — temáticas frequentemente ignoradas no passado — ganharam proeminência na investigação em tradução, devido à própria natureza desta literatura de autores pós-coloniais em línguas coloniais.

A intersecção entre os estudos pós-coloniais e os Estudos de Tradução baseia-se, principalmente, na literatura e provocou o duplo efeito de expansão associado tanto ao alcance da crítica literária, como da crítica de tradução. Embora a era colonial seja, frequentemente, abordada pelos estudos pós-coloniais, os Estudos de Tradução pós-coloniais tratam, essencialmente, as literaturas pré- e pós-independentistas, i.e. literaturas que tratam o período imediatamente anterior e posterior à independência. É de salientar que a teoria pós-colonial — enquanto paradigma de investigação — está também a ser aplicada em contextos sem uma óbvia relação (pós-)colonial, como, por exemplo, a relação entre o Québec e o Canadá (Shamma 2009). Hoje em dia, parte-se do pressuposto de que as literaturas pós-coloniais incluem e tratam especificamente das literaturas neocolonialistas e metropolitanas, migrantes e de diáspora, que podem ser agrupadas e

classificadas como pertencentes à literatura pós-pós-colonial. Tais literaturas permitiram à investigação em tradução incluir culturas não-ocidentais, oriundas de África, Índia, América Latina e Caraíbas, assim como culturas não hegemónicas, como é o caso da cultura irlandesa e de colónias como a Austrália, Canadá e África do Sul.

1. A escrita enquanto tradução

A interação da tradução e das literaturas pós-coloniais apresenta uma abordagem dupla. Ocorre quando a escrita pós-colonial, na sua materialidade, se sobrepõe ao ato de traduzir (consultar Bandia 2008; Tymoczko 2000). O mesmo acontece na tradução interlinguística da literatura pós-colonial (Bandia 2008; Tymoczko 1999a). A primeira — também conhecida como “escrita enquanto tradução” — está relacionada com o facto de que, embora a escrita pós-colonial e a tradução sejam atos distintos, ambas apliquem estratégias semelhantes nas suas representações linguísticas e culturais. Com base nesta premissa, a literatura pós-colonial é compreendida metaforicamente como uma forma de tradução, pela qual a linguagem da colonização é subjugada, desvirtuada ou distorcida, de forma a captar e a transmitir a realidade ou a perspetiva sociocultural de uma linguagem cultural dominada pelo Outro.

O próprio facto de autores pós-coloniais escreverem sobre as experiências de sociedades anteriormente colonizadas na língua do colonizador é comparado à tradução como uma metáfora da representação do Outro. É neste sentido que Salman Rushdie é conhecido por se referir à escrita pós-colonial como literatura traduzida e aos autores colonizados ou migrantes como “homens traduzidos” (Rushdie 1991:17).

A equiparação metafórica da literatura pós-colonial à tradução tem sido reforçada por estudos empíricos que descrevem a ficcionalização pós-colonial fazendo referência a processos e estratégias de tradução (Bandia 2008; Tymoczko 1999b; Zabus 1991). A fundamentação destes estudos e a argumentação de que se trata de uma tradução são baseados naquilo a que Bandia (2008) se refere como interface de oralidade/escrita. Por outras palavras, a representação de culturas orais na língua colonial escrita é vista como um processo de dupla transposição, que envolve a tradução para o modo escrito de culturas de narrativa oral e a tradução entre culturas de línguas distantes ou estrangeiras. Porém, tal não implica que o ato da tradução seja uma ficção, mas explica os vestígios das línguas indígenas e da tradição oral na ficção em língua colonial em termos de tradução. Sem fazer qualquer referência específica à tradução, a obra basilar *The Empire Writes Back* (Ashcroft *et al.* 1989) estabeleceu o uso e as práticas da língua colonial como um atributo definidor das literaturas pós-coloniais. A tentativa dos escritores pós-coloniais de moldar a língua colonial num meio de expressão do pensamento e da literatura não-ocidentais resultou em variedades não-ocidentais de língua colonial, desafiando a sua hegemonia e as suas pretensões

universalistas-imperialistas, desestabilizando a noção clássica de uma língua padrão. A experimentação linguística e a inovação dentro da matriz da língua colonial tornaram-se num aparelho de escrita, o que resultou na hibridização e na vernacularização das línguas coloniais.

Além de inovações lexicais e formações/alterações sintáticas, a língua colonial foi infundida de formações dialetais estrangeiras e, em muitos casos, forçada a partilhar espaço com línguas híbridas, com que mantém relações de parentesco, mas cuja origem é local — tais como *pidgins*, crioulos e outras línguas francas — através do mecanismo de mistura e alternância de códigos linguísticos (*code-switching*). Tal contribuiu para a percepção da ficcionalização pós-colonial como envolvendo inerentemente a prática de plurilinguismo e heteroglossia literária. A transformação linguística das línguas coloniais, assim como a hibridização e as multiestratificação das línguas (Mehrez 1992) no texto pós-colonial, são conceptualizadas em termos de tradução, quer de forma pragmática — relativamente a processos de transferência linguística—, quer metaforicamente em relação ao papel implícito da tradução na leitura do discurso multilingue. Ainda que seja muitas vezes entendida como um conjunto de estratégias de representação linguística e cultural, a ficção pós-colonial também suscita questões ontológicas; questões essas que foram adotadas como paradigmas de investigação nos Estudos de Tradução. Por exemplo, as questões de identidade, ideologia e relações de poder são inerentes à escrita do discurso subalterno nas línguas dominantes ou hegemónicas, tendo-se estas questões tornado fundamentais na relação entre a literatura pós-colonial e a tradução. O pós-colonialismo levantou sérias dúvidas sobre perspectivas com longa tradição nos Estudos de Tradução, principalmente sobre a natureza do “original” e a sua relação com o texto traduzido, a noção de equivalência ou transferência entre entidades linguísticas monolíticas estáveis e, por fim, a conceptualização puramente linguística e não-ideológica da prática de tradução. Enquanto sub-ramo, podemos dizer que a investigação pós-colonial fez com que os Estudos de Tradução perdessem a inocência, ao estabelecer uma comparação entre a escrita pós-colonial como resistência à hegemonia e a tradução de culturas subalternas como resistência ao imperialismo ou subversão das práticas linguísticas e culturais dominantes.

2. Traduzir literaturas pós-coloniais

A literatura pós-colonial surge através do olhar da tradução como um produto de ficcionalização inventiva — questão já discutida anteriormente — ou enquanto tradução propriamente dita da ficção pós-colonial de uma língua mundial para outra. Por conseguinte, a tradução como prática é essencial para a escrita e disseminação das literaturas pós-coloniais. Desempenha um papel central na luta das culturas marginalizadas pela aceitação e pelo reconhecimento no espaço literário mundial. Tal, por sua vez, confere à tradução preocupações

políticas e ideológicas devido à centralidade das relações de poder na conexão entre a teoria pós-colonial e os Estudos de Tradução.

Em “The Politics of Translation” (1993), Gayatri Chakravorty Spivak debate as ramificações ideológicas de traduzir a literatura do Terceiro Mundo para línguas colonizadoras ou hegemônicas. A autora assinala que as relações assimétricas de poder num contexto pós-colonial levam, muitas vezes, a práticas de tradução colonizantes que procuram minimizar as diferenças das culturas minoritárias, beneficiando a cultura de chegada majoritária. Assim sendo, a tradução continua a desempenhar um papel ativo na construção colonialista e ideologicamente motivada de povos colonizados como clones inferiores e miméticos dos seus ex-colonizadores. Para contrariar esta perspetiva, Spivak propõe uma estratégia de tradução baseada num “essencialismo estratégico ou positivo” (1993), apelando ao tradutor — à semelhança de um antropologista de campo — que procure um conhecimento profundo da língua, cultura e história dos colonizados.

Dada a centralidade do poder diferencial na teoria pós-colonial, Tejaswini Niranjana (1992) também encara a tradução com grande desconfiança, devido à forma como a historiografia colonialista usou a tradução para promover a sua agenda de domínio colonial. Assim, Niranjana apela aos Estudos de Tradução para deixarem de parte a sua imagem ingénua e imperfeita de uma disciplina que se preocupa principalmente com questões de representação linguística e para se confrontarem com os alicerces políticos e ideológicos de uma troca intercultural fundamentalmente baseada em relações de poder desiguais. Para compensar o desequilíbrio de poder, o tradutor pós-colonial deverá ser intervencionista e — através da prática da retradução — não só desconstruir as estratégias de tradução colonizantes, mas também resistir às imposições ideológicas colonialistas. Em geral, é à luz de tais reflexões teóricas que o encontro entre tradução e as literaturas pós-coloniais pode ser compreendido.

No que diz respeito ao contexto africano, Bandia (2008) propõe que a tradução da literatura pós-colonial é um processo tripartido que envolve a escrita da oralidade de uma cultura maioritariamente analfabeta para uma cultura escrita estrangeira e dominante e que, subsequentemente, envolve a transferência ou a conversão de um discurso de interculturalidade e intermedialidade de uma língua nacional noutra. É certo que existem muitas culturas minoritárias literadas para as quais a tradução para línguas com capital literário mundial é a única forma de reconhecimento. Este infeliz facto aumenta a perceção da ficção pós-colonial como literatura traduzida e a sua subsequente tradução para outras línguas como a tradução de um original traduzido. Assim, como os “homens traduzidos” (Rushdie 1991), os escritores pós-coloniais devem traduzir-se a si próprios para línguas mundiais, de modo a ganharem algum capital literário

no mercado mundial. Portanto, a tradução da literatura pós-colonial tem sido descrita de formas várias como “retradução” (Niranjana 1992), recriação, reescrita ou reparação (Bandia 2008) — pois envolve a representação de culturas marginalizadas em línguas dominantes — com a intenção subjacente de corrigir a história. Trata-se de tradução enquanto reparação porque o seu principal objetivo é o de restituição ou restauração, de compensação das inanidades do passado e de resistência à deturpação linguística, social e cultural. Longe de ser uma mera transferência linguística, o pós-colonialismo impõe uma prática de tradução enquanto negociação entre culturas numa relação de poder desigual.

Traduzir literatura pós-colonial envolve a rejeição da teoria da linguagem de representação convencional dos Estudos de Tradução — que elide política e ideologia — e a subversão das práticas linguísticas e estéticas dominantes. Tendo em conta o seu estatuto de “texto traduzido”, bem como o seu hibridismo e plurilinguismo característicos, a ficção pós-colonial desestabiliza a relação entre o original e a tradução, muitas vezes concebida em termos de uma identidade uniforme e monolítica facilmente definida ou circunscrita e transferível de uma língua para outra. Linguisticamente, o texto pós-colonial apresenta multiestratos, sendo também multifacetado a nível cultural, e exige estratégias de tradução capazes de representar a sua pluralidade inata.

3. Conclusão

A ficção pós-colonial é, portanto, disseminada através de uma poética de tradução como relação, pois é transposta e recriada em línguas de poder mundiais e apelo universal, que outrora foram instrumentos de opressão da própria realidade pós-colonial. É uma relação problemática na qual o indivíduo pós-colonial se traduz a si mesmo para a língua do colonizador. A interceção da literatura pós-colonial e da tradução repõe a ética da tradução, levantando questões sobre a relação entre o autor-tradutor e a língua, sobre quem traduz literatura pós-colonial e para quem, as editoras e as políticas editoriais respeitantes às literaturas minoritárias escritas em línguas majoritárias, a localização do poder e a relação entre centro e periferia e, por fim, sobre o ensino das literaturas pós-coloniais na tradução. No que se refere à prática da tradução, surgem outras questões éticas relativas ao nível de fluência ou transparência do texto de chegada, como a questão controversa da assimilação de culturas de línguas minoritárias, a manipulação ou subversão da língua, as éticas de mesmidade ou diversidade, a receção e legibilidade da tradução e o papel da tradução como um agente descolonizador. O ponto fulcral da interseção das literaturas pós-coloniais e da tradução é a questão da literatura e da identidade no nosso mundo contemporâneo, caracterizado por culturas híbridas e traduzidas, num contexto de poder desigual diferencial que surge como consequência da colonização.

Referências Bibliográficas

Ashcroft, Bill, Griffiths, Gareth & Tiffin, Helen. 1989. *The Empire Writes Back: Theory and Practice in Postcolonial Literatures*. London & New York: Routledge.

Bandia, Paul F. 2008. *Translation as Reparation: Writing and Translation in Postcolonial Africa*. Manchester: St. Jerome Publishing. **TBS**

Mehrez, Samia. 1992. "Translation and the Postcolonial Experience: The Francophone North African Text." In *Rethinking Translation*, Lawrence Venuti (ed.), 120-138. London & New York: Routledge. **TSB**

Niranjana, Tejaswini. 1992. *Sitting Translation: History, Post-Structuralism, and the Colonial Context*. Berkeley: University of California Press. **TSB**

Rushdie, Salman. 1991. *Imaginary Homelands: Essays and Criticisms, 1981-1991*. London: Granta.

Shamma, Tarek. 2009. "Postcolonial Studies and Translation Theory." *MonTI* 1: 183-196.

Spivak, Gayatri Chakravorty. 1993. "The Politics of Translation." In *Outside in the Teaching Machine*, 179-200. London & New York: Routledge. **TSB**

Tymoczko, Maria. 1999a. "Post-Colonial Writing and Literary Translation." In *Post-Colonial Translation: Theory and Practice*, Susan Bassnett & Harish Trivedi (eds), 19-40. London & New York: Routledge. **TSB**

Tymoczko, Maria. 1999b. *Translation in a Post-Colonial Context: Early Irish Literature in English Translation*. Manchester, UK: St. Jerome Publishing. **TSB**

Tymoczko, Maria. 2000. "Translations of Themselves: the Countours of Postcolonial Fiction." In *Changing the Terms: Translating in the Postcolonial Era*. Sherry Simon & Paul St-Pierre (eds), 147-163. Ottawa: University of Ottawa Press. **TSB**

Zabus, Chantal. 1991. *The African Palimpsest: Indigenization of Language in the West African Europhone Novel*. Amsterdam & Atlanta: Rodopi

Outras Leituras

Bassnett, Susan & Harish Trivedi (eds). 1999. *Post-colonial Translation. Theory and practice*. London & New York: Routledge. **BoP TSB**

Cheyfitz, Eric. 1991. *The Poetics of Imperialism. Translation and Colonization from The Tempest to Tarzan*. New York and Oxford: Oxford University Press. **TSB**

Rafael, Vicente L. [1988] 1993. *Contracting Colonialism: Translation and Christian Conversion in Tagalog Society under Early Spanish Rule*. Rev. ed. Durham, NC: Duke University Press. **TSB**

Simon, Sherry & Paul St-Pierre (eds). 2000. *Changing the Terms: Translating in the Postcolonial Era*. Ottawa: University of Ottawa Press. **TSB**

2.2. Verbetes traduzidos

Jornalismo e tradução

Luc Van Doorslaer

Índice

1. Transedição e os diversos media

2. Uma prática criativa e recreativa

Referências bibliográficas

Outras leituras

A relação entre a linguagem (conhecimento) e o jornalismo tem sido, frequentemente, estabelecida e descrita no limiar da linguística (discursiva, estilística, pragmática) e da investigação orientada para a comunicação, principalmente, em relação à recolha de notícias estrangeiras e à sua produção. No entanto, o interesse pela posição específica da tradução, tanto como processo e produto nesta interação, é relativamente recente. Nos ramos de investigação da tradução e da comunicação social, podem ser identificados vários sub-ramos. [Van Doorslaer \(2009\)](#), referindo-se a várias publicações recentes e utilizando dados quantitativos, demonstra que a esfera desta investigação se centra, principalmente, nos sub-ramos da **tradução audiovisual**, **voiceover e dobragem** e **legendagem**. Nestes sub-ramos, os aspetos relativos ao jornalismo da tradução para os media, bem como a posição da tradução no trabalho diário de um jornalista, não são manifestos objetos de estudo. No entanto, na sequência do projeto de Warwick sobre "Translation in Global News", a tradução de notícias tem suscitado um interesse cada vez maior, assim como outros aspetos relacionados com notícias e tradução. [Valdeón \(2015\)](#) traça uma panorâmica dos últimos quinze anos de investigação dedicada à "Tradução Jornalística". As publicações mais importantes do projeto Warwick são as atas da conferência de [Conway & Bassnett \(2006\)](#) e, principalmente, de [Bielsa & Bassnett \(2009\)](#), a última publicação fruto do projeto. Esta explora o papel específico da tradução nas chamadas agências noticiosas mundiais (como a AP, Reuters e AFP), bem como nos textos de notícias traduzidas. Apesar das tendências para a globalização e padronização, o papel crescente desempenhado pela língua inglesa e até o domínio dos modelos de escrita anglófona (textos mais diretos e mais pequenos), ainda existe uma variedade importante na utilização de diferentes enquadramentos e práticas, estratégias e valores de tradução. Por vezes, esta variedade pode remontar às origens nacionais/regionais da agência noticiosa ou até a escolhas marcadas relativamente ao conteúdo, como, por exemplo, o caso da agência de notícias "alternativa" IPS. Foi alcançado um novo equilíbrio desde a publicação do

afamado relatório MacBride, que critica a circulação desequilibrada de notícias no mundo e a cobertura dos media dos "países de elite" ([MacBride 1980](#)). Contudo, uma combinação complexa de relações de poder (continental, nacional, linguístico, político e ideológico) determina escolhas e decisões importantes, tendo em conta a seleção, a tradução e a edição de notícias. Christina [Schäffner \(2008\)](#) analisa um *corpus* de textos jornalísticos traduzidos e de frases políticas readaptados para o público-alvo (sem qualquer referência ao ato tradutório). A autora demonstra que as condições ideológicas e institucionais de produção tradutória têm uma importância decisiva nos casos do jornalismo e da comunicação política. [Roberto Valdeón \(2008\)](#), no seu estudo de caso sobre a BBC Mundo espanhola, identifica uma diferença fundamental no estatuto entre as culturas anglófonas e de língua espanhola, onde a importância da cultura anglófona, em relação à de língua espanhola, é frequentemente acentuada na cobertura jornalística. A seletividade jornalística visível na apropriação, tradução e edição de certos materiais influencia o enquadramento da perceção do mundo. [Luc van Doorslaer \(2009\)](#) revela uma clara correlação entre as agências noticiosas usadas como principais fontes de informação e os países que são abordados na cobertura jornalística internacional. Por exemplo, as redações belgas utilizam, maioritariamente, a AP e escrevem mais sobre os EUA. Aquelas que utilizam, principalmente, a AFP escrevem muito mais sobre a França. Mesmo que, hoje em dia, as agências noticiosas mundiais se apresentem como "globais", as suas raízes são claramente evidentes. Fazem uso, inevitavelmente, das normas associadas às suas origens nacionais, o que se reflete na (não) seleção de princípios, bem como na sua abordagem estrutural. Desta forma, a questão da rutura com as suas origens nacionais e/ou regionais aquando da sua produção de notícias mantém-se ([Bielsa & Bassnett 2009: 49](#)).

1. Transedição e os diversos media

Assim, no processo de produção noticiosa, podem ser encontrados, a diferentes níveis, diversos aspetos tradutórios, tanto na fase inicial de recolha de notícias (correspondentes, agências noticiosas), como na fase de redação (edição e escrita) nas agências, redações e organizações noticiosas (nacionais e locais). Em particular, os critérios de (não) seleção adotados em diferentes fases são consideravelmente influenciados pelo conhecimento linguístico e pela (não) tradução. Numa escala global, em muitas redações, a tradução não é feita por tradutores. Ainda assim, a tradução é parte integrante do trabalho jornalístico: uma combinação complexa e integrada de recolha, tradução, seleção, reinterpretação, contextualização e edição de informação. [Karen Stetting \(1989\)](#) propôs o termo "transedição" para descrever a tradução e edição, termo este referido diversas vezes na posterior investigação. No entanto, Schäffner duvida que o termo

acrescente qualquer poder explicativo, visto que todas as transformações identificadas na tradução de notícias são também elas características da tradução (2012: 866).

Desta perspectiva, parece legítimo que a maior parte da investigação esteja primordialmente centrada no jornalista-tradutor, como ator crucial deste processo de criação e recriação de significado. Luc van Doorslaer, com base nas semelhanças entre o trabalho diário do tradutor e o de alguns jornalistas, introduz o termo "jornadutor" ("journalator" em inglês) para designar um profissional cujo trabalho na redação passa, maioritariamente, pela tradução (na sua definição mais lata) aquando da produção de textos de cariz jornalístico (2012: 1049). [Kyle Conway \(2008\)](#) propõe que deixemos de nos concentrar no jornalismo em si e passemos a olhar para o sistema social no qual o mesmo funciona, incluindo aspetos como o papel político dos jornalistas ou a influência dos vários níveis de identidade nacional nos papéis institucionais dos jornalistas.

A maior parte da investigação existente relativa à tradução de notícias centra-se em materiais de notícias online e impressas, por razões muito práticas: como as peças de notícias audiovisuais são orais, a sua disponibilidade para análise textual escrita ou comparação não é imediata. Geralmente, não é fácil recuperá-las dos próprios media, nem sequer para a investigação científica. As contribuições sobre a posição da tradução e dos tradutores nas redações televisivas têm-se focado na pressão, no stress e nas circunstâncias caóticas da produção noticiosa, com pouca atenção específica à transferência da língua ou à legendagem de notícias. [Claire Tsai \(2006\)](#), por exemplo, estuda os tradutores de notícias da televisão tailandesa que trabalham com prazos extremamente apertados. Sob tais condições, a tradução é uma atividade muito desconfortável. Estes produtos de tradução são, normalmente, o resultado de elevados níveis de simplificação ou manipulação de novos textos. Um dos raros exemplos que combina e compara a tradução de notícias de jornal e de radiodifusão pode ser encontrado em [Lee \(2006\)](#) para o par de línguas coreano-inglês. Esta publicação analisa as diferenças das estruturas dos *leads* da radiodifusão e dos jornais. Ao contrário do que acontece na tradução de notícias da rádio, em que é dada preferência aos *leads* mais pequenos, na tradução de jornais esta redução é de difícil identificação, sendo que a expansão dos mesmos aparenta ser mais frequente. Embora, em ambos os contextos, os tradutores desempenhem os papéis tradicionais de mediadores culturais responsáveis pelas suas decisões, os tradutores de jornais (ou tradutores-jornalistas de jornais) atuam mais claramente como "gatekeepers", tirando partido de uma maior liberdade em comparação com a tradução em radiodifusão.

.

2. Uma prática criativa e recreativa

Exceto em casos excepcionais, em que tradutores "reais" trabalham em redações, a tradução jornalística quase nunca é encarada como "tradução" no sentido restrito ("translation proper" em inglês). Há mais de cinquenta anos, Roman [Jakobson \(1959\)](#) publicava um artigo pioneiro no qual distinguia entre a tradução intersemiótica, interlinguística e intralinguística. Ainda que o interesse em processos de transferência num mundo globalizado seja grande e continue em crescimento, a tradução, em muitas destas publicações, ainda é considerada (principal ou unicamente) transferência linguística. O alargamento explícito de Jakobson do objeto dos Estudos de Tradução está presente, de forma clara, no trabalho diário de edição e tradução nas redações. A mensagem telex cibernética em inglês, de uma fonte na Índia, reescrita para a edição da manhã do *The Independent* é um exemplo de uma tradução intralinguística. Um artigo de notícias italiano em *La Repubblica*, adaptado a partir de uma peça noticiosa da televisão pública alemã ZDF, é um exemplo de uma tradução intersemiótica. Apesar da transferência intersemiótica ou intralinguística, existe um elevado número de casos fora dos media, em que o texto de partida e de chegada ou produto podem ser claramente identificados. No entanto, a maioria da reescrita no campo jornalístico é mais problemática relativamente ao estatuto do texto de chegada (identificável). Em muitos casos, várias fontes ou, mais precisamente, diversos textos de partida são usados para produzir um novo texto de chegada. Voltemos a analisar o último exemplo: sempre que a ZDF quer preparar uma peça sobre a política do primeiro-ministro italiano, esta não é apenas baseada no artigo de *La Repubblica*, mas também, com quase toda a certeza, nas peças mais recentes, noutras coberturas dos media internacionais e nacionais sobre o mesmo tema, bem como em informações ou comentários de peritos. Nestes processos, os textos de partida são múltiplos e combinados com processamento de informação, várias transformações, fases de reescrita e de reformulação, para se poder produzir um novo texto de chegada. Esta multiplicação de textos problematiza a presença e o estatuto do texto de partida numa relação tradutória "normal". Esta situação é bastante frequente na tradução do jornalismo: a combinação de várias fontes com uma utilização altamente pragmática da tradução; utilização essa que envolve potencialmente os três campos descritos por Jakobson. Para o investigador de tradução, a reconstrução das diferentes fontes é praticamente impossível. Ainda que o sentido alargado de "tradução" de Jakobson se cinja apenas ao texto de chegada e ao contexto de chegada, a extensão aqui retratada refere-se aos aspetos do texto de partida e do contexto de partida. Como consequência desta combinação complexa de fatores, estudar a posição e o papel da "tradução" no seu sentido restrito, na prática jornalística diária de produção textual, pode ser bastante desafiador, mas não necessariamente gratificante. Os investigadores de tradução para os media

são frequentemente confrontados com este obstáculo: em muitos casos concretos, não é realista desconstruir uma mensagem noticiosa para determinar quais as partes que foram editadas e quais as resultantes de atos de tradução interlinguísticos. O caso de [Lucile Davier \(2014\)](#) de produção de textos em agências noticiosas suíças demonstra a relativa invisibilidade do multilinguismo e da tradução num processo altamente plurilinguístico.

A tradução na área jornalística não tem apenas de ter em conta o estado de desintegração do texto de partida, mas também tem de problematizar o conceito de autoria. Na produção do texto jornalístico, a tradução e a escrita fazem parte do mesmo processo; processo esse concomitantemente criativo e recreativo. Na maioria dos casos, é impossível distinguir as duas atividades envolvidas neste processo integrado. O mesmo acontece para as duas funções numa redação: jornalistas a escrever relatórios "originais" ou jornalistas a traduzir e a reescrever, baseados em fontes existentes. Esta prática explica a ausência de tradutores "reais" nas redações, uma situação considerada altamente paradoxal: como a tradução está presente em todos os processos, não existem cargos formais de tradução. A relatividade do estatuto do texto de partida e da autoria cria uma situação oposta em vários aspetos à posição da tradução, por exemplo, na investigação tradicional de tradução literária, em que o autor e o "original sagrado" ocupam uma importância central. É esta especificidade que faz com que a relação entre o jornalismo e a tradução seja extremamente interessante para os Estudos de Tradução.

Referências bibliográficas

Bielsa, Esperança & Bassnett, Susan. 2009. *Translation in Global News*. London: Routledge.
doi: 10.1075/target.19.1.08bie BoP

Conway, Kyle. 2008. "A cultural studies approach to semantic instability: The case of news translation." *Linguistica Antverpiensia New Series* 7: 29–43..
doi: 10.1080/14781700.2012.701938 TSB

Conway, Kyle & Bassnett, Susan. (eds) 2006. *Translation in global news: proceedings on the conference held at the University of Warwick 23 June 2006*. University of Warwick.
www2.warwick.ac.uk/fac/arts/ctccs/research/tgn/events/tgn/translation-in-global-news-proceedings.pdf [Accessed 3 May 2010].

Davier, Lucile. 2014. "The paradoxical invisibility of translation in the highly multilingual context of news agencies." *Global Media and Communication* 10(1): 53–72.
doi: 10.1177/1742766513513196 TSB

Jakobson, Roman. 1959. "On linguistic aspects of translation." In *On translation*, Reuben Arthur Brower (ed.), 144–151. Cambridge: Harvard University Press. TSB

Lee, Chang-soo. 2006. "Differences in News Translation between Broadcasting and Newspapers: A Case Study of Korean-English Translation." *Meta* 51 (2): 317–327. doi: 10.7202/013259ar TSB

MacBride, Sean. 1980. *Many voices, one world: towards a new more just and more efficient world information and communication order (Report by the international commission for the study of communication problems)*. London/ Paris/ New York: Unesco. unesdoc.unesco.org/images/0004/000400/040066eb.pdf [Accessed 3 May 2010].

Schäffner, Christina. 2008. "'The Prime Minister said...': Voices in translated political texts." *Synaps* 22: 3–25.. doi: 10.1075/btl.26.11sch

2012 "Rethinking Transediting." *Meta* 57(4): 866-883. doi: 10.7202/1021222ar

Stetting, Karen. 1989. "Transediting – A New Term for Coping with the Grey Area between Editing and Translating." In *Proceedings from the Fourth Nordic Conference for English Studies*, G. Caie (eds), 371–382. Copenhagen: University of Copenhagen.

Tsai, Claire. 2006. "Translation through Interpreting: A Television Newsroom Model." In *Translation in global news: proceedings on the conference held at the University of Warwick 23 June 2006*, Kyle Conway & Susan Bassnett (eds), 59–71. Coventry: University of Warwick. TSB

Valdeón, Roberto A. 2008. "Anomalous news translation. Selective appropriation of themes and texts in the internet." *Babel* 54 (4): 299–326. doi: 10.1075/babel.54.4.01val BoP

Valdeón, Roberto A. 2015. "Fifteen years of journalistic translation research and more." *Perspectives* 23(4): 634-662. doi: 10.1080/0907676X.2015.1057187

Van Doorslaer, Luc. 2009. "How language and (non-)translation impact on media newsrooms. The case of newspapers in Belgium." *Perspectives* 17 (2): 83–92. doi: 10.1080/09076760903125051 TSB

2012. "Translating, Narrating and Constructing Images in Journalism with a Test Case on Representation in Flemish TV News." *Meta* 57(4): 1046-1059. doi: 10.7202/1021232ar

Outras leituras

Bielsa, Esperanca. 2007. "Translation in Global News Agencies." *Target* 19 (1): 135–155.
doi: 10.1075/target.19.1.08bie BoP

Orengo, Alberto. 2005. "Localising News: Translation and the 'Global-national' Dichotomy." *Language and Intercultural Communication* 5 (2): 168–187.
doi: 10.1080/14708470508668892 BoP

Schäffner, Christina. 2005. "Bringing a German Voice to English-speaking Readers: Spiegel International." *Language and Intercultural Communication* 5 (2): 154–157.
doi: 10.1080/14708470508668891 BoP

Valdeón, Roberto A. 2005. "The CNN en Español news." *Perspectives* 13 (4): 255–267.
doi: 10.1080/09076760608668996

Receção e tradução

Elke Brems e Sara Ramos Pinto

Índice

1. Do texto e autor para o leitor
2. Receção nos Estudos de Tradução
 - 2.1. Receção a partir de uma perspetiva social
 - 2.2. Resposta e avaliação dos leitores

Referências bibliográficas

Outras leituras

1. Do texto e autor para o leitor

Receção é um termo que, desde a sua introdução nos Estudos Literários nos anos sessenta do século XX, desviou o enfoque do texto e do autor para o leitor. Em sùmula, um texto não tem qualquer significado sem o contributo do leitor. Neste contexto é possível distinguir duas tradições principais para a conceptualização do fenómeno da receção: uma europeia e outra americana.

Na tradição europeia, um dos teóricos mais influentes foi o autor alemão Hans-Robert Jauss, cujo trabalho se enquadrava na Estética da receção (“Rezeptionsaesthetik” em alemão), no final dos anos sessenta, início dos anos setenta. Foi este autor que cunhou a expressão Horizonte de expectativas (“Erwartungshorizont” em alemão) para designar o conjunto de normas culturais, pressupostos e critérios que moldam a forma como os leitores, num determinado momento, compreendem e avaliam uma obra literária. O autor denomina de “receção” o processo pelo qual o leitor concretiza o potencial de um texto num significado ou sentido específicos. Jauss traçou como objetivo principal encontrar novas formas de escrever sobre a história literária. Defendeu também que é a evolução do público-alvo e não o período histórico do autor que explica a história do texto literário. Ainda no enquadramento da Escola de Constança (“Konstanzer Schule” em alemão), temos Iser que veio a introduzir o conceito de Lacunas textuais (“Leerstelle” em alemão). Para Iser, os textos oferecem apenas uma estrutura elementar, deixando muito por explicar ao leitor. Através do processo de leitura, o leitor preenche as lacunas e concretiza o significado do texto de maneira subjetiva e imaginativa.

Nos anos setenta, de forma quase paralela ao movimento da Konstanzer Schule, os especialistas americanos sobre literatura iniciaram a crítica centrada na resposta do leitor (“Reader Response Criticism” em inglês), que também desvia o foco da análise do texto para o leitor. Um

dos autores mais influentes deste movimento é Stanley Fish, que argumenta que o significado do texto depende de um determinado conjunto de pressupostos culturais (Fish 1980). Este autor defende que interpretamos os textos porque pertencemos a uma "comunidade interpretativa" que nos impõe uma forma específica de leitura do texto. Este conceito de "comunidades interpretativas" tornou-se extremamente influente, vindo a ser usado por diversos outros autores. Pressupõe que o "horizonte de expectativas" não se trata apenas de um conceito subjetivo ou individual, mas de um conceito coletivo e mediado por aspetos como a história, a geografia, o estatuto, a educação, a idade ou o género concedendo ao conceito de "recepção" uma dimensão política

2. Recepção nos Estudos de Tradução

Podemos considerar que esta mudança de paradigma em direção ao leitor teve um impacto significativo nos Estudos de Tradução (ET), fomentando a ideia de que a tradução é um produto do contexto de chegada. No âmbito do estudo da tradução, esta mudança implicou, por um lado, o distanciamento de uma abordagem (de base) linguística centrada no conceito de equivalência e na comparação entre os textos de partida e de chegada e, por outro, a promoção do estudo da tradução no seio da cultura de chegada e do seu papel na criação de identidade e dinâmicas (consulte Estudos de Tradução Descritivos).

Podemos assim afirmar que a relação entre os Estudos de Recepção e os Estudos de Tradução, além de histórica, é também central para os ET. No entanto, a sua ligação vai mais longe. Na perspetiva dos Estudos de Tradução, o conceito de leitor (incluindo necessariamente o espectador na Tradução Audiovisual (TAV) e na tradução para teatro, bem como o próprio tradutor na qualidade de primeiro leitor) também inclui conceitos como leitor implícito, comunidade interpretativa, críticos, cultura de chegada e leitor empírico. Neste contexto, é importante distinguir dois níveis de análise no estudo da recepção em ET: enquanto um analisa a recepção das traduções a nível social, focando-se em "leitores hipotéticos", o outro analisa a recepção a nível mais individual, focando-se nos "leitores reais". Este verbete faz uma breve análise dos estudos desenvolvidos, aplicando ambas as abordagens e as suas diferenças metodológicas.

2.1.Recepção a partir de uma perspetiva social

A nível social, o estudo da recepção de traduções implica uma análise centrada na recepção dos textos traduzidos a nível supra-individual. Este enfoque tem sido debatido por várias abordagens que mantêm uma forte ligação aos Estudos de Tradução, nomeadamente, os Estudos de Adaptação, a Histoire Croisée (História Cruzada), a Imagologia, a Transferência Cultural, os

Estudos Culturais, a Literatura Comparada (consulte [Estudos Literários e Estudos de Tradução e Imagens culturais e nacionais](#)).

O estudo da receção nem sempre se debruça nas traduções. No entanto, o rápido desenvolvimento dos Estudos de Tradução nas últimas décadas fez da tradução um objeto de estudo bastante comum nos Estudos de Receção. Por outro lado, apesar de os Estudos de Tradução nem sempre considerarem a receção de textos, esta abordagem tem sido muito praticada desde o início da disciplina. Segundo o autor Raymond [Van den Broeck \(1988\)](#), o desenvolvimento dos Estudos de Receção nos anos sessenta fez com que as traduções se tornassem um objeto de estudo comum, já que estimulava os investigadores a estudarem a função das traduções na cultura de receção e a importância da literatura traduzida para o desenvolvimento das literaturas nacionais.

No contexto dos textos traduzidos, a importância da "receção" para os Estudos de Tradução foi reclamada, principalmente, pelos Estudos Descritivos da Tradução. O teórico israelita Itamar Even-Zohar, no seu texto fundador intitulado "The Position of Translated Literature Within the Literary Polysystem" (escrito nos anos setenta e revisto nos anos noventa), debruça-se sobre a introdução dos produtos culturais de uma determinada cultura numa cultura de chegada por via da tradução. Este autor centra a sua atenção no modo como e os motivos pelos quais os textos traduzidos e os respetivos autores desempenham um papel central ou periférico na cultura de chegada. Por outras palavras, o texto traduzido poderá funcionar tanto como uma força inovadora ("primária"), como uma força conservadora ("secundária"). Esta ideia está relacionado com a "distância estética" de Jauss. Even-Zohar centra-se ainda na natureza da cultura de chegada, propondo uma sùmula das características demonstradas pelas culturas que se parecem mostrar mais propícias a aceitar produtos culturais de outros sistemas: (a) quando a literatura é jovem; (b) quando a literatura é periférica ou fraca e (c) quando ocorrem pontos de viragem, crises ou lacunas literárias. É no artigo "The making of culture repertoire and the role of transfer" que o autor introduz o conceito de repertório (consulte [Teoria dos polissistemas e tradução](#)). [Andringa \(2006\)](#) desenvolveu este conceito para o estudo da receção literária, reformulando-o como "material mental" composto por três componentes: (1) conhecimento de obras que servem de base e enquadramento de referência; (2) estratégias e convenções interiorizadas que regem a produção, receção e comunicação; e (3) conjuntos de valores e interesses que determinam a seleção, classificação e avaliação. Estes componentes interligam-se entre si pelo facto de estarem imbuídos de valores e serem movidos por interesses.

A correlação entre tradução e receção tem provado ser muito útil no estudo da [tradução cultural](#) e [literária](#). Tanto as abordagens qualitativas como as quantitativas têm demonstrado ser relevantes. Numa abordagem quantitativa, é possível reunir informações bibliográficas, contar

traduções, mapear fluxos de tradução (cf. [Heilbron 1999](#)) e fazer levantamentos das traduções realizadas num determinado período histórico, por um certo tradutor e numa determinada cultura de partida, entre outros (consulte também [Bibliometria](#)). Numa abordagem qualitativa, é possível estudar aspetos como um determinado autor, obra, [género literário](#) ou cultura de partida foram recebidas na cultura de chegada, ao olhar, por exemplo, para a crítica literária, movimento de influência e intertextualidade, ou movimento de censura. Através de questionários ou entrevistas é ainda possível analisar a reputação ou a interpretação de uma obra ou autor numa determinada comunidade. O importante conceito de "normas" (consulte [Normas de Tradução](#)) tem muitas vezes desempenhado um papel essencial neste tipo de abordagens à receção. Por outro lado, menos estudado tem sido o próprio texto traduzido enquanto meio de receção produtiva. Abordagens como a trazida pela Análise do Discurso mostram como a tradução funciona como uma “interpretação” do texto de partida, permitindo-nos concluir que o estudo da receção de textos traduzidos a nível textual poderá complementar o estudo da receção a nível social.

O estudo da transferência cultural, em particular, oferece uma ampla variedade de tópicos para os investigadores de Estudos de Tradução quando focado na análise da receção, por exemplo, da literatura eslovaca em Itália, John dos Passos na Holanda ou Shakespeare no cinema turco. Pode, igualmente, abrir uma linha de investigação para um objeto de estudo mais abstrato como, por exemplo, a tradução e a receção do Darwinismo em França. O conceito de “tradução” é neste sentido por vezes aplicado de um ponto de vista mais metafórico.

Este entendimento de "receção", fora do âmbito da literatura e cultura, tem sido pouco aplicado nos Estudos de Tradução. Por exemplo, o estudo da receção de traduções técnicas ou audiovisuais tem sido alvo de escassa investigação. No entanto, podemos encontrar exceções em autores como [Chen \(2011\)](#), que aplica o conceito de estéticas de receção (dos autores Jauss e Iser) para debater a receção de textos noticiosos.

Na sua obra, [Baker \(2006\)](#) não limita o estudo da receção ao nível social apenas aos textos culturais ou literários, analisando também traduções de textos políticos entre outras. A autora explora os termos "enquadramento" (“frame”) e "enquadrar" (“framing”) para dar conta do modo como os discursos são alterados quando transferidos, porque são imbuídos de outras narrativas, pessoais ou coletivas, durante a prática tradutória. A autora parte do pressuposto que o significado das narrativas construídas é definido, não apenas pela sua produção, mas também pela sua receção, sendo este, sem dúvida, o cerne dos Estudos de Receção.

2.2.Resposta e avaliação dos leitores

Contrariamente a esta primeira abordagem centrada em como as traduções são recebidas a nível supra-individual, esta segunda perspetiva explora o "leitor real" e como determinadas estratégias

de tradução específicas afetam a resposta e avaliação dos leitores. Assim, os investigadores procuram responder a questões relacionadas com (a) os processos cognitivos invocados aquando da receção do material traduzido; (b) o efeito de determinados aspetos contextuais, sociológicos, técnicos ou linguísticos na receção; e (c) a avaliação dos leitores relativamente a estratégias de tradução específicas. No contexto dos Estudos de Tradução, este tipo de investigação centra-se principalmente no tradutor e nos processos cognitivos invocados no ato tradutório (consulte [Abordagens cognitivas](#)). No entanto, tem vindo a aumentar a atenção prestada aos leitores, às suas competências, necessidades e expectativas. De forma pioneira, Kovačič chamava a atenção já em 1995 para a necessidade de se desenvolverem mais estudos empíricos centrados na receção e nos "leitores". A autora considerava que, sem mais dados empíricos sobre a resposta por parte dos leitores e a sua avaliação de textos traduzidos, continuariam a faltar dados empíricos sobre as atuais táticas e estratégias de tradução; o processo de definição do público-alvo continuaria incapaz de responder às necessidades e expectativas dos "leitores reais"; e, por último, os tradutores continuariam entregues a si mesmos e a trabalhar com base em pressupostos muitas vezes fundamentados em preconceitos e estereótipos individuais.

Se nos afastarmos do conceito de espectador ideal, esta segunda abordagem à receção centra-se claramente nos "leitores reais" e recorre a métodos de recolha de dados semelhantes como questionários e entrevistas, ou métodos mais específicos como a observação, as tarefas interativas e o rastreamento ocular ou *eye-tracking*. Tanto as entrevistas como os questionários são utilizados para recolher informação sobre a avaliação dos leitores e para medir o esforço cognitivo empregue pelo leitor nos atos de compreensão e processamento da informação. A quantidade de dados recolhidos é normalmente superior quando estes métodos são utilizados; no entanto, o investigador fica dependente da avaliação subjetiva dos espectadores. Entre outros métodos mais específicos, encontramos a observação como um método relativamente não intrusivo. Contudo, além do risco existente de a avaliação subjetiva do investigador poder influenciar os resultados, torna-se difícil organizar e comparar as reações dos leitores. Os avanços tecnológicos levaram ao aumento da aplicação da tecnologia *eye-tracking* no estudo da receção do material traduzido. Os dados recolhidos relativamente à localização das fixações do olho permitem ao investigador recolher informação relativamente a certas características comportamentais no ato da receção como a velocidade de leitura, a distribuição da atenção, a ordem pela qual são recebidos os elementos do produto traduzido e com que frequência o olhar do leitor se fixa nos mesmos. Por exemplo, tarefas interativas, como a utilização do botão de protesto, podem ser utilizadas para obter respostas simultâneas. Ainda assim, estudos anteriores ([Gottlieb 1995](#)) levantaram questões relacionadas à muita ou pouca resposta dos participantes.

Dada a dificuldade da recolha de dados em processos cognitivos e ao facto de cada método ter as suas vantagens e desvantagens, a adoção de triangulação foi considerada a metodologia mais adequada por muitos investigadores. Neste contexto, entende-se por triangulação a combinação de diferentes métodos para que os resultados recolhidos através de um método sejam contrastados com os resultados recolhidos por um segundo ou terceiro método.

Além dos problemas relativos à recolha de dados, os investigadores também enfrentam problemas quanto à panóplia de variáveis que podem ter impacto na receção, tais como: tipo de tradução; variáveis sociológicas (idade, género, etc.), variáveis contextuais (género literário, ano, etc.); variáveis paratextuais (notas de tradutor, glossários, etc.); interação entre modalidades (especialmente no caso da tradução audiovisual e para teatro); aspetos técnicos (tempos de entrada e saída de legendas, etc.) e parâmetros linguísticos (frequência lexical, variação linguística, etc.).

Embora ainda a dar os primeiros passos, esta abordagem já promoveu um número considerável de publicações no âmbito dos Estudos de Tradução. No entanto, é importante realçar que até agora, ao contrário do que foi descrito na secção anterior, a maior parte dos estudos centrados na receção a nível individual foi desenvolvido no contexto da tradução audiovisual. Vale a pena destacar o trabalho desenvolvido pelos autores como Puurtinen (1995) e Kruger (2013) sobre a receção da literatura infanto-juvenil, ou do autor Kenesi (2010) sobre a receção de poesia. No entanto, o número de estudos centrados na receção da tradução literária, quando comparado ao número muito superior de estudos sobre a receção da tradução audiovisual, parece ficar sempre aquém. Estes estudos consideraram diferentes modalidades como a legendagem, a dobragem e a audiodescrição, bem como diferentes públicos-alvo (pessoas com e sem deficiência visual, pessoas surdas e não surdas e pessoas com e sem deficiências auditivas) (consulte também Voiceover e Dobragem; Acessibilidade em TAV). Tais estudos centram-se em temáticas como a efetividade da legendagem e dobragem, a tradução do humor, itens culturais específicos e a variação linguística. Foi também testado o impacto de variáveis como a idade, o género, o conhecimento da língua de partida, a velocidade da legendagem, a frequência lexical, a tradução de palavra por palavra em legendagem em direto, o uso de legendas adicionais com informação contextual e o nível de condensação das legendas (consulte Caffrey 2009 para um resumo de alguns destes estudos).

Referências bibliográficas

Andringa, Els. 2006. “Penetrating the Dutch polysystem: The reception of Virginia Woolf, -1920 –2000”. *Poetics Today* 27 (3): 501–568. doi: 10.1215/03335372-2006-001

Caffrey, Colm. 2009. "Relevant Abuse? Effects of Abusive Subtitling Strategies on Viewer Assessment of TV Anime". Dublin. Dublin City University [Ph.D. Thesis].

Chen, Yamei. 2011. "The translator's subjectivity and its constraints in news transediting: A perspective of reception aesthetics". *Meta* 56 (1): 119–144. doi: 10.7202/1003513ar TSB

Even-Zohar, Itamar. 1978/1990. "The position of translated literature within the literary polysystem." In *The Translation Studies Reader*. Lawrence Venuti (ed.). 3rd edition. 192–197. London/New York: Routledge. doi: 10.2307/1772668 TSB

Gottlieb, Henrik. 1995. "Establishing a framework for a typology of subtitle reading strategies: DK viewer reactions to deviations from subtitling standards." *Translatio* 14 (3–4): 388–409.

Heilbron, Johan. 1999. "Towards a sociology of translation. Book translations as a cultural world-system". *European Journal of Social Theory* 2 (4): 429–444. TSB

Kenesi, Andrea. 2010. *Poetry Translation through Reception and Cognition: The Proof of Translation is in the Reading*. Cambridge: Cambridge Scholars Publishing.

Kovačič, Irena. 1995. "Reception of subtitles. The non-existent ideal viewer." *Translatio* 14 (3–4): 376–383.

Kruger, Haidee. 2013. "Child and adult readers' processing of foreignised elements in translated South African picturebooks". *Target* 25 (2): 180–227. doi: 10.1075/target.25.2.03kru BoP

Puurtinen, Tiina. 1995. *Linguistic Acceptability in Translated Children's Literature* [Publication in Humanities 15]. Joensuu: University of Joensuu.

Van den Broeck, Raymond. 1988. *Literatuur van elders: over het vertalen en de studie van vertaalde literatuur in het Nederlands*. Leuven: Acco. TSB

Outras leituras

Baker, Mona. 2006. *Translation and Conflict. A Narrative Account*. London: Routledge. BoP

Fish, Stanley. 1980. *Is There a Text in This Class? The Authority of Interpretive Communities*. Cambridge: Harvard University Press. BoP

Jauss, Hans Robert. 1982. *Toward an Aesthetic of Reception*. Minneapolis. University of Minnesota Press.

Iser, Wolfgang. 1978 *The Act of Reading: A Theory of Aesthetic Response*. London: Routledge.

Machor, James L. & Goldstein, Philip. 2001. *Reception Study. From Literary Theory to Cultural -Studies*. London/New York: Routledge.

Universais de tradução

Andrew Chesterman

Índice

1. Os universais de tradução: da origem à atualidade

1.1. Potenciais universais P

1.2 Potenciais universais C

2. Problemas

3. Benefícios

Referências bibliográficas

Outras leituras

A investigação sobre universais de tradução tem origem numa convergência de influências. A primeira influência baseia-se na ideia tradicional de que os textos traduzidos são perceptivelmente diferentes de outros textos. O conceito "tradutês" ("translationese" em inglês) foi precisamente fruto de uma longa tradição de críticas quanto à falta de fluência das traduções. Do igual modo, há muito que se considera que há aspetos do texto de partida, do seu significado ou estilo que normalmente se perdem ao serem traduzidos (consulte [Estilística e tradução](#)). O pressuposto subjacente a estas duas tradições é o de que os textos traduzidos partilham alguns traços, já que de outra forma não seria possível fazer generalizações sobre os seus problemas comuns.

A segunda influência tem raízes na [linguística](#). No final do século XX, alguns linguistas começaram a investigar os universais linguísticos, traços altamente abstratos da língua, transversais a todas as línguas, derivados dos traços universais da cognição humana. Com base nestes universais linguísticos, esta investigação almejava a elaboração de uma gramática universal, um projeto idealizado maioritariamente pelo linguista norte-americano Noam Chomsky.

A terceira fonte de influência advém do desenvolvimento metodológico. A crescente utilização de computadores enquanto ferramenta de investigação no campo da linguística promoveu a exploração do potencial de grandes *corpora* de textos legíveis eletronicamente (consulte [Corpora](#)). Estes *corpora* podiam ser analisados automaticamente, produzindo dados quantitativos detalhados sobre a frequência e distribuição de traços linguísticos. Os estudos de *corpus* tornaram-se, rapidamente, num ramo importante da linguística. Pouco tempo depois, durante a década de noventa, também nos [Estudos de Tradução](#) se verificou o aumento de estudos de *corpora* (consulte, por exemplo, [Laviosa 2002](#)).

A quarta tendência pode ser identificada no desenvolvimento teórico dos Estudos de Tradução. Durante as décadas de oitenta e noventa, com a transição para uma abordagem descritiva, assistiu-se ao início das generalizações empíricas sobre características da tradução; características essas possivelmente partilhadas (consulte [Estudos Descritivos de Tradução](#)). Com base na obra de Itamar Even-Zohar, Gideon Toury (por exemplo, [1995](#)) propôs duas "leis" gerais de tradução: as traduções são inevitavelmente influenciadas pelas características linguísticas do texto de partida (ou seja, os textos apresentam interferências); as traduções tendem a ser estilisticamente mais padronizadas do que os seus textos de partida. A autora Shoshana [Blum-Kulka \(1986\)](#) observou que as traduções tendem a incluir um maior número de marcadores de coesão que os seus textos de partida e avançou com uma "hipótese explicativa" para sustentar esta teoria. Provavelmente, esta terá sido um dos primeiros estudos mais influentes nesta temática.

1. Os universais de tradução: da origem à atualidade

Estas tendências foram reunidas pela primeira vez, em 1993, pela autora Mona [Baker \(1993\)](#), num artigo pioneiro no âmbito de um programa de investigação na área dos Estudos de Tradução. A autora chamou a atenção para a necessidade de mais investigação sobre os traços universais de tradução; termo esse baseado em investigação anterior. Baker definiu ainda estes traços como: “features which typically occur in translated texts rather than original utterances and which are not the result of interference from specific language systems” (1993: 243). Neste contexto, Baker reuniu um *corpus*³ de textos eletrónicos traduzidos em inglês, em Manchester. Apesar de não terem sido incluídos os textos de partida, este *corpus* podia ser usado com qualquer outro *corpus* padrão composto por textos não traduzidos em inglês, como o *Bank of English Corpus*⁴, possibilitando comparações entre traduções e não traduções. Foram ainda criados outros *corpora* semelhantes para outras línguas.

Dependendo do ponto de comparação, estes traços potencialmente universais pertencem a duas categorias distintas (consulte, por exemplo, [Chesterman 2004](#)). Um universal P (P de “partida”) formula uma generalização sobre uma diferença entre traduções e textos de partida. O universal C (C de “chegada”) debruça-se sobre as diferenças comuns entre traduções e não

³ O *corpus* poderá ser acedido através do link <https://www.alc.manchester.ac.uk/translation-and-intercultural-studies/research/projects/translational-english-corpus-tec/>.

⁴ N. da Trad.: Também conhecido como COBUILD corpus, é um projeto desenvolvido pela equipa COBUILD da Universidade de Birmingham e liderado pelo Prof. John Sinclair, de Birmingham, e o Prof. Fred Karlsson, da Universidade de Helsínquia. Trata-se de uma base de dados que reúne mais de 200 milhões de termos de referência falados e escritos em inglês, retirados de diversas fontes como jornais, artigos, revistas, rádio, TV, etc. Esta base de dados é atualizada mensalmente e contribui para a introdução de novos termos no dicionário de língua inglesa “Collins English Dictionary”.

traduções na língua de chegada. Todas estas generalizações são em rigor hipóteses, que podem ou não ser corroboradas por mais estudos empíricos. Eis alguns exemplos⁵:

1.1. Potenciais universais P

- Aumento: as traduções tendem a serem maiores do que os seus textos de partida. Esta hipótese não conta com muita corroboração e parte-se do princípio que dependa, em grande medida, das características linguísticas das línguas envolvidas.
- Interferência: este universal é umas das "leis" de Toury e é amplamente considerado uma afirmação geralmente válida. No entanto, há também uma grande variação, a diferentes níveis, nas condições sob as quais ocorre e sob as quais é aceite.
- Padronização: outra "lei" de Toury. Os dados corroborantes desta tendência geral são bastante claros, ainda que também se verifiquem variações, sob diversas condições. O termo tem uma grande variedade de interpretações, incluindo a de "convencionalização" ou "normalização", assim denominado por diversos investigadores (incluindo "normalização dialética").
- Explicitação: um dos potenciais universais mais estudado e debatido. A ideia de que as traduções tendem a ser mais explícitas do que os originais, remonta, pelo menos, a [Blum-Kulka \(1986\)](#) e, desde então, tem sido retomada em muitos outros estudos (como, por exemplo, [Klaudy 1996](#)). No entanto, o conceito em si tem sido considerado problemático, tendo sido interpretado de diversas maneiras contraditórias.
- A hipótese da **retradução**. Esta hipótese sugere que traduções posteriores de uma dada obra (literária) para uma determina língua de chegada tendem a aproximar-se mais do texto de partida. A ideia remonta a Goethe, mas tem sido muito debatida. Há dados que corroboram esta hipótese e também há outros que a contestam. Não se trata certamente de um "universal" genuíno, mas pode ser aplicável em determinados contextos. Assim como com o universal da explicitação, existem muitas questões conceptuais ainda por esclarecer (consulte, por exemplo, [Paloposki & Koskinen 2010](#)).
- Diminuição da repetição. Vários autores têm observado esta tendência.

1.2 Potenciais universais C

- Simplificação. A simplificação foi uma das conclusões principais de Laviosa (consulte, por exemplo, [2002](#)) no primeiro grande estudo em que utilizou o *corpus* comparável de Manchester composto por textos traduzidos em inglês. Laviosa aplicou vários métodos de

⁵ Para outras referências, consultar os artigos em [Mauranen and Kujamäki \(2004\)](#).

análise de simplificação, como a variação lexical (as traduções apresentam menos variação), a densidade lexical (as traduções apresentam uma proporção maior de palavras funcionais do que de palavras lexicais, ou seja, a densidade é menor) e a utilização de itens de maior frequência (as traduções têm uma proporção superior de itens de maior frequência). Estes métodos sugerem que as traduções são, por norma, mais simples do que textos comparáveis não traduzidos.

- Padronização lexical atípica. Se considerarmos a padronização lexical atípica uma tendência universal, é possível afirmar que as traduções apresentam duas tendências opostas: a utilização excessiva das palavras e estruturas mais comuns da língua de chegada (cf. simplificação), bem como a apresentação de sinais de uso atípico.
- Outra tendência abordada é a sub-representação de itens específicos da língua de chegada. Esta é a hipótese de itens únicos proposta pela autora Tirkkonen-Condit (por exemplo, [2004](#)). Esta hipótese baseia-se no princípio de que os itens da língua de chegada que formalmente diferem muito da língua de partida (e, nesse sentido, são considerados "únicas") não tendem a ser utilizados tão frequentemente em tradução, pois parte-se do princípio que não ocorrem tão prontamente na mente do tradutor, pressupondo que o processamento mental é principalmente baseado nas características formais da língua de partida.

A investigação de potenciais universais de tradução não se resume apenas à confirmação da sua existência, ou não, e em que circunstâncias. Será necessário explicar a natureza dos universais caso seja confirmada a sua existência, sendo que diferentes possíveis explicações têm sido investigadas a diferentes níveis.

O mais provável é que exista um tipo de causa cognitiva, algo na mente dos tradutores que afeta o processamento de textos em duas línguas em simultâneo. Outra possível explicação será recorrer ao modo como os tradutores são ensinados a ser bons comunicadores, a ter em conta a distância cultural, a pensar no leitor, entre outros. A formação dos tradutores passa por pensarem sobre as normas que acreditam que são esperadas de si, podendo assim ser explicada a sua tendência para explicitar, esclarecer, entre outras. Outra explicação que tem sido debatida é a de os tradutores quererem evitar riscos. A teoria de “jogar pelo seguro” poderá levar à tradução literal ou ao recurso do vocabulário e gramática mais comum. Os prazos apertados podem contribuir para esta tendência.

2. Problemas

Deve ressaltar-se, porém, que existem vozes discordantes desta linha de investigação, sendo um dos problemas terminológico. O termo “universal” foi provavelmente uma escolha infeliz, já que atribui um valor mais fraco a este empréstimo da linguística. Os potenciais universais de tradução são, muitas vezes, enunciados como “tendências”. [Tymoczko \(1998\)](#), entre outros autores, levantou outro problema conexo. Quando um *corpus* de textos traduzidos é criado de forma a gerar e testar hipóteses sobre universais, não é linear: (1) em primeiro lugar, o que se considera uma tradução e, por conseguinte, que textos incluir no *corpus*; (2) se um *corpus* deve ou não incluir, por exemplo, “más” traduções, traduções realizadas por profissionais não nativos, traduções muito livres, ou até deliberadamente marcadas, como as claramente estrangeirizantes ou baseadas em princípios feministas; (3) o modo como os argumentos a favor da universalidade são formulados e testados é, por vezes, pouco explícito, impossibilitando a replicação desses estudos.

Outra questão decisiva é apontada pelos que não veem validade nesta linha de investigação: os universais de tradução meramente realçam traços já bem conhecidos, tais como características de traduções de fraca qualidade. Outros autores argumentaram que grande parte dos fenómenos até agora estudados podem muito bem ser explicados como universais pragmáticos da língua em geral (p. ex. House 2008). Critica-se ainda que, até ao momento, os potenciais universais só foram estudados num leque limitado de línguas, maioritariamente europeias.

3. Benefícios

A investigação sobre universais de tradução contribuiu com benefícios metodológicos, ajudando a fortalecer a tradução enquanto disciplina empírica. A investigação de universais incentivou a utilização de métodos de investigação claros, partindo de uma hipótese de investigação específica ou da análise de *corpus* para a proposta de novas hipóteses. Se os investigadores deixarem de parte o termo “universal”, é pertinente que investiguem todo o tipo de generalizações e tendências, incluindo as que talvez não sejam universais no sentido restrito do termo, mas de alguma forma condicionadas, a respeito das traduções de um género específico (como a [legendagem](#)), realizadas por um determinado tradutor.

Alguma da investigação está a optar por avançar na direção oposta, explorando potenciais características do discurso mediado em geral (tais como os textos editados ou transcritos: consulte, por exemplo, [Ulrych 2009](#)), não se limitando apenas às traduções. O próximo passo será comparar as generalizações sobre traduções com a linguagem produzida por falantes não nativos, como

estudantes de línguas ou bilingues. Alguns potenciais universais poderão afinal não ser específicos da tradução, mas terem uma abrangência maior.

Pode ainda dar-se o caso de que se os estudantes de tradução forem especificamente ensinados sobre possíveis universais, poderem evitar os que sejam considerados menos desejáveis. Paradoxalmente, podem no fim de contas falsificar qualquer alegação da universalidade desses ditos traços.

Referências bibliográficas

- Baker, M. 1993. “Corpus linguistics and Translation Studies: Implications and applications.” In *Text and Technology: In Honour of John Sinclair*, M. Baker et al.(eds), 233–250. Amsterdam/Philadelphia: Benjamins [TSB](#). doi: [10.1075/z.64.15bak](#)
- Blum-Kulka, S. 1986. “Shifts of cohesion and coherence in translation.” In *Interlingual and Intercultural Communication: Discourse and Cognition in Translation and Second Language Acquisition Studies*, J. House and S. Blum-Kulka(eds), 17–35. Tübingen: Narr. [TSB](#)
- Chesterman, A. 2004. “Beyond the particular.” In Mauranen and Kujamäki (eds), 33–49. [TSB](#)doi: [10.1075/btl.48.04che](#)
- Laviosa, S. 2002. *Corpus-based Translation Studies: Theory, Findings, Applications*. Amsterdam/Atlanta: Rodopi. doi: [10.1080/10228190408566201](#) [BoP](#)
- Mauranen, A. & Kujamäki, P. (eds) 2004. *Translation Universals. Do they exist?* Amsterdam/Philadelphia: Benjamins. doi: [10.1075/btl.48](#) [BoP](#)
- Mauranen, O. & Koskinen, K. 2010. “Reprocessing texts. The fine line between retranslating and revising.” *Across Languages and Cultures* 11 (1): 29–49. doi: [10.1556/Acr.11.2010.1.2](#) [TSB](#)
- Tirkkonen-Condit, S. 2004. “Unique items – Over- or under-represented in translated language?” In Mauranen & Kujamäki(eds), 177–184.
- Toury, Gideon. 1995. *Descriptive Translation Studies and Beyond*. Amsterdam/Philadelphia: Benjamins. doi: [10.1075/btl.4](#) [BoP](#)
- Tymoczko, Maria. 1998. “Computerized corpora and the future of Translation Studies.” *Meta* 43 (4): 653–659. doi: [10.7202/004515ar](#) [TSB](#)

Outras leituras

Chesterman, A. 2007. “What is a unique item?” In *Doubts and Directions in Translation Studies*, Y. Gambier et al.. (eds), 3–13. Amsterdam/Philadelphia: Benjamins [TSB](#).

doi: [10.1075/btl.72.04che](https://doi.org/10.1075/btl.72.04che)

Halverson, S. 2003. “The cognitive basis of translation universals.” *Target* 15 (2): 197–241.

doi: [10.1075/target.15.2.02hal](https://doi.org/10.1075/target.15.2.02hal) [TSB](#)

House, J. 2008. “Beyond Intervention. Universals in translation?” *trans-kom* 1 (1): 6–19. [TSB](#)

Klaudy, K. 1996. “Back-translation as a tool for detecting explication strategies in translation.” In *Translation Studies in Hungary*, K. Klaudy et al.(eds), 99–

114. Budapest: Scholastica. [TSB](#)

Pym, Anthony. 2008. “On Toury's laws of how translators translate.” In *Beyond Descriptive Translation Studies*, A. Pym et al.(eds), 311–328. Amsterdam/Philadelphia: Benjamins.

doi: [10.1075/btl.75.24pym](https://doi.org/10.1075/btl.75.24pym)

Ulrych, M. 2009. “Translating and editing as mediated discourse: focus on the recipient.” In *Translators and Their Readers. In Homage to Eugene A. Nida*, R. Dimitriu & M. Shlesinger(eds), 219–234. Brussels: Editions du Hasard.

2.3. Índice traduzido

Tabela VIII: Índice traduzido

Texto de partida	Texto de chegada
Adaptation	Adaptação
Advertising translation	Tradução de material publicitário
Agents of translation	Agentes de tradução
Anthologies and translation	Antologias e tradução
Applied Translation Studies	Estudos de Tradução Aplicados
Assumed translation	Tradução alegada
Audiovisual translation	Tradução audiovisual (TAV)
Author and translator	Autor e tradutor
Bibliographies of translation studies	Bibliografias de Estudos de Tradução
Bibliometrics	Bibliometria
Bilingualism and translation	Bilinguismo e tradução
Censorship	Censura
Children's literature and translation	Literatura infantojuvenil e tradução
Abordagens cognitivas*	Abordagens cognitivas
Collaborative translation	Tradução colaborativa
Comics in translation	Tradução de tiras de banda desenhada
Commercial translation	Tradução empresarial
Committed approaches and activism	Abordagens engagé e ativismo
Common grounds in Translation and Interpreting (Studies)	Princípios comuns em (Estudos de) Tradução e Interpretação
Communism and Translation Studies	Comunismo e Estudos de Tradução
Community interpreting	Interpretação comunitária
Comparative approaches to translation	Abordagens comparativas à tradução
Competence	Competência
Computer-aided translation	Tradução assistida por computador
Conference interpreting	Interpretação simultânea
Conflict and translation	Conflito e tradução
Consecutive interpreting	Interpretação consecutiva
Contrastive Linguistics and Translation Studies	Linguística Contrastiva e Estudos de Tradução
Corpora	Corpora
Court/Legal interpreting	Interpretação Jurídica/em Tribunal
Creativity	Criatividade
Cultural approaches	Abordagens culturais
Cultural translation	Tradução cultural
Curriculum	Currículo
Deconstruction	Desconstrução
Estudos Descritivos de Tradução (EDT)*	Estudos Descritivos de Tradução (EDT)
Development and translation	Desenvolvimento e tradução
Directionality	Tradução e retroversão
Discourse analysis	Análise do discurso
Domestication and foreignization	Domesticação e estrangeirização
Drama translation	Tradução de teatro
Editorial policy and translation	Políticas editoriais e tradução
Empirical approaches	Abordagens empíricas
English as a lingua franca and translation	Inglês como língua franca e tradução

Equivalence	Equivalência
Ética e tradução*	Ética e tradução
Abordagens etnográficas*	Abordagens etnográficas
Eurocentrism	Eurocentrismo
Evaluation/Assessment	Avaliação
Functionalist approaches	Abordagens funcionalistas
O género na tradução*	O género na tradução
General translation theory	Teoria de tradução generalista
Genres, text-types and translation	Gêneros, tipologias textuais e tradução
Globalização e tradução*	Globalização e tradução
Hermeneutics and translation	Hermenêutica e tradução
Humor in translation	Humor na tradução
Hybridity and translation	Hibridismo e tradução
Ideology and translation	Ideologia e tradução
Impact of translation	Impacto da tradução
Impact of translation theory	Impacto da teoria da tradução
Information, communication, translation	Informação, comunicação, tradução
Institutional translation	Tradução institucional
Institutionalization of Translation Studies	Institucionalização dos Estudos de Tradução
Intercultural mediation	Mediação intercultural
Interdisciplinarity in Translation Studies	Interdisciplinaridade em Estudos de Tradução
Interpreting	Interpretação
Interpreting Studies	Estudos de Interpretação
Interpretive approach	Abordagens interpretativas
Journalism and translation	Jornalismo e tradução
Knowledge management and translation	Gestão do conhecimento e tradução
Language learning and translation	Aprendizagem de línguas e tradução
Language philosophy and translation	Filosofia da linguagem e tradução
Tradução jurídica*	Tradução jurídica
Linguistics and translation	Linguística e tradução
Literary studies and translation studies	Estudos Literários e Estudos de Tradução
Literary translation	Tradução literária
Localization and translation	Localização e tradução
Machine translation today	Tradução automática na atualidade
Media accessibility	Acessibilidade em TAV
Media interpreting	Interpretação em TAV
Medical translation and interpreting	Tradução médica e interpretação
Metaphors for translation	Metáforas de tradução
Methodology in Translation Studies	Metodologia em Estudos de Tradução
Migration and translation	Migração e tradução
Minority languages and translation	Línguas minoritárias e tradução
Models in Translation Studies	Modelos em Estudos de Tradução
Multilingualism and translation	Multilinguismo e tradução
Multimodality and audiovisual translation	Multimodalidade e tradução audiovisual
Music and translation	Música e tradução
Narratives and contextual frames	Narrativas e contextos
Nation, empire, translation	Nação, império, tradução
National and cultural images	Imagens nacionais e culturais
Natural translator and interpreter	Intérprete e tradutor naturais

Networking and volunteer translators	Tradutores voluntários e networking
Neurolinguistics and interpreting	Neurolinguística e interpretação
Norms of translation	Normas de tradução
Official translation	Tradução oficial
Orality and translation	Oralidade e tradução
Original and translation	Original e tradução
Overt and covert translation	Tradução overt e covert
Paratexts	Paratextos
Philosophy and translation	Filosofia e tradução
Poetry translation	Tradução de poesia
Political translation	Tradução política
Polysystem theory and translation	Teoria dos polissistemas e tradução
Popularization and translation	Popularização e tradução
Post-colonial literatures and translation	Literaturas pós-coloniais e tradução
Postmodernism	Pós-modernismo
Power and translation	Poder e tradução
Pseudotranslation	Pseudotradução
Quality in interpreting	Qualidade em interpretação
Quality in translation	Qualidade em tradução
Realia	Realia
Reception and translation	Receção e tradução
Relay interpreting	Interpretação indireta
Relay translation	Tradução indireta
Relevance and translation	Relevância e tradução
Religious translation	Tradução religiosa
Remote interpreting	Interpretação à distância
Representation of translators and interpreters	Representação de tradutores e intérpretes
Retranslation	Retradução
Revision	Revisão
Rhetoric and translation	Retórica e tradução
Scientific translation	Tradução científica
Scientificity and theory in Translation Studies	Cientificidade e teoria em Estudos de Tradução
Self-translation	Autotradução
Semantic models and translation	Modelos semânticos e tradução
Semiotics and translation	Semiótica e tradução
Sight translation	Tradução à vista
Sign language interpreting and translating	Interpretação de língua gestual e tradução
Simultaneous conference interpreting and technology	Interpretação simultânea e tecnologia
Simultaneous interpreting	Interpretação simultânea
Social media and translation	Redes sociais e tradução
Social systems and translation	Sistemas sociais e tradução
Sociolinguistics and translation	Sociolinguística e tradução
Sociology of translation	Sociologia da tradução
Status of interpreters	Estatuto dos intérpretes
Stylistics and translation	Estilística e tradução
Subtitles and language learning	Aprendizagem de línguas e legendagem
Subtitling	Legendagem
Teaching interpreting / Training interpreters	Ensinar interpretação / Formar intérpretes

Technical translation	Tradução técnica
Terminology and translation	Terminologia e tradução
Testing and assessment in Translation and Interpreting Studies	Testes e avaliação em Estudos de Tradução e Interpretação
Text linguistics and translation	Linguística textual e tradução
The turns of Translation Studies	Viragem dos Estudos de Tradução
Theory of translatorial action	Teoria da ação tradutória
Think-aloud protocol	Protocolo think-aloud
Transfer and Transfer Studies	Transferência e Estudos de Transferência
Translation	Tradução
Translation Studies	Estudos de Tradução
Translation criticism	Crítica de tradução
Translation didactics	Didática de tradução
Translation history	História de tradução
Translation policy	Política de tradução
Problema de tradução	Problema de tradução
Processo tradutório*	Processo tradutório
Translation psychology	Psicologia de tradução
Translation rights	Direitos de tradução
Translation strategies and tactics	Estratégias e táticas de tradução
Translation tools	Ferramentas de tradução
Translation universals	Universais de tradução
Translation zone	Área de tradução
Translation 'errors'	"Erros" de tradução
Translational turn	Viragem tradutória
Travel and translation	Viagem e tradução
Unit of translation	Unidade de tradução
Visibility (and invisibility)	Visibilidade (e invisibilidade)
Voiceover and dubbing	Voiceover e dobragem
Voices in translation	Vozes em tradução
Web and translation	Internet e tradução
Wordplay in translation	Trocadilhos em tradução
Applied Translation Studies	Estudos de Tradução Aplicados
Bibliographies of translation studies	Bibliografias de Estudos de Tradução
Music and translation	Música e tradução
Political translation	Tradução política
Realia	Realia
Status of translators	Estatuto dos tradutores
Teaching translation / Training translators	Ensinar tradução / Formar tradutores
Translation	Tradução
Translation Studies	Estudos de Tradução

* Entradas que já estavam previamente traduzidas

Conclusão

No âmbito deste trabalho de projeto foi elaborada a revisão e tradução do índice e de cinco verbetes, respeitantes à enciclopédia HTS, selecionados com base na diversidade de conteúdos, todos eles abordados no primeiro ano da componente letiva do mestrado. A inovação deste projeto centra-se principalmente (1) na possibilidade de publicação de artigos científicos sob a forma de verbetes traduzidos numa editora de renome internacional como a John Benjamins; (2) na oportunidade de traduzir para português verbetes de uma obra de grande importância para os Estudos de Tradução, contribuindo para a visibilidade da língua portuguesa no meio académico; (3) no contacto com os autores e editores, para além de outros investigadores numa área de investigação tão importante para o desenvolvimento e afirmação do papel do tradutor, tantas vezes desvalorizado. Os verbetes traduzidos têm um papel crucial para os ET, sendo que contribuem para a investigação de diversas áreas de pesquisa relacionadas com uma disciplina onde ainda se verifica pouco material de investigação, principalmente, em português. Por conseguinte, o material traduzido servirá de consulta para profissionais, estudantes e especialistas que queiram aprofundar o seu conhecimento nesta área. A tradução do índice contribuiu essencialmente para o estabelecimento de terminologia na área dos ET em língua portuguesa, além de servir de ponto de partida para futuras colaborações semelhantes à do presente projeto, relembrando que a maioria dos artigos ainda não se encontra traduzida.

É importante salientar que a profissão de tradutor, assim como a de revisor, se encontra em constante evolução, sendo primordial que a investigação em Estudos de Tradução seja abundante e esteja em contante atualização. Neste sentido, torna-se essencial a nossa contribuição para divulgar editoras tão importantes nas áreas de Humanidades e Linguística, como é o caso da editora John Benjamins Publishing Company, responsável pela publicação da enciclopédia.

Mais uma vez reforço que este trabalho teve um papel fundamental na minha formação, pela aprendizagem de novas técnicas de tradução e revisão, e pela introdução à tradução de textos académicos, em particular, no âmbito dos ET. Espera-se que este projeto proporcione a oportunidade de novas publicações nacionais e internacionais, através da continuidade do meu contributo enquanto tradutora e revisora da obra. Através deste trabalho, visei também impulsionar novos estudantes de Licenciatura e Mestrado a colaborarem com a enciclopédia, pois trata-se de uma oportunidade valiosa, que permite aos alunos terem contacto com editores e com dificuldades reais inerentes à prática tradutória, num contexto bastante exigente como a tradução de artigos científicos.

Através da análise das problemáticas do processo tradutório podemos afirmar que projetos desta dimensão são ainda essenciais para a perceção e visibilidade da função de um tradutor. A análise pretendeu demonstrar as dificuldades e a importância do domínio das línguas de partida e de chegada, apontando para diversas questões que surgem ao longo do processo. A investigação é, assim, crucial para o tradutor e para o esclarecimento de dúvidas, bem como para disponibilizar ferramentas fundamentais para a execução desta prática. Destaca-se ainda a disponibilidade do autor Luc Van Doorslaer, na medida em que se demonstrou sempre acessível para o esclarecimento de dúvidas e da autora Sara Ramos Pinto pelo seu contributo valioso para a tradução do verbete “Receção e Tradução” e consequentemente para este trabalho de projeto. Além dos nomes mencionados, realço também a receptividade e flexibilidade de Dominique Van Schoor, assistente editorial da enciclopédia.

Num mundo que se encontra, cada vez mais, dominado por máquinas é importante lembrar que a tradução, principalmente, desta tipologia de textos depende ainda do contexto e da capacidade de análise do ser humano, ainda que muitos especialistas considerarem a tradução uma função em vias de extinção.

Referências bibliográficas

American Psychological Association. (2010). *Publication manual of the American Psychological Association*. Washington (DC): APA.

Baker, Mona. 1993. “Corpus linguistics and Translation Studies: Implications and applications.” In *Text and Technology: In Honour of John Sinclair*, 233–262. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins.

Azevedo, Mário (2004). *Teses, relatórios e trabalhos escolares*. Sugestões para estruturação da Escrita. 8ª ed. Lisboa: Universidade Católica Editora.

Bandia, Paul F. 2010. “Post-colonial literatures and translation”. In *Handbook of Translation Studies*: Volume 1, Gambier, Yves and Luc van Doorslaer (eds.), 264–269. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins.

Bassnett, Susan & André Lefevere. *Constructing Cultures: Essays on Literary Translation*. Bassnett, Susan & Edwin Gentzler (eds), 76-83. Topics in translation.

Brems, Elke & Sara Ramos Pinto. 2013. “Reception and translation”. In *Handbook of Translation Studies*, Gambier, Yves & Luc van Doorslaer (eds.), 142–147. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins.

Chesterman, Andrew. 2011. “Translation Universals”. In *Handbook of Translation Studies*, Gambier, Yves & Luc van Doorslaer (eds.), 175–179. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins.

Cunha, Celso & Lindley Cintra. 2007. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital.

Doorslaer, Luc van. 2011. “Journalism and translation”. In *Handbook of Translation Studies*, Gambier, Yves & Luc van Doorslaer (eds.), 180-184. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins.

Gambier, Yves, and Luc van Doorslaer, eds. (2010-14) *Handbook of Translation Studies* (4 Vols). Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins. Also available online: <https://benjamins.com/online/hts/>.

Landers, Clifford, E. 2001. *Literary Translations: a practical guide*. Samuelsson-Brown, Geoffrey (ed), 92-96. Topics in Translation.

Lee, Chelsea. 2014. "Lost in Translation: Citing Your Own Translations in APA Style". American Psychological Association. Available in: <http://blog.apastyle.org>

Merkle, Denine. 2010. "Censorship". In *Handbook of Translation Studies*: Vol. 1, Gambier, Yves & Luc van Doorslaer (eds.), 18–21. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins.

Mossop, Brian. 2014. *Revising and Editing for Translators*. London: Routledge.

Reynolds, Matthew. *Translation: A Very Short Introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2016.

Senna, Carlos Eduardo. & Fialho, Francisco Antônio. 2016. *Personas: a teoria Junguiana dos tipos psicológicos e a sua utilidade para o design*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil.

Anexos

Textos de Partida

Censorship

Denise Merkle

Index

1. Concepts
 2. Prospects
- References

1. Concepts

The subfield of censorship and translation explores extreme manifestations of the influence of ideology on translations. Consequently, its investigation “takes us into some of the most important ideological aspects of Translation Studies” (Tymoczko, in [Ni Chuilleanáin et al. 2009](#): 45). Censorship has been justified on aesthetic, moral, political, military and religious grounds, and considered from, among other viewpoints, the network of agents involved in the [transfer](#) process, translatorial agency, the [ethics of translation](#), the relationship between rewriting (creativity) and translation. It is not always a product of polarized binary situations where innocent translators are pitted against repressive regimes in the translation process. Although censorship has traditionally been considered coercive and repressive, with oppressors and victims, twenty-first century research on censorship and translation is broadening our understanding of this complex phenomenon.

The placement of censorship on a continuum of [norms](#) and constraints can at times make it difficult to pinpoint the degree of coercion and repression (Brunette, in [TTR 2002](#)). Since censorship is an instrument used to mould, if not enforce, worldview and discourse production, it can strike out with particular ferocity when faced with unpalatable alterity, and leave its mark on interpretation (community and “formal”), media translation (e.g., film, stage, radio plays) and all types and genres of textual translation (e.g., travel writing, religious writings, political speeches, essays, poetry, the novel, newspapers) ([TTR 2002](#); [Billiani 2007](#); [Seruya & Moniz 2008](#); [Ni Chuilleanáin, Ó Cuilleánáin & Parris 2009](#)). Generally speaking, the broader the intended audience is, the more rigorous the censorship. It is a commonplace of democratic societies through structural censorship – a set of unwritten rules shaped by habits and the symbolic capital of discursive products in the field (Bourdieu, cited in [TTR 2002: 15–16](#)), though often not consciously acknowledged. By contrast, while censorship has often been associated with totalitarian regimes, recent research nuances the effectiveness of the phenomenon in such contexts (e.g., [Rundle & Sturge 2010](#)). When it becomes institutionalised in repressive contexts, it can

become a collaborative project (Kuhiwczak, in [Ní Chuilleanáin, et al. 2009](#)). Take for example, the GDR, where the word “censorship” was taboo and replaced by such expressions as “planning and guiding”, “directing and assisting” (Thomson-Wohlgemuth, in [Billiani 2007: 106](#)). Economic means, e.g., expensive taxes and permits, are an enforcement mechanism retained not only by totalitarian regimes, but also by democratic systems to exclude undesirable cultural products from the marketplace (Gambier, in [TTR 2002](#)).

Censorship is motivated either by a desire to protect the vulnerable or to create a cultural or political system. [Ben-Ari \(2006\)](#) has studied the role of (self-) censorship in the formation of the “Puritan Sabra” image in Hebrew literature as part of a project of Israeli nation-building. In an “official censored context” ([TTR 2002: 10](#)), “institutional (State or religious)” censorship ([Billiani 2009: 29](#)), i.e., legislators, political and religious leaders, dictate its need, though they may not be those who enforce it, relegating that responsibility to censorship boards. Censors may be consummate producers of the types of cultural products (e.g., translated literature, subtitled movies) that they censor as well as being esteemed members of their community, or they may have no knowledge of translation or of the source language and culture ([Toury 1995: 278](#)). The latter group, variously feared and despised, may resort to repressive, even violent means, to achieve censorial ends. As a result, the word “censorship” usually has a negative connotation. Yet, the reception of rewritten children’s literature – often positively connoted through the choice of the noun **“adaptation”** – and of sanitised subtitled movies for the general public (GP) (Gambier, in [TTR 2002](#)) is generally positive. Consequently, censorship is perceived, alternately, as in the best interests of the ideological positioning of a larger socio-political entity (e.g., children’s literature, GP films) or repressive.

Censorship in translation can occur prior to publication and posterior to publication. Censorship prior to publication can take the form of cultural blockage (Wolf, in [TTR 2002](#)), preventive censorship and self-censorship. Cultural blockage intervenes at the point of entry of a cultural product into the target culture. The source culture may have initiated the transfer process or target-culture agents may have attempted to import a foreign cultural product; however, selection mechanisms intervene to block the entry of those cultural products deemed undesirable or, when entry is allowed, to influence the form of cultural transfer (e.g., various forms of rewriting.). Furthermore, some ostensibly blocked cultural products may enter the target system by clandestine means ([Merkle 2010](#)).

Translators who assume the role of “gatekeeper” ([TTR 2002: 9](#)) reproduce the norm and are likely to apply the principle of correction, or self-correction (self-censorship), to their discursive products, while carefully remaining within Lefevere’s margin ([O’Sullivan 2009](#)). The concept “self-censorship” is best limited to translators who censor their own translations to conform to

society's expectations, often referred to as bowdlerism in the Victorian context ([Ó Cuilleanáin 1999](#)), and is performed consciously or unconsciously. However, self-censorship is difficult to identify. Unless genetic or paratextual material describing the translation process has been left by the translator, it is impossible to distinguish with certainty what changes have been made by the translator versus those made by a reviser, copyeditor or the publisher. For example, when a translator's self-correction is considered insufficient, the reviser, copyeditor or publisher may further censor, as a preventive measure, in order to ensure that the text will pass censorial muster or be positively received by the target market. While, apparently, the majority of translators tend to (self-)censor potentially troublesome foreign ideas (Simeoni's well-known "submissiveness" hypothesis – [Simeoni 1998](#)), others have adroitly subverted the values of their culture by finding innovative means to import cultural (or literary) alterity (e.g., Léger, in [TTR 2002](#)). The ultimate aim of (prior) censorship is to internalise norms to the point that translators do not think about the issue. Their writing simply reproduces what has become essentially discursive "habit" (Wolf, in [TTR 2002](#)).

Should a translation slip through the censorial cracks, post censorship can come into play to remove a work from the system by boycotting it (a bookseller refusing to sell the translation, a librarian refusing to lend it) or by formally banning it ([TTR 2002: 9](#)). Post-censorship in the form of banning or boycotting is often the easiest to identify and study because the translations are forcibly withdrawn from the marketplace after they have been published.

2. Prospects

Early in-depth published case studies concentrated on translation censorship in repressive totalitarian regimes marked by military and/or political dictatorship (e.g., [Rundle 2000](#) & Dunnett, in [TTR 2002](#) (Fascist Italy); Merino & Rabadán (Franco Spain), Sturge (Nazi Germany), Tomasziewicz (Soviet-dominated Poland), in [TTR 2002](#)). Studies on Portugal have recently been added to the list ([Seruya & Moniz 2008](#)). Victorian England has provided material for the study of the mechanics of censorship in democratic systems (e.g., [Ó Cuilleanáin 1999](#); [Merkle 2006, 2009](#); [O'Sullivan 2009](#)).

Yet, despite the concentration of research on censorship and translation since the mid-1990s, several areas are yet to be explored, and others await a more systematic and in-depth study. Researchers have begun to explore more systematically censorship throughout history (e.g., [Merkle, O'Sullivan, van Doorslaer & Wolf 2010](#) on nineteenth-century Europe). [Wakabayashi's study \(2000\)](#) on the history of censorship and translation in Japan since the mid-nineteenth century also contributed to broadening geographical contexts. More systematic and in-depth studies are required on non-Western geographical contexts and textualities, although

a number of essays and books have been published, for example, on Brazil, China, Turkey and the Ukraine (Milton, Nam Fung Chang, Erkazanci & Olshanskaya, respectively, in [Seruya & Moniz 2008](#)) and Israel ([Ben-Ari 2006](#)). While censorship as a repressive act has been well researched, the issue of ideology requires further study. Furthermore, comparatively little research has been conducted on the impact of censorship on translatorial and textual creativity (Brownlie, in [Billiani 2007](#)), on the relationship between censorship and knowledge production ([Billiani 2009: 28](#)) or on the links between censorship, resistance and subversion (Tomaszkiewicz, in [TTR 2002](#); [Merkle 2010](#)).

References

- Ben-Ari, Nitsa. 2006. *Suppression of the Erotic in Modern Hebrew Literature*. Ottawa: Ottawa University Press. **TSB**
- Billiani, Francesca (ed). 2007. *Modes of Censorship and Translation*. Manchester, U.K.: St. Jerome Publishing. **TSB**
- Billiani, Francesca. 2009. 2nd edition. "Censorship." In *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*, Mona Baker & Gabriela Saldanha (eds), 28-31. London & New York: Routledge.
- Merkle, Denise. 2006. "Towards a Sociology of Censorship: Translation in the Late-Victorian Publishing Field." In *Übersetzen – Translating – Traduire: Towards a "Social Turn"?*, Michaela Wolf (ed), 35-44. Münster/Hamburg/Berlin/Wien/London: LIT Verlag. **TSB**
- Merkle, Denise. 2009. "Vizetelly & Co as (Ex)change Agent: Towards the Modernisation of the British Publishing Industry." In *Agents of Translation*, John Milton & Paul Bandia (eds), 85-105. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins.
- Merkle, Denise. 2010. "Secret Literary Societies in Late Victorian Britain." In *Translation, Resistance and Activism*, Maria Tymoczko (ed). Amherst: University of Massachusetts Press.
- Ní Chuilleanáin, Eiléan, ó Cuilleánáin, Cormac & Parris, David (eds). 2009. *Translation and Censorship: Arts of Interference*. Dublin: Four Courts Press. **TSB**
- Ó Cuilleánáin, Cormac. 1999. "Not in Front of the Servants. Forms of Bowdlerism & Censorship in Translation." In *The Practices of Literary Translation*, Jean Boase-Beier & Michael Holman (eds), 31-44. London & New York: Routledge. **TSB**

O'Sullivan, Carol. "Translation within the Margin: The 'Libraries' of Henry Bohn." In *Agents of Translation*, John Milton & Paul Bandia (eds), 107-129. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins. **TSB**

Rundle, Chris. 2000. "The Censorship of Translation in Fascist Italy." *The Translator* 6 (1): 67-76. **TSB**

Seruya, Teresa & Moniz, Maria Lin (eds). 2008. *Translation and Censorship in Different Times and Landscapes*. Newcastle, U.K.: Cambridge Scholars Publishing. **TSB**

Simeoni, Daniel. 1998. "The pivotal status of the translator's habitus." *Target* 10 (1): 1-39. **TSB**

Toury, Gideon. 1995. *Descriptive Translation Studies and Beyond*. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins. **TSB**

TTR. 2002. *Censure et traduction dans le monde occidental/Censorship and Translation in the Western World*. Denise Merkle (ed.). Special issue of *TTR* XV (2). **TSB**

Post-colonial literatures and translation

Paul F. Bandia

Index

1. Writing as translation
2. Translating post-colonial literatures
3. Conclusion

References

Further reading

It is now generally acknowledged that the “cultural turn” in the social sciences and the humanities that occurred in the 1990s changed Translation Studies (TS) forever. Culture had come to take center stage in translation analyses and discourses, rather than language viewed mainly in term of a system of linguistic exchange and communication. Language became subordinate to culture, both intertwined and often fused together in any serious discussion or analysis of translation. The ramifications were numerous for Translation Studies, as age-old notions and concepts such as equivalency, pure or standard language, distinctive binarisms and their implied hierarchy (original/translation; source-text/target text; word-for-word/sense-for-sense, etc.) were thrown into disarray. The study of post-colonial literatures is one of the fundamental areas through which the “cultural turn” made inroads into Translation Studies. By the very nature of this literature, written in colonial languages by post-colonial subjects, a host of issues often overlooked in the past, namely gender, ethnicity, sociology, linguistic alterity, identity, politics and ideology became prominent in translation research.

The intersection between postcolonial studies and Translation Studies has rested primarily on literature, which has had the double effect of expanding the purview of literary criticism and translation criticism. Although postcolonial studies often includes the colonial era, postcolonial Translation Studies has dealt mainly with pre- and post-independence literatures, i.e., literature dealing with the period immediately before and after independence. It is worth pointing out that, as a research paradigm, postcolonial theory is also being applied to contexts without an obvious (post)colonial relationship, such as between Quebec and Canada ([Shamma 2009](#)). Post-colonial literatures are now understood to include literatures dealing specifically with neocolonialism and metropolitan, migrant and diaspora literatures, which can be grouped under the label post-postcolonial literature. These literatures have opened up translation research to include non-

western cultures from Africa, India, Latin America, and the Caribbean, as well as non-hegemonic cultures such as the Irish and those from settler colonies like Australia, Canada and South Africa.

1. Writing as translation

The inter-play of translation and post-colonial literatures is two-pronged. It occurs when postcolonial writing in its materiality overlaps with the act of translating (see [Bandia 2008](#); [Tymoczko 2000](#)), and also in the interlingual translation of post-colonial literature ([Bandia 2008](#); [Tymoczko 1999a](#)). The first instance, also known as “writing as translation,” is related to the fact that although postcolonial writing is different from translation, they both employ similar strategies for linguistic and cultural representations. Based on this assumption, postcolonial literature is understood metaphorically as a form of translation, whereby the language of colonization is bent, twisted or plied to capture and convey the sociocultural reality or worldview of an alien dominated language culture. The very fact of writing about the experiences of formerly colonized societies by postcolonial subjects in the language of the colonizer is thus likened to translation as a metaphor for the representation of Otherness. It is in this vein that Salman Rushdie has been known to refer to postcolonial writing as translated literature and to the colonized subject or migrant as “translated men” ([Rushdie 1991: 17](#)).

The metaphorical equation of post-colonial literature with translation has been enhanced by empirical studies that have described postcolonial fictionalization in terms of translation processes and strategies ([Bandia 2008](#); [Tymoczko 1999b](#); [Zabus 1991](#)). The rationale for these studies and the claim to translation are grounded in what [Bandia \(2008\)](#) has referred to as the orality/writing interface. In other words, the representation of cultures of orality in colonial language writing is viewed as a double transposition process involving translating oral narrative cultures into written form and translating between distant or alien language cultures. This in itself does not imply wholesale translating as fictionalizing, but rather explains the traces of indigenous languages and oral artistry in colonial language fiction in terms of translation. Without making specific reference to translation, the seminal book *The Empire Writes Back* ([Ashcroft et al. 1989](#)) had established colonial language use and practices as a defining attribute of postcolonial literatures. The attempt by postcolonial writers to mould and shape the colonial language into a medium for expressing non-western thought and literature resulted in non-western varieties of the colonial language, challenging its hegemony and imperialist-universalist pretensions, and disrupting the classic notion of a standard language. Linguistic experimentation and innovation within the matrix of the colonial language became a writing device resulting in the hybridization and vernacularization of colonial languages.

Besides lexical innovations and syntactic (de-) formation, the colonial language was infused with alien dialectal formations and in many instances forced to share space with related but locally-derived hybrid languages such as pidgins, creoles and other lingua franca through the mechanism of code-switching and mixing. This contributed to the perception of postcolonial fictionalizing as inherently involving the practice of polylingualism and literary heteroglossia. The linguistic transformation of colonial languages, as well as the hybridization and multilayering of languages ([Mehrez 1992](#)) within the postcolonial text, are conceptualized in terms of translation either pragmatically with respect to processes of linguistic transfer or metaphorically in regard to the implicit role of translation in the reading of multilingual discourse. Although generally understood as strategies of linguistic and cultural representation, postcolonial fictionalizing also raises some ontological issues that have become research paradigms in Translation Studies. For instance, the issues of identity, ideology and power relations are inherent to the writing of subaltern discourse in dominant or hegemonic languages, and these issues have become paramount in the relation between post-colonial literature and translation. Postcoloniality has raised serious questions regarding some long-held views in Translation Studies, particularly with respect to the nature of an “original” and its relation to the translated text, the notion of equivalency or transfer between stable monolithic linguistic entities, and ultimately the purely linguistic and non-ideological conceptualization of translation practice. Postcolonial research, as a subfield, has stripped Translation Studies of its innocence, as it were, by establishing parallels between postcolonial writing as resistance to hegemony and the translation of subaltern cultures as resistance to imperialism or subversion of dominant linguistic and cultural practices.

2. Translating post-colonial literatures

Postcolonial literature enters the world through translation either as the product of inventive fictionalizing as discussed above or the actual translating of postcolonial fiction from one global language into another. Translation as a praxis is therefore pivotal in the writing and dissemination of postcolonial literatures. It plays a central role in the struggle of marginalized cultures for acceptance and recognition in the global literary space. This in effect casts translation in a role fraught with political and ideological concerns due to the centrality of power relations in the rapport between postcolonial theory and Translation Studies.

In “The Politics of Translation” ([1993](#)) Gayatri Chakravorty Spivak discusses the ideological ramifications of translating Third World literature into colonizing or hegemonic languages. She points out that the asymmetrical power relationships in a postcolonial context often lead to colonizing translation practices that seek to minimize the difference of minority cultures for the benefit of the target majority culture. In this regard, translation continues to play an active role in

the colonialist and ideologically motivated construction of colonized peoples as mimetic and inferior clones of their ex-colonizers. To counter this perspective, Spivak proposes a translation strategy based on a kind of “positive or strategic essentialism” (1993) calling on the translator, much like the field anthropologist, to seek an intimate knowledge of the language, culture and history of the colonized.

Given the centrality of power differential in postcolonial theory, [Tejaswini Niranjana \(1992\)](#) also views translation with great suspicion owing to the way colonialist historiography has used translation to further its agenda of colonial domination. Niranjana therefore calls on Translation Studies to cast aside its flawed and naïve image of a discipline concerned mainly with issues of linguistic representation, and confront the political and ideological underpinnings of an intercultural exchange essentially based on unequal power relations. To redress the power imbalance, the postcolonial translator must be interventionist and, through the practice of re-translation, deconstruct colonizing translation strategies and resist colonialist ideological impositions. It is generally in the light of such theoretical musings that the intersection of postcolonial literatures and translation can be understood.

In reference to the African context, [Bandia \(2008\)](#) has posited that the translation of post-colonial literature is a tripartite process involving the writing of orality from a mainly alphabetic culture into an alien and dominant written culture and subsequently the transfer or conversion of a discourse of interculturality and intermediality from one national language into another. There are of course many literate minority cultures for whom translation into languages with global literary capital provides the sole means to recognition. This unfortunate fact enhances the perception of postcolonial fiction as a translated literature, and its subsequent translation into other languages as translating a translated original. Hence, as “translated men” ([Rushdie 1991](#)), postcolonial writers must translate themselves into global languages in order to afford some literary capital in the global marketplace. Therefore, the translation of post-colonial literature has been described variously as “re-translation” ([Niranjana 1992](#)), re-creation, rewriting, or reparation ([Bandia 2008](#)), as it involves the representation of marginalized cultures in dominant languages, with an underlying intent to set the historical record straight, as it were. It is translation as reparation insofar as its overriding purpose is one of restitution or restoration, of redress of the inanities of the past, and resistance to linguistic, social and cultural misrepresentation. Far from being a mere linguistic transfer, postcoloniality imposes a praxis of translation as negotiation between cultures in an unequal power relationship.

Translating post-colonial literature involves a rejection of the mainstream representational theory of language in Translation Studies, which elides politics and ideology, and the subversion of dominant linguistic and aesthetic practices. Given its status as a ‘translated text’, as well as its

characteristic hybridity and polylingualism, postcolonial fiction disrupts the relation between the original and translation often conceived in terms of a uniform and monolithic entity easily defined or circumscribed and transferable from one language into another. The postcolonial text is linguistically multilayered and culturally multifaceted, and calls for translation strategies that can account for its innate plurality.

3. Conclusion

Postcolonial fiction is therefore disseminated through a poetics of translation as relation, as it is transposed and re-created in global languages of power and universal appeal that were once instruments of oppression of the very postcolonial reality. It is a problematic relation in which the postcolonial subject translates himself into the language of the colonizer. The intersection of postcolonial literature and translation has reset the button of an ethics of translation, raising questions about the relation between writer-translator and language, about who translates postcolonial literature and for whom, about publishers and editorial policies regarding minority literatures written in major languages, about the location of power and the relation between centre and periphery, and ultimately about the teaching of post-colonial literatures in translation. With respect to translation practice, other ethical issues arise regarding the degree of fluency or transparency of the target text, the vexed question of the assimilation of minority language cultures, the manipulation or subversion of language, an ethics of sameness or difference, reception and readability of translation, and the role of translation as an agent of decolonization. Central to the intersection of post-colonial literatures and translation is the issue of literature and identity in our contemporary world characterized by hybrid and translational cultures in a context of unequal power differential that had ensued in the aftermath of colonization.

References

- Ashcroft, Bill, Griffiths, Gareth & Tiffin, Helen. 1989. *The Empire Writes Back: Theory and Practice in Postcolonial Literatures*. London & New York: Routledge.
- Bandia, Paul F. 2008. *Translation as Reparation: Writing and Translation in Postcolonial Africa*. Manchester: St. Jerome Publishing. **TBS**
- Mehrez, Samia. 1992. "Translation and the Postcolonial Experience: The Francophone North African Text." In *Rethinking Translation*, Lawrence Venuti (ed.), 120-138. London & New York: Routledge. **TSB**

Niranjana, Tejaswini. 1992. *Sitting Translation: History, Post-Structuralism, and the Colonial Context*. Berkeley: University of California Press. **TSB**

Rushdie, Salman. 1991. *Imaginary Homelands: Essays and Criticisms, 1981-1991*. London: Granta.

Shamma, Tarek. 2009. "Postcolonial Studies and Translation Theory." *MonTI* 1: 183-196.

Spivak, Gayatri Chakravorty. 1993. "The Politics of Translation." In *Outside in the Teaching Machine*, 179-200. London & New York: Routledge. **TSB**

Tymoczko, Maria. 1999a. "Post-Colonial Writing and Literary Translation." In *Post-Colonial Translation: Theory and Practice*, Susan Bassnett & Harish Trivedi (eds), 19-40. London & New York: Routledge. **TSB**

Tymoczko, Maria. 1999b. *Translation in a Post-Colonial Context: Early Irish Literature in English Translation*. Manchester, UK: St. Jerome Publishing. **TSB**

Tymoczko, Maria. 2000. "Translations of Themselves: the Countours of Postcolonial Fiction." In *Changing the Terms: Translating in the Postcolonial Era*. Sherry Simon & Paul St-Pierre (eds), 147-163. Ottawa: University of Ottawa Press. **TSB**

Zabus, Chantal. 1991. *The African Palimpsest: Indigenization of Language in the West African Europhone Novel*. Amsterdam & Atlanta: Rodopi

Further readings

Bassnett, Susan & Harish Trivedi (eds). 1999. *Post-colonial Translation. Theory and practice*. London & New York: Routledge. **BoP TSB**

Cheyfitz, Eric. 1991. *The Poetics of Imperialism. Translation and Colonization from The Tempest to Tarzan*. New York and Oxford: Oxford University Press. **TSB**

Rafael, Vicente L. [1988] 1993. *Contracting Colonialism: Translation and Christian Conversion in Tagalog Society under Early Spanish Rule*. Rev. ed. Durham, NC: Duke University Press. **TSB**

Simon, Sherry & Paul St-Pierre (eds). 2000. *Changing the Terms: Translating in the Postcolonial Era*. Ottawa: University of Ottawa Press. **TSB**

Journalism and translation

Luc Van Doorslaer

Index

1. Transediting and the various media
2. Both a creative and a re-creative practice

References

Further readings

Particularly with regard to foreign news gathering and foreign news production, the relationship between language (knowledge) and journalism has often been stressed and described in the margins of linguistic (discursive, stylistic, pragmatic) or communication-oriented research. However, the interest for the specific position of translation, both as a process and a product in this interaction, is relatively new. Within the broader research field on translation and/in the media, various subfields can be discerned. Referring to several recent publications and making use of quantitative data, [van Doorslaer 2009](#) shows that this research domain largely focuses on the subfields of **[audiovisual translation](#)**, **[voiceover and dubbing](#)** and **[subtitling](#)**. The journalistic aspects of media translation as well as the position of translation in day to day journalistic work are not an explicit object of study in those subfields. In the wake of the Warwick project on ‘Translation in Global News’, however, more and more interest has arisen for news translation and other aspects related to news and translation. [Valdeón \(2015\)](#) provides an overview of the past fifteen years of ‘Journalistic Translation Research’. The most prominent publications of the Warwick project itself are the conference proceedings in [Conway & Bassnett 2006](#) and above all [Bielsa & Bassnett 2009](#), the final publication to issue from the project. It explores in particular the role of translation in so-called global news agencies (mainly AP, Reuters and AFP) as well as concrete translated news texts. Despite tendencies towards globalization and harmonization, the increasing role played by English language and even the dominance of Anglophone writing models (shorter and more direct texts), there still is an important variety in the use of different framing and translation practices, strategies and values. This variety can sometimes be traced back to the national/regional origins of the news agency or to marked choices with regard to content, for instance in the case of the ‘alternative’ IPS news agency. Since the publication of the famous MacBride report criticizing the very imbalanced news circulation in the world and the media exposure of the ‘elite countries’ ([MacBride 1980](#)), new balances were established. Nevertheless, a complex mixture of power relationships (continental, national, linguistic, political and

ideological) determines important decisions and choices regarding news selection, news translation and news editing. Christina [Schäffner \(2008\)](#) analyzes a corpus of translated journalistic texts and political quotes that were recontextualized for the home audience (without any reference to the translation act). She shows that institutional and ideological conditions of translation production are of decisive importance in these cases of political journalism and political communication. In his case study on the Spanish BBC Mundo, [Roberto Valdeón \(2008\)](#) discovers an underlying difference in status between Anglophone and Spanish-speaking cultures, where the importance of the former over the latter is often accentuated in the news coverage. The journalistic selectivity visible in the appropriation, translating and editing of certain materials influences the framing of world perception. [Luc van Doorslaer \(2009\)](#) reveals a clear correlation between the news agencies used as main sources and the countries dealt with in international news coverage. Newsrooms in Belgium mainly using AP for example, write more about the USA. Those who mainly use AFP, write much more about France. Though world news agencies may present themselves as ‘global’ nowadays, they obviously do not deny their roots. News agencies inevitably include norms linked to their national origins and this fact is reflected in their selection and de-selection principles as well as in their framing approach. So it remains an unsolved question “whether they have sufficiently disengaged themselves from their national and/or regional base in their news production” ([Bielsa & Bassnett 2009: 49](#)).

1. Transediting and the various media

Various aspects of translation can thus be found at several levels in the news process: during the initial news gathering stage (correspondents, news agencies), but also during the handling stage (editing and writing) at news agencies, (national or local) news organizations and newsrooms. Particularly the selection and de-selection principles adopted at the different stages are considerably influenced by language knowledge and (non-)translation. In many newsrooms all over the world, translation is not done by translators. But translation forms an integral part of journalistic work: a complex, integrated combination of information gathering, translating, selecting, reinterpreting, contextualizing and editing. [Karen Stetting \(1989\)](#) coined a term for such writing activities that include both translating and editing and that had often been referred to in later research as ‘transediting’. However, Schäffner doubts whether the term adds any explanatory power, since all transformations identified in news translation “are characteristic of translation more generally” ([2012: 866](#)).

From this perspective, it seems legitimate that a lot of research has mainly focused on the person of the journalist-translator as the crucial actor in this process of meaning-making or meaning-remaking. Based on the similarities between the daily work of translators and some

journalistic work, Luc van Doorslaer introduces the term ‘journalator’ for “a newsroom worker who makes abundant use of translation (in its broader definitions) when transferring and reformulating or recreating informative journalistic texts” (2012: 1049). [Kyle Conway \(2008\)](#) suggests that we should no longer concentrate on the journalist himself, but rather on the larger social system in which he functions, including such aspects as the political role of journalists, or the influence of degrees of national identity on the journalists’ institutional roles.

Most of the existing research on news translation concentrates on printed and online news materials. The most important reason for this is very practical: audiovisual news items are spoken and, as a consequence, not immediately available for written textual analysis or comparison. It is usually not easy to retrieve them from the media themselves, not even for scholarly research. Contributions on the position of translation and translators in TV newsrooms have focused on the pressure, the stress and the hectic circumstances of news production with hardly any specific attention being paid to language transfer or subtitling in the news. [Claire Tsai \(2006\)](#), for instance, deals with TV news translators in Taiwan working under extreme time pressure. Under such circumstances, translation is a very uncomfortable activity to carry out. Such translation products are often the result of high levels of simplification or manipulation in news texts. One of the rare examples that combine and compare broadcasting and newspaper news translation can be found in [Lee \(2006\)](#) for the language pair Korean-English. The contribution analyzes differences in lead structures between broadcasting and newspapers. Whereas broadcast news translation prefers the use of shorter leads, this reduction in leads is not clearly identifiable in newspaper translation, where lead expansion seems to be a frequent phenomenon. Although translators fulfill their traditional roles as cultural mediators and decision makers in both contexts, newspaper translators (or newspaper journalist-translators) act more clearly as gatekeepers, taking advantage of their greater freedom compared to broadcast translation.

2. Both a creative and a re-creative practice

Except for the few cases where ‘real’ translators work in a newsroom environment, translation in journalism is hardly ever seen as ‘translation proper’ or ‘translation-as-generally-understood’. More than fifty years ago Roman [Jakobson \(1959\)](#) published his seminal article distinguishing between intralingual, interlingual and intersemiotic translation. Although the interest in transfer processes in a globalized world is huge and still increasing, in many of these publications translation is still considered mainly or purely linguistic transfer. Jakobson’s explicit enlargement of the object of Translation Studies is clearly present in everyday translation and editing practices in newsrooms. An internet based English telex message from a source in India that is rewritten for tomorrow’s edition of *The Independent*, is an example of an intralingual translation. An Italian

news article in *La Repubblica* that is adapted for an item on the news of German public TV station ZDF, is an example of an intersemiotic translation. Despite this intralingual or intersemiotic transfer, there are a considerable number of cases outside the media in which a source text and a target text or product can be clearly identified. Most rewriting in the journalistic field is more problematic, however, as far as the status of a(n) (identifiable) source text is concerned. In many cases, several sources, or more particularly, several source texts are used when producing a new target text. Let us re-visit the last example. When ZDF wants to prepare an item on the Italian Prime Minister's policy, it would not only be based on the article in *La Repubblica*, but almost certainly also on earlier news items, other national and international media coverage of the topic, as well as on information or feedback from experts. Source texts are multiplied in such working procedures, and combined with information processing, various transformation, reworking and rewriting stages in order to produce one new target text. This multiplication of texts problematizes the presence and status of the source text in a 'normal' translational relationship. Such a situation is not unique, but rather typical of translation in journalism: the combination of a (hardly reconstructable) multi-source situation with a highly pragmatic use of translation in potentially all three object fields as described by Jakobson. Whereas Jakobson's extension of 'translation' was exclusively target-text and target-situation-bound, this additional extension refers to aspects of the source-text and the source-situation. As a result of this complex combination of factors, studying the position and role of 'translation proper' in the day-to-day journalistic practice of text production can be seen as very challenging, but it is not necessarily rewarding. Media translation researchers are often confronted with this obstacle: in many concrete cases, it is not realistic to deconstruct a news message in order to determine which parts have been edited and which parts are likely to be the result of an interlingual translation act. [Lucile Davier's \(2014\)](#) case of text production in Swiss news agencies shows the relative invisibility of multilingualism and translation in a highly plurilingual process.

Translation in the journalistic field not only has to take into account the disintegrating status of the source text, it also has to problematize the concept of authorship. In journalistic text production, translating and writing are brought together in one process that is both creative and re-creative at the same time. In most cases it is impossible to distinguish the two activities involved in this integrated process. The same goes for the two functions in a newsroom: journalists writing 'original' reports or journalists translating and rewriting on the basis of existing sources. This practice explains the absence of 'real' translators in newsrooms, a situation that is highly paradoxical: because translation is everywhere, there are no formal translator positions. The relativity of both the status of source text and authorship creates a situation that is opposite in many respects to the position of translation in traditional research on literary translation for

example, where the author and the ‘sacred original’ are of central importance. This specificity is what makes the relationship between journalism and translation highly interesting for Translation Studies.

References

Bielsa, Esperança & Bassnett, Susan. 2009. *Translation in Global News*. London: Routledge.
doi: 10.1075/target.19.1.08bie BoP

Conway, Kyle. 2008. “A cultural studies approach to semantic instability: The case of news translation.” *Linguistica Antverpiensia* New Series 7: 29–43..
doi: 10.1080/14781700.2012.701938 TSB

Conway, Kyle & Bassnett, Susan. (eds) 2006. *Translation in global news: proceedings on the conference held at the University of Warwick 23 June 2006*. University of Warwick.
www2.warwick.ac.uk/fac/arts/ctccs/research/tgn/events/tgn/translation-in-global-news-proceedings.pdf [Accessed 3 May 2010].

Davier, Lucile. 2014. “The paradoxical invisibility of translation in the highly multilingual context of news agencies.” *Global Media and Communication* 10(1): 53–72.
doi: 10.1177/1742766513513196 TSB

Jakobson, Roman. 1959. “On linguistic aspects of translation.” In *On translation*, Reuben Arthur Brower (ed.), 144–151. Cambridge: Harvard University Press. TSB

Lee, Chang-soo. 2006. “Differences in News Translation between Broadcasting and Newspapers: A Case Study of Korean-English Translation.” *Meta* 51 (2): 317–327.
doi: 10.7202/013259ar TSB

MacBride, Sean. 1980. *Many voices, one world: towards a new more just and more efficient world information and communication order (Report by the international commission for the study of communication problems)*. London/ Paris/ New York: Unesco. unesdoc.unesco.org/images/0004/000400/040066eb.pdf [Accessed 3 May 2010].

Schäffner, Christina. 2008. “‘The Prime Minister said...’: Voices in translated political texts.” *Synaps* 22: 3–25.. doi: 10.1075/btl.26.11sch

2012 “Rethinking Transediting.” *Meta* 57(4): 866-883. doi: 10.7202/1021222ar

Stetting, Karen. 1989. "Transediting – A New Term for Coping with the Grey Area between Editing and Translating." In *Proceedings from the Fourth Nordic Conference for English Studies*, G. Caie (eds), 371–382. Copenhagen: University of Copenhagen.

Tsai, Claire. 2006. "Translation through Interpreting: A Television Newsroom Model." In *Translation in global news: proceedings on the conference held at the University of Warwick 23 June 2006*, Kyle Conway & Susan Bassnett (eds), 59–71. Coventry: University of Warwick. TSB

Valdeón, Roberto A. 2008. "Anomalous news translation. Selective appropriation of themes and texts in the internet." *Babel* 54 (4): 299–326. doi: 10.1075/babel.54.4.01val BoP

Valdeón, Roberto A. 2015. "Fifteen years of journalistic translation research and more." *Perspectives* 23(4): 634–662. doi: 10.1080/0907676X.2015.1057187

Van Doorslaer, Luc. 2009. "How language and (non-)translation impact on media newsrooms. The case of newspapers in Belgium." *Perspectives* 17 (2): 83–92. doi: 10.1080/09076760903125051 TSB

2012. "Translating, Narrating and Constructing Images in Journalism with a Test Case on Representation in Flemish TV News." *Meta* 57(4): 1046–1059. doi: 10.7202/1021232ar

Further readings

Bielsa, Esperanca. 2007. "Translation in Global News Agencies." *Target* 19 (1): 135–155. doi: 10.1075/target.19.1.08bie BoP

Orengo, Alberto. 2005. "Localising News: Translation and the 'Global-national' Dichotomy." *Language and Intercultural Communication* 5 (2): 168–187. doi: 10.1080/14708470508668892 BoP

Schäffner, Christina. 2005. "Bringing a German Voice to English-speaking Readers: Spiegel International." *Language and Intercultural Communication* 5 (2): 154–157. doi: 10.1080/14708470508668891 BoP

Valdeón, Roberto A. 2005. "The CNN en Español news." *Perspectives* 13 (4): 255–267. doi: 10.1080/09076760608668996

Reception and translation

Elke Brems & Sara Ramos Pinto

Index

1. From the text and author to the reader
2. Reception in Translation Studies References
 - 2.1. Reception from a social perspective
 - 2.2. Readers response and assessment

References

Further readings

1. From the text and author to the reader

Reception is a term that, since its introduction in literary studies in the 1960s, shifted the focus from the text and the author to the reader. The bottom line is that a text has no meaning without the contribution of the reader. In the conceptualisation of reception we can distinguish two main traditions: a European and an American one. One of the most influential scholars in the first was the German Hans-Robert Jauss who worked within the framework of the ‘Rezeptionsaesthetik’ (aesthetic of reception) in the late 1960s and early 1970s. Jauss introduced the term ‘Erwartungshorizont’ (horizon of expectations) to designate the set of cultural norms, assumptions and criteria that shape the way in which readers understand and judge a literary work at a given time. The process by which the reader concretises the potential of the text into a specific meaning or sense is what Jauss calls reception. Jauss’ main goal was to find new ways to write literary history. He claimed that the evolution of the audience, not the historical period of the author, explains the history of a literary text. A second important scholar of this ‘Konstanzer Schule’ (Constance School) is Wolfgang Iser. He introduced the concept ‘Leerstelle’ (Textual Gaps). For Iser, texts provide only a schematic structure, leaving many things unexplained to the reader. Through the reading process, the reader fills in the gaps and realizes the meaning of the text in a subjective and imaginative way.

In the 1970s, almost simultaneous with the Konstanzer Schule, literary scholars in the US initiated Reader Response Criticism, which equally shifts the focus from the text to the reader. One of the most influential scholars here is Stanley Fish, whose theory states that a text does not have meaning outside of a set of cultural assumptions ([Fish 1980](#)). Fish claims that we interpret texts because we are part of an ‘interpretive community’ that imposes upon us a particular way of reading a text. This concept of ‘interpretive communities’ has been very influential and is widely used. It entails that our ‘horizon of expectations’ is not just subjective or individual, but is

collective and based on aspects such as history, geography, status, education, age or gender giving the concept of ‘reception’ a political dimension.

2. Reception in Translation Studies

This paradigm shift towards the reader can be said to have had a considerable impact in the study of translation, as it promoted the consideration of translations as a product of the target context. For the study of translation, this meant moving away from a linguistically oriented approach focused on the concept of equivalence and the comparison between source and target texts, towards the study of translation within the receiving culture and the role translations played in the identity formation and dynamics of the target culture (see Descriptive Translation Studies).

The connection between Reception Studies and Translation Studies (TS) is thus historical and central to TS. However, the links between them go far beyond that. From a Translation Studies perspective, the concept of reader – necessarily extended to include the viewer in Audiovisual translation, the spectator in theatre translation as well as the translator itself as the first reader – also encompasses concepts such as implied reader, interpretive community, critics, target culture, and empirical reader. In this context, it is relevant to distinguish two levels of analysis in the study of reception within TS: one looks at the reception of translations at a social level and focuses on ‘theoretical readers’, the other looks at reception at a more individual level and focuses on ‘real readers’. This article presents a short review of the studies developed following both approaches and methodological differences between them.

1.1. Reception from a social perspective

Looking at the reception of translations from a social perspective means focusing on how translated texts are received on a supra-individual level. Such focus has been assumed by a number of approaches related to Translation Studies, namely Adaptation Studies, Histoire Croisée, Imagology, Cultural Transfer, Cultural Studies, Comparative Literature (see Literary Studies and Translation Studies and National and cultural images).

The study of reception does not always deal with translations; however, the booming of Translation Studies in the last decades has, undoubtedly, made translation a more common topic in Reception Studies. Conversely, Translation Studies does not always consider the reception of texts, but almost from the beginning of the discipline this has been a widely practiced line of approach. According to Raymond Van den Broeck (1988), the rise of Reception Studies in the 1960s caused translations to become a widely studied object because it incited scholars to study the way translations function in the receiving culture and the importance of translated literature in the development of national literatures.

It was especially Descriptive Translation Studies, with its focus on the functioning of translated texts in the target culture, that made the concept of ‘reception’ relevant to Translation Studies. The Israeli scholar Itamar Even-Zohar, in his seminal text “The Position of Translated Literature Within the Literary Polysystem” (dating from the 1970s, but revised in 1990), deals with the introduction, by means of translation, of a cultural product from a source culture into a target culture, focusing mainly on how and why these translated texts and authors take a central or peripheral place in the target culture. The translated text can either function as an innovatory (‘primary’) or as a conservatory (‘secondary’) force. This idea is related to Jauss’ ‘aesthetic distance’. Even-Zohar also focuses on the nature of the target culture when he sums up characteristics of cultures that are more likely than others to receive cultural products from across their borders: (a) when a literature is young; (b) when a literature is peripheral or weak and (c) when there are turning points, crises, or literary vacuums in a literature. In his text ‘The making of culture repertoire and the role of transfer’ he introduces the concept of repertoire. (see [Polysystem theory and translation](#)) [Andringa \(2006\)](#) has refined this concept for the study of literary reception. She redefines the concept as ‘mental equipment’ with three components: (1) knowledge of works and oeuvres that serve as models and frames of reference; (2) internalized strategies and conventions that govern production, reception, and communication; and (3) sets of values and interests that determine selection, classification, and judgment. The components are interconnected in that all are value-laden or interest-driven.

The combination of translation and reception has appeared very useful in the study of [literary](#) and [Cultural translation](#). Both a qualitative and a quantitative approach are relevant. In a quantitative approach, one can gather bibliographical information, count translations, map translation flows (cf [Heilbron 1999](#)), make inventories of translations in a certain era, by a certain translator, from a certain source culture, etc. (see also [Bibliometrics](#)). In a qualitative approach, one can study aspects such as how an author, oeuvre, [genre](#) or source culture was received in the target culture, e.g. by looking at literary criticism, influence and intertextuality, censorship, etc. One can also use questionnaires or interviews to assess the reputation or interpretation of a work or author in a certain community. The influential concept of ‘norms’ (see [Norms of translation](#)) often plays an important role in this kind of approach to reception. Less studied is the translated text itself as a means of productive reception. Discourse analysis can show how a translation functions as an ‘interpretation’ of the source text. This line of approach – the reception of translated texts studied at a textual level – can complement the study of reception at a social level.

Especially the study of cultural transfer, focusing on the reception of e.g. Slovene literature in Italy, John Dos Passos in The Netherlands or Shakespeare in Turkish cinema, offers a rich variety of topics for Translation Studies scholars. It can also lead to a more abstract kind of topic

like e.g. the translation and reception of Darwinism in France, etc. 'Translation' is then sometimes used in a more metaphorical manner.

Outside the realm of literature and culture, this concept of 'reception' has not been used very frequently within Translation Studies. The study of the reception of e.g. technical or audiovisual translations has received very little attention. Exceptions, however, can be found in authors such as [Chen \(2011\)](#), who uses the concept of reception aesthetics (Jauss and Iser) to discuss the reception of news texts.

[Baker \(2006\)](#) does not limit her research on reception at a social level to cultural or literary texts, but also looks at e.g. political translations. She explores the terms 'frame' and 'framing', which can account for the ways in which discourses are altered when transferred, because they are injected by other, personal or collective narratives in the translation practice. She starts from the assumption that the meaning of narratives is defined not only by their production, but also by their reception, which is clearly the crux of Reception Studies.

2.2. Readers response and assessment

Contrary to this first approach focused on how translations are received at a supra-individual level, this second perspective focuses on the 'real reader' and how specific translation strategies affect readers' response and assessment. Researchers try to answer questions related to (a) the cognitive processes invoked at the moment of reception of translated material; (b) the effect of specific contextual, sociological, technical or linguistic aspects on reception; and (c) the readers' assessment of particular translation strategies. In the context of Translation Studies, this kind of research has mainly been focused on the translator and the cognitive processes invoked when translating (see [Cognitive approaches](#)); however, more attention has gradually been devoted to readers, their competence, needs and expectations. Back in [1995](#), Kovačič was already calling for more empirical studies on reception and 'readers'. She considered that, without more empirical data on readers' response and assessment of translated texts, current translation strategies and tactics would continue lacking empirical testing; the process of audience design would continue unable to address the needs and expectations of 'real readers'; and finally, translators would continue to be left to their own devices and to work based on assumptions often grounded on individual stereotypes and prejudices.

Moving away from the concept of ideal viewer, this second approach to reception assumes a clear focus on 'real readers' and makes use of similar data collection methods, such as questionnaires and interviews, and more specific methods such as simple observation, eye-tracking and interactive tasks. Interviews and questionnaires are used both to collect information on readers' assessment and measure comprehension and processing effort. The amount of data

collected is normally higher using these methods, but they also force the researcher to rely on viewers' perception. Among the more specific methods, simple observation is a relatively unobtrusive method to collect data; however, besides the risk of having the researcher's own subjective judgement influencing the results, readers' reactions will be difficult to scale and compare. Technological advancements have led to an increase in the use of eye-tracking in the study of reception of translated material. The data on gaze location offers the researcher insight into behaviour features of reception such as reading speed, attention distribution, the order in which elements of the translated product are received and how often they are fixated. Interactive tasks such as, for example, the use of a protest button can be used to illicit simultaneous responses; however, previous studies ([Gottlieb 1995](#)) have raised concerns regarding over or under-responsiveness from participants. Given the difficulty in collecting data on cognitive processes and the fact that every method has its advantages and disadvantages, the adoption of triangulated methodologies has been deemed more suited by many researchers. In this context, triangulation means the combination of different methods so that the results collected through one method are contrasted with the results collected by a second or third method.

Besides the problems regarding the collection of data, researchers also face problems regarding the myriad of variables that can impact on reception such as: translation mode; sociological variables (age, gender, etc.); contextual variables ([genre](#), year, etc.); paratextual variables (translation notes, glossary, etc.); interplay between modes (specially in the case of audiovisual and theatre translation); technical aspects (in/out subtitles, etc.) and linguistic parameters (lexical frequency, linguistic variation, etc.).

Although still in its infancy, this approach has already promoted a considerable body of work in the context of Translation Studies. It is, however, interesting to notice that, contrary to what was described in the previous section, most studies focused on reception at an individual level were, until now, developed in the context of audiovisual translation (AVT). It is worth mentioning the work of [Puurtinen \(1995\)](#) and [Kruger \(2013\)](#) on the reception of children's literature, or [Kenesi \(2010\)](#) on the reception of poetry; however, the number studies focused on the reception of literary translation seems always small when compared to the much higher number of studies focused on the reception of audiovisual translation. Such studies have considered different modes such as [subtitling](#), dubbing and audio-description as well as different audiences (hearing and viewing people, deaf, hard of hearing, blind) (see also [Voiceover and dubbing; Media accessibility](#)). They have focused on topics such as the effectiveness of subtitling and dubbing, the translation of [humour](#), culture specific items, and linguistic variation. They have also tested the impact of variables such as age, gender, knowledge of source language, subtitling speed, lexical frequency, word-by-word rendition in live subtitling, the use of additional subtitles with contextual

information, and the level of condensation in subtitles (see [Caffrey 2009](#) for a good summary of some of these studies).

References

- Andringa, Els. 2006. "Penetrating the Dutch polysystem: The reception of Virginia Woolf, -1920–2000". *Poetics Today* 27 (3): 501–568. doi: 10.1215/03335372-2006-001
- Caffrey, Colm. 2009. "Relevant Abuse? Effects of Abusive Subtitling Strategies on Viewer Assessment of TV Anime". Dublin. Dublin City University [Ph.D. Thesis].
- Chen, Yamei. 2011. "The translator's subjectivity and its constraints in news transediting: A perspective of reception aesthetics". *Meta* 56 (1): 119–144. doi: 10.7202/1003513ar TSB
- Even-Zohar, Itamar. 1978/1990. "The position of translated literature within the literary polysystem." In *The Translation Studies Reader*. Lawrence Venuti (ed.). 3rd edition. 192–197. London/New York: Routledge. doi: 10.2307/1772668 TSB
- Gottlieb, Henrik. 1995. "Establishing a framework for a typology of subtitle reading strategies: DK viewer reactions to deviations from subtitling standards." *Translatio* 14 (3–4): 388–409.
- Heilbron, Johan. 1999. "Towards a sociology of translation. Book translations as a cultural world-system". *European Journal of Social Theory* 2 (4): 429–444. TSB
- Kenesi, Andrea. 2010. *Poetry Translation through Reception and Cognition: The Proof of Translation is in the Reading*. Cambridge: Cambridge Scholars Publishing.
- Kovačič, Irena. 1995. "Reception of subtitles. The non-existent ideal viewer." *Translatio* 14 (3–4): 376–383.
- Kruger, Haidee. 2013. "Child and adult readers' processing of foreignised elements in translated South African picturebooks". *Target* 25 (2): 180–227. doi: 10.1075/target.25.2.03kru BoP
- Puurtinen, Tiina. 1995. *Linguistic Acceptability in Translated Children's Literature* [Publication in Humanities 15]. Joensuu: University of Joensuu.
- Van den Broeck, Raymond. 1988. *Literatuur van elders: over het vertalen en de studie van vertaalde literatuur in het Nederlands*. Leuven: Acco. TSB

Further readings

- Baker, Mona. 2006. *Translation and Conflict. A Narrative Account*. London: Routledge. BoP

Fish, Stanley. 1980. *Is There a Text in This Class? The Authority of Interpretive Communities*. Cambridge: Harvard University Press. BoP

Jauss, Hans Robert. 1982. *Toward an Aesthetic of Reception*. Minneapolis. University of Minnesota Press.

Iser, Wolfgang. 1978 *The Act of Reading: A Theory of Aesthetic Response*. London: Routledge.

Machor, James L. & Goldstein, Philip. 2001. *Reception Study. From Literary Theory to Cultural -Studies*. London/New York: Routledge.

Translation Universals

Andrew Chesterman

Index

1. The rise of translation universals
 - 1.1. Potential S-universals
 - 1.2. Potential T-universals
2. Problems
3. Benefits
- References
- Further readings

Research on translation universals emerges from a convergence of influences. The first is the old idea that translations are recognizably different from other texts. There is a long tradition of comments about translations sounding unnatural, which has led to the notion of “translationese”. Similarly, it has long been recognized that some aspects of the source text and its meaning or style are typically “lost in translation” (see [Stylistics and translation](#)). Underlying both these traditions is the assumption that any translation shares characteristics with other translations, since otherwise no generalization about typical weaknesses could be made in the first place.

A second influence comes from [linguistics](#). In the late 20th century some linguists began searching for language universals. These were understood to be highly abstract features of language which are common to all languages, deriving from universal characteristics of human cognition. The goal was to formulate these linguistic universals as a universal grammar, an idea promoted particularly by the American linguist Noam Chomsky.

A third source of influence has been a methodological development: the expanding use of computers in language research opened up the potential of large corpora of machine-readable texts (see [Corpora](#)). These corpora could be analysed automatically, yielding detailed quantitative data on the frequencies and distributions of linguistic features. Corpus studies rapidly became a major branch of linguistics, and soon after, in the 1990s, came to flourish also in [Translation Studies](#) (see e.g. [Laviosa 2002](#)).

A fourth tendency can be seen in the theoretical development of Translation Studies. During the 1980s and 1990s, with the move towards a descriptive approach, empirical generalizations began to be made about possible shared features of translations (see [Descriptive Translation Studies](#)). Building on the work of Itamar Even-Zohar, Gideon Toury (e.g. [1995](#)) proposed two

general “laws” about translation: that translations were inevitably influenced by the form of the source text (i.e. they showed interference), and that they tended to be stylistically more standardized than their source texts. Perhaps the most influential early observation was that of Shoshana [Blum-Kulka \(1986\)](#), who noted that translations tended to contain more cohesion markers than their originals, and suggested an “explicitation hypothesis” to account for this.

1. The rise of translation universals

It was a seminal paper by Mona [Baker \(1993\)](#) that first brought these tendencies together into a research programme for Translation Studies. She called for research on what she called (following some earlier scholars) the “universal features of translation, that is features which typically occur in translated texts rather than original utterances and which are not the result of interference from specific language systems” (1993: 243). To this end, she set up an electronic corpus of translated English texts at Manchester (see <http://www.monabaker.com/tsresources/TranslationalEnglishCorpus.htm>). The corpus did not include the source texts, but could be used in conjunction with any standard corpus of non-translated English, such as the Bank of English Corpus, to make comparisons between translations and non-translations. Other similar corpora were set up for other languages.

These potentially universal features fall into two categories, depending on the point of comparison (see e.g. [Chesterman 2004](#)). An S-universal (S from “source”) formulates a generalization about a difference between translations and source texts, and a T-universal (T from “target”) claims something about typical differences between translations and non-translations in the target language. All such generalizations are strictly speaking hypotheses, which may or may not be supported by further empirical tests. Here are some examples (for further references, see the papers in [Mauranen and Kujamäki 2004](#)):

1.1. Potential S-universals

- Lengthening: translations tend to be longer than their source texts. The hypothesis has not met with much support, and is presumably heavily dependent on the linguistic features of the languages concerned.
- Interference. This is one of Toury's “laws”, and is widely assumed to be a valid general claim. But there is also wide variation in the conditions under which it occurs to different degrees, and under which it is accepted.

Standardization. This is Toury's other “law”. The evidence in favour of this general tendency is fairly clear, although here too there is variation under different conditions. The term has a wide

range of interpretations, including what some scholars call “conventionalization” or “normalization” (including dialect normalization).

- **Explicitation.** This is one of the most widely studied and debated potential universals. The idea that translations tend to be more explicit than their originals goes back at least to [Blum-Kulka \(1986\)](#), and has since been taken up in many studies (e.g. [Klaudy 1996](#)). However, the concept itself has proved problematic; it has been interpreted in many conflicting ways.
- **The [retranslation](#) hypothesis.** This claims that later translations of a given (literary) work into a given target language tend to get closer to the source text. The idea goes back to Goethe, but has been much debated. Some evidence supports the claim, but much evidence does not. It is certainly not a genuine “universal”, but may apply under certain conditions. As with explicitation, there are many conceptual disagreements that have not yet been resolved (see e.g. Paloposki & Koskinen [2010](#)).
- **Reduction of repetition.** This has been noted by several scholars.

1.2. Potential T-universals

- **Simplification.** This was one of the main conclusions drawn by Laviosa (see e.g. [2002](#)) in the first major study using the Manchester comparable corpus of translated English. She used a number of measures of simplification, such as lexical variety (translations showed less variety); lexical density (translations had a higher proportion of functional words to lexical words, i.e. they were less dense); and use of high-frequency items (translations had a higher proportion of high-frequency items). These measures suggest that translations tend to be simpler than comparable non-translated texts.
 - **Untypical lexical patterning.** If this really is a universal tendency, it seems that translations exhibit two contrary tendencies: to over-use the most typical words and structures of the target language (cf. simplification), but also to show signs of untypical usage.
 - **Under-representation of target-language-specific items.** This is the “unique items hypothesis” proposed by Tirkkonen-Condit (e.g. [2004](#)). The idea is that target-language items that are formally very different from a given source language (and in this sense “unique”) will tend not to be used so often in translations, as they will presumably not occur so readily to the translator's mind, on the assumption that mental processing is based primarily on the source-language form.
- Research into potential translation universals is not only a question of establishing whether they exist or not, and if so, under what conditions. If they do exist, they need explaining; possible explanations have been sought at different levels.

Most obviously, there must be some kind of cognitive cause, something in the mind of translators that affects the way they process texts simultaneously in two languages. Another kind

of explanation would be to appeal to the way translators are trained to be good communicators, to take cultural distance into account, to think of the reader, and so on. They are taught about the norms they will be expected to meet: this might explain why they tend to explicate, to clarify, and so on. Yet another suggestion has been to appeal to translators' desire to avoid risks: "playing safe" could easily involve translating literally or sticking to the most frequent vocabulary and grammar. Tight deadlines might increase such a tendency.

2. Problems

Research on universals has not gone without criticism. One problem is terminological: the term "universal" was perhaps an unfortunate choice in the first place, as this meant giving a term borrowed from linguistics a weaker meaning (potential translation universals are often formulated as "tendencies"). [Tymoczko \(1998\)](#) and others have pointed out a related problem. When a corpus of translations is set up in order to generate or test hypotheses about universals, it is by no means obvious what should count as a translation in the first place and thus qualify for inclusion in the corpus; whether a corpus should also include for instance "bad" translations, non-native ones, very free ones, or even deliberately marked ones such as those that are strongly foreignized or based on feminist principles. Furthermore, the way universal claims are formulated and tested is sometimes far from explicit, which makes replication impossible.

A different critical point is made by those who see research into universals as basically pointless: it merely highlights features of translations that are already quite well known – as features of poor translations. And some have argued that many of the phenomena so far discussed could be just as well explained as being pragmatic universals of language use in general (e.g. [House 2008](#)). A further criticism is that so far, potential universals have only been tested on translations between a rather limited range of languages, mostly European ones.

3. Benefits

Research on translation universals has brought methodological benefits, helping to strengthen the field as an empirical discipline. The search for universals has encouraged the use of clear research designs, either starting with a specific hypothesis to be tested, or moving from corpus analysis to proposals about possible new hypotheses. If scholars abandon the term "universal", it makes good sense to look for generalizations and tendencies of all kinds, including those that are not perhaps universal in the strict sense but conditioned in some way, concerning translations of a given type (such as [subtitling](#), for instance), done by a given kind of translator, and so on.

So some research is moving in the opposite direction, exploring potential characteristics of mediated discourse in general (such as edited or transcribed texts: see e.g. [Ulrych 2009](#)), not just

translations. A further step would be to compare generalizations about translations with language produced by non-native speakers such as language learners, or by bilinguals. Some of the potential universals might turn out not to be specific to translation after all, but have a wider scope.

It may also be the case that if translator trainees are explicitly taught about possible universals, they may seek to avoid those that they see as undesirable. Paradoxically, of course, this would eventually falsify any claim of the universality of such features.

References

- Baker, M. 1993. "Corpus linguistics and Translation Studies: Implications and applications." In *Text and Technology: In Honour of John Sinclair*, M. Baker et al.(eds), 233–250. Amsterdam/Philadelphia: Benjamins [TSB](#). doi: [10.1075/z.64.15bak](#)
- Blum-Kulka, S. 1986. "Shifts of cohesion and coherence in translation." In *Interlingual and Intercultural Communication: Discourse and Cognition in Translation and Second Language Acquisition Studies*, J. House and S. Blum-Kulka(eds), 17–35. Tübingen: Narr. [TSB](#)
- Chesterman, A. 2004. "Beyond the particular." In Mauranen and Kujamäki (eds), 33–49. [TSB](#)doi: [10.1075/btl.48.04che](#)
- Laviosa, S. 2002. *Corpus-based Translation Studies: Theory, Findings, Applications*. Amsterdam/Atlanta: Rodopi. doi: [10.1080/10228190408566201](#) [BoP](#)
- Mauranen, A. & Kujamäki, P. (eds) 2004. *Translation Universals. Do they exist?* Amsterdam/Philadelphia: Benjamins. doi: [10.1075/btl.48](#) [BoP](#)
- Mauranen, O. & Koskinen, K. 2010. "Reprocessing texts. The fine line between retranslating and revising." *Across Languages and Cultures* 11 (1): 29–49. doi: [10.1556/Acr.11.2010.1.2](#) [TSB](#)
- Tirkkonen-Condit, S. 2004. "Unique items – Over- or under-represented in translated language?" In Mauranen & Kujamäki(eds), 177–184.
- Toury, Gideon. 1995. *Descriptive Translation Studies and Beyond*. Amsterdam/Philadelphia: Benjamins. doi: [10.1075/btl.4](#) [BoP](#)
- Tymoczko, Maria. 1998. "Computerized corpora and the future of Translation Studies." *Meta* 43 (4): 653–659. doi: [10.7202/004515ar](#) [TSB](#)

Further readings

Chesterman, A. 2007. "What is a unique item?" In *Doubts and Directions in Translation Studies*, Y. Gambier et al. (eds), 3–13. Amsterdam/Philadelphia: Benjamins [TSB](#).
doi: [10.1075/btl.72.04che](#)

Halverson, S. 2003. "The cognitive basis of translation universals." *Target* 15 (2): 197–241.
doi: [10.1075/target.15.2.02hal](#) [TSB](#)

House, J. 2008. "Beyond Intervention. Universals in translation?" *trans-kom* 1 (1): 6–19. [TSB](#)

Klaudy, K. 1996. "Back-translation as a tool for detecting explication strategies in translation." In *Translation Studies in Hungary*, K. Klaudy et al.(eds), 99–114. Budapest: Scholastica. [TSB](#)

Pym, Anthony. 2008. "On Toury's laws of how translators translate." In *Beyond Descriptive Translation Studies*, A. Pym et al.(eds), 311–328. Amsterdam/Philadelphia: Benjamins.
doi: [10.1075/btl.75.24pym](#)

Ulrych, M. 2009. "Translating and editing as mediated discourse: focus on the recipient." In *Translators and Their Readers. In Homage to Eugene A. Nida*, R. Dimitriu & M. Shlesinger(eds), 219–234. Brussels: Editions du Hasard.

Artigos publicados

Censura

Denise Merkle

▼ Índice

1. Conceitos
2. Contexto e novas perspectivas

Referências bibliográficas

Artigos relacionados

<https://doi.org/10.1075/hts.1.cen1.pt>

Handbook of Translation Studies Volume 1, pp. 18–21. ISSN 2210-4844

© John Benjamins Publishing Company

1. Conceitos

A interceção dos estudos dedicados à censura e tradução explora as manifestações extremas da influência de ideologias em traduções. Consequentemente, a sua investigação leva-nos a considerar os aspetos ideológicos mais importantes em Estudos de Tradução (Tymoczko em Ni Chuilleanáin *et al.* 2009:45). A censura tem sido justificada com base em razões estéticas, morais, políticas, militares e religiosas e considerada, entre outras perspetivas, uma rede de agentes envolvidos no processo de **transferência** (**transfer**), em agência tradutória, na ética da tradução, na relação entre a reescrita (criatividade) e a tradução. Nem sempre se trata de um produto de situações binárias polarizadas em que tradutores inocentes são compelidos contra regimes repressivos no processo tradutório. Ainda que tradicionalmente considerada coerciva e repressiva, a investigação levada a cabo durante o século XXI dedicada à censura e tradução tem contribuído para o aprofundamento do conhecimento sobre este fenómeno complexo.

A localização da censura num *continuum* de **normas** (**norms**) e constrangimentos pode, por vezes, dificultar a identificação do grau de coerção e repressão (Brunette, em **TTR 2002**). A censura é um instrumento utilizado para moldar, ou mesmo reforçar, a visão do mundo e a produção do discurso. Esta

poderá impor-se com particular crueldade quando confrontada com uma alteridade intolerável, deixando a sua marca na interpretação (comunitária e “formal”), na tradução para os *media* (i.e., cinema, teatro e teatro radiofónico) e em todos os tipos e géneros de tradução textual (ou seja, diários de viagem, textos religiosos, discursos políticos, ensaios, poesia, romances, jornais) (TTR 2002; Billiani 2007; Seruya & Moniz 2008; Ní Chuilleanáin, Ó Cuilleanáin & Parris 2009). De uma forma geral, quanto mais abrangente for o público-alvo, mais rigorosa será a censura.

A censura estrutural é um lugar comum nas sociedades democráticas e trata-se dum conjunto de regras tácitas moldadas por hábitos e pelo capital simbólico de produtos discursivos no campo da censura (Bordieu, em TTR 2002: 15–16), ainda que frequentemente não reconhecida de forma consciente.

Em contrapartida – ainda que a censura esteja geralmente associada a regimes totalitários – estudos recentes vêm realçar a eficácia deste fenómeno em sociedades democráticas. Quando se torna institucionalizada em contextos repressivos, a censura pode revestir a forma de um projeto colaborativo (Kuhiwczak, em Ni Chuilleanáin, *et al.* 2009). Podemos referir, por exemplo, o caso da República Democrática Alemã, onde a palavra “censura”, considerada tabu, era substituída por expressões como “planeamento e orientação” e “guia e apoio” (Thomson-Wohlgemuth, em Billiani 2007: 106). Os meios económicos, como as licenças e os impostos elevados, são um mecanismo de execução da lei adotado não só por regimes totalitários, como também por sistemas democráticos para excluir do mercado produtos culturais indesejáveis (Gambier, em TTR 2002).

A censura é motivada pelo desejo de proteção dos mais vulneráveis ou pela criação de um sistema político ou cultural. Ben-Ari (2006) investigou o papel da (auto)censura na formação da imagem do “Sabra Puritano” na literatura hebraica, como parte de um projeto de construção da nação de Israel. Num “contexto de censura oficial” (TTR 2002: 10), a censura “institucional (do Estado ou religiosa)” (Billiani 2009: 29) dita a sua necessidade, ou seja, a necessidade dos legisladores, líderes políticos e religiosos. Estes relegavam, no entanto, essa responsabilidade aos serviços de censura. Os censores podem ser produtores consumados dos tipos de produtos culturais (como, por exemplo, a literatura traduzida e filmes legendados) que censuram ou até membros estimados pelas

suas comunidades. Em alguns casos, inclusive, não têm conhecimento de tradução ou da língua e cultura de partida (Tourey 1995:278). Estes últimos, temidos e desprezados de várias maneiras, podem servir-se de meios repressivos, ou até mesmo violentos, para alcançar os seus objetivos censórios. Por conseguinte, “censura” tem, normalmente, uma conotação negativa. Contudo, a recepção de filmes legendados censurados para o público geral (Gambier em TTR 2002) e da literatura infantojuvenil reescrita é, na sua maioria, positiva, sendo esta última muitas vezes assim conotada através da escolha do termo “**adaptação**” (**adaptation**). Consequentemente, a censura é entendida, de outra forma, como servindo o posicionamento ideológico de uma entidade sociopolítica mais vasta (como nos exemplos acima) ou como repressiva.

A censura na tradução pode ocorrer antes ou depois da publicação. A censura prévia pode assumir a forma de bloqueio cultural (Wolf em TTR 2002), censura preventiva ou autocensura. O bloqueio cultural intervém aquando da entrada de um produto cultural na cultura de chegada. A cultura de partida poderá ter iniciado o processo de transferência ou os agentes da cultura de chegada poderão ter tentado importar um produto de uma cultura estrangeira. No entanto, os mecanismos de seleção intervêm de modo a bloquear a entrada dos produtos culturais considerados indesejáveis ou, quando a entrada é permitida, influenciar a forma de transferência cultural (como, por exemplo, as diversas reescritas). Além disso, alguns produtos culturais manifestamente bloqueados poderão entrar no sistema de chegada por meios clandestinos (Merkle 2010).

Os tradutores que assumem o papel de “*gatekeeper*” (TTR 2002:9) reproduzem a norma e são propensos a aplicar o princípio da correção ou autocorreção (autocensura) aos seus produtos discursivos, ao mesmo tempo que se mantêm, cuidadosamente, dentro da margem de Lefevere (O’Sullivan 2009). Aplica-se o conceito de “autocensura” – também apelidado de expurgação (“*bowdlerism*” em inglês) no contexto vitoriano (Ó Cuilleánáin 1999) – aos tradutores que, para irem ao encontro das expectativas da sociedade, censuram as suas próprias traduções, tanto consciente como inconscientemente. Ainda assim, a autocensura é difícil de identificar. Ou os materiais genéticos ou paratextuais descritivos do processo tradutório são deixados pelo tradutor, ou é impossível diferenciar, de forma exata, quais as

mudanças efetuadas pelo tradutor, revisor, *copyeditor* ou editor. Por exemplo, quando a autocorreção de um tradutor é considerada insuficiente, o revisor, o *copyeditor* ou o editor poderão censurar mais partes do texto como medida preventiva. Desta forma, é assegurado que o texto passa o escrutínio da censura, garantindo que é recebido de forma positiva no mercado de chegada. Ao que tudo indica, enquanto a maioria dos tradutores tende a (auto)censurar ideias estrangeiras potencialmente problemáticas (como a conhecida hipótese de Simeoni 1998 sobre *submissão*), outros subvertem habilidosamente os valores da sua cultura, encontrando meios inovadores de importar a alteridade cultural (ou literária) (como, por exemplo, Léger em TTR 2002). O objetivo principal da censura (prévia) é o da internalização das normas de maneira a que os tradutores não pensem nessa questão. A sua escrita reproduz apenas o que se tem tornado, essencialmente, o “*habitus*” discursivo (Wolf 2002).

Caso uma tradução passe pelas brechas da censura, a pós-censura pode entrar em ação para remover a obra do sistema, boicotando-a (quando uma livraria recusa a venda dessa tradução ou um bibliotecário recusa emprestá-la) ou banindo-a formalmente (TTR 2002:9). A pós-censura, enquanto forma de banir ou boicotar, é frequentemente a mais fácil de identificar e estudar, uma vez que as traduções são deliberadamente retiradas do mercado após a sua publicação.

2. Contexto e novas perspetivas

Os primeiros estudos de caso detalhados publicados centraram-se na censura da tradução em regimes totalitários repressivos marcados por uma ditadura militar e/ou política. Este é o caso de, por exemplo, Rundle 2000 & Dunnet 2002 (Itália fascista); Merino & Rabadán (Espanha franquista), Sturge (Alemanha nazi), Tomasziewicz (Polónia sob domínio soviético), em TTR 2002. Foram recentemente adicionados à lista estudos sobre Portugal (Seruya & Moniz 2008). A Inglaterra vitoriana disponibilizou material para o estudo dos mecanismos da censura em sistemas democráticos (como, por exemplo, Ó Cuilleánáin 1999; Merkle 2006, 2009; OSullivan 2009).

No entanto, apesar da concentração de investigações sobre censura e tradução desde meados dos anos noventa do século XX, existem diversas áreas

a explorar e outras que aguardam um estudo mais sistemático e pormenorizado. Os primeiros passos foram dados na investigação mais sistemática da censura ao longo da História, como, por exemplo, durante a Europa oitocentista (Merkle, O'Sullivan, van Doorslaer & Wolf 2010). **Wakabayashi (2000)** dedica-se à história da censura e tradução no Japão desde meados do século XIX. A sua investigação contribuiu também para o alargamento de contextos geográficos. São necessários estudos mais sistemáticos e detalhados sobre textualidades e contextos geográficos não-ocidentais ainda que tenham sido publicados diversos ensaios e livros sobre, por exemplo, o Brasil, a China, a Turquia e a Ucrânia (Milton, Nam Fung Chang, Erkazanci & Olshanskaya, respetivamente, em **Seruya & Moniz 2008**) e Israel (**Ben-Ari 2006**). Embora a censura, enquanto ato repressivo, tenha sido devidamente investigada, a questão ideológica requer estudos adicionais. Além disso, comparativamente, tem sido levado a cabo pouco trabalho de investigação sobre o impacto da censura na criatividade textual e tradutória (Brownlie, em **Billiani 2007**), na relação entre censura e produção de conhecimento (**Billiani 2009:28**) ou sobre as ligações entre censura, resistência e subversão (Tomaszkiewicz, em **TTR 2002; Merkle 2010**).

(Tradução por Inês Mendes, Susana Valdez & Iolanda Ramos)

Referências bibliográficas

Ben-Ari, Nitsa

2006 *Suppression of the Erotic in Modern Hebrew Literature*. Ottawa: Ottawa University Press. TSB

Billiani, Francesca

(ed) **2007** *Modes of Censorship and Translation*. Manchester, U.K.: St. Jerome Publishing. TSB

2009 2nd edition. "Censorship." In *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*, Mona Baker & Gabriela Saldanha (eds), 28–31. London & New York: Routledge.

Merkle, Denise

2006 "Towards a Sociology of Censorship: Translation in the Late-Victorian Publishing Field." In *Übersetzen – Translating – Traduire: Towards a "Social Turn"?*, Michaela Wolf (ed), 35–44. Münster/Hamburg/Berlin/Wien/London: LIT Verlag. TSB

2009 "Vizetelly & Co as (Ex)change Agent: Towards the Modernisation of the British Publishing Industry." In *Agents of Translation*, John Milton & Paul Bandia (eds), 85–105. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins.

2010 "Secret Literary Societies in Late Victorian Britain." In *Translation, Resistance and Activism*, Maria Tymoczko (ed). Amherst: University of Massachusetts Press.

Ní Chuilleanáin, Eiléan, ó Cuilleánáin, Cormac & Parris, David

(eds) **2009** *Translation and Censorship: Arts of Interference*. Dublin: Four Courts Press. TSB

Ó Cuilleánáin, Cormac

1999 "Not in Front of the Servants. Forms of Bowdlerism & Censorship in Translation." In *The Practices of Literary Translation*, Jean Boase-Beier & Michael Holman (eds), 31–44. London & New York: Routledge. TSB

O'Sullivan, Carol

. "Translation within the Margin: The 'Libraries' of Henry Bohn." In *Agents of Translation*, John Milton & Paul Bandia eds 107–129. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins. TSB

Rundle, Chris

2000 "The Censorship of Translation in Fascist Italy." *The Translator* 6 (1): 67–76. TSB

Seruya, Teresa & Moniz, Maria Lin

(eds) **2008** *Translation and Censorship in Different Times and Landscapes*. Newcastle, U.K.: Cambridge Scholars Publishing. TSB

Simeoni, Daniel

1998 "The pivotal status of the translator's habitus." *Target* 10 (1): 1–39. TSB

Toury, Gideon

1995 *Descriptive Translation Studies and Beyond*. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins. TSB

TTR

2002 *Censure et traduction dans le monde occidental/Censorship and Translation in the Western World*. Denise Merkle (ed.). Special issue of *TTR* XV (2). TSB

Wakabayashi, Judy

2000 "Subversion, Sex and the State: The Censorship of Translations in Modern Japan." *Translation Quarterly* 16/17: 53–78. TSB

Artigos relacionados

Adaptation

Communism and Translation Studies

Ethics and translation ► **Ética e tradução**

Gender in translation ► **O género na tradução**

Political translation

Relay translation

Translation policy

Translation process ► **Processo tradutório**

Jornalismo e tradução

Luc Van Doorslaer

Tradução por Inês Mendes, Susana Valde & Iolanda Ramos

▼ Índice

1. Transedição e os diversos media

2. Uma prática criativa e recreativa

Referências bibliográficas

Outras leituras

Artigos relacionados

Original article: <https://doi.org/10.1075/hts.1.jou1>

Handbook of Translation Studies Volume 1 (2010), pp. 180–184. Translation: 2018ISSN 2210-4844

© John Benjamins Publishing Company

A relação entre a linguagem (conhecimento) e o jornalismo tem sido, frequentemente, estabelecida e descrita no limiar da linguística (discursiva, estilística, pragmática) e da investigação orientada para a comunicação, principalmente, em relação à recolha de notícias estrangeiras e à sua produção. No entanto, o interesse pela posição específica da tradução, tanto como processo e produto nesta interação, é relativamente recente. Nos ramos de investigação da tradução e da comunicação social, podem ser identificados vários sub-ramos. Van Doorslaer (2009), referindo-se a várias publicações recentes e utilizando dados quantitativos, demonstra que a esfera desta investigação se centra, principalmente, nos sub-ramos da **tradução audiovisual** (**audiovisual translation**), **voiceover** e **dobragem** (**voiceover and dubbing**) e **legendagem** (**subtitling**). Nestes sub-ramos, os aspetos relativos ao jornalismo da tradução para os media, bem como a posição da tradução no trabalho diário de um jornalista, não são manifestos objetos de estudo. No entanto, na sequência do projeto de Warwick sobre “Translation in Global News”, a tradução de notícias tem suscitado um interesse cada vez maior, assim como outros aspetos relacionados com notícias e tradução. Valdeón (2015) traça uma

panorâmica dos últimos quinze anos de investigação dedicada à “Tradução Jornalística”. As publicações mais importantes do projeto Warwick são as atas da conferência de [Conway & Bassnett \(2006\)](#) e, principalmente, de [Bielsa & Bassnett \(2009\)](#), a última publicação fruto do projeto. Esta explora o papel específico da tradução nas chamadas agências noticiosas mundiais (como a AP, Reuters e AFP), bem como nos textos de notícias traduzidas. Apesar das tendências para a globalização e padronização, o papel crescente desempenhado pela língua inglesa e até o domínio dos modelos de escrita anglófona (textos mais diretos e mais pequenos), ainda existe uma variedade importante na utilização de diferentes enquadramentos e práticas, estratégias e valores de tradução. Por vezes, esta variedade pode remontar às origens nacionais/regionais da agência noticiosa ou até a escolhas marcadas relativamente ao conteúdo, como, por exemplo, o caso da agência de notícias “alternativa” IPS. Foi alcançado um novo equilíbrio desde a publicação do afamado relatório MacBride, que critica a circulação desequilibrada de notícias no mundo e a cobertura dos media dos “países de elite” ([MacBride 1980](#)). Contudo, uma combinação complexa de relações de poder (continental, nacional, linguístico, político e ideológico) determina escolhas e decisões importantes, tendo em conta a seleção, a tradução e a edição de notícias. [Christina Schäffner \(2008\)](#) analisa um *corpus* de textos jornalísticos traduzidos e de frases políticas readaptados para o público-alvo (sem qualquer referência ao ato tradutório). A autora demonstra que as condições ideológicas e institucionais de produção tradutória têm uma importância decisiva nos casos do jornalismo e da comunicação política. [Roberto Valdeón \(2008\)](#), no seu estudo de caso sobre a BBC Mundo espanhola, identifica uma diferença fundamental no estatuto entre as culturas anglófonas e de língua espanhola, onde a importância da cultura anglófona, em relação à de língua espanhola, é frequentemente acentuada na cobertura jornalística. A seletividade jornalística visível na apropriação, tradução e edição de certos materiais influencia o enquadramento da perceção do mundo. [Luc van Doorslaer \(2009\)](#) revela uma clara correlação entre as agências noticiosas usadas como principais fontes de informação e os países que são abordados na cobertura jornalística internacional. Por exemplo, as redações belgas utilizam, maioritariamente, a AP e escrevem mais sobre os EUA. Aquelas que utilizam, principalmente, a AFP

escrevem muito mais sobre a França. Mesmo que, hoje em dia, as agências noticiosas mundiais se apresentem como “globais”, as suas raízes são claramente evidentes. Fazem uso, inevitavelmente, das normas associadas às suas origens nacionais, o que se reflete na (não) seleção de princípios, bem como na sua abordagem estrutural. Desta forma, a questão da rutura com as suas origens nacionais e/ou regionais aquando da sua produção de notícias mantém-se (Bielsa & Bassnett 2009:49).

1. Transedição e os diversos media

Assim, no processo de produção noticiosa, podem ser encontrados, a diferentes níveis, diversos aspetos tradutórios, tanto na fase inicial de recolha de notícias (correspondentes, agências noticiosas), como na fase de redação (edição e escrita) nas agências, redações e organizações noticiosas (nacionais e locais). Em particular, os critérios de (não) seleção adotados em diferentes fases são consideravelmente influenciados pelo conhecimento linguístico e pela (não) tradução. Numa escala global, em muitas redações, a tradução não é feita por tradutores. Ainda assim, a tradução é parte integrante do trabalho jornalístico: uma combinação complexa e integrada de recolha, tradução, seleção, reinterpretação, contextualização e edição de informação. Karen Stetting (1989) propôs o termo “transedição” para descrever a tradução e edição, termo este referido diversas vezes na posterior investigação. No entanto, Schäffner duvida que o termo acrescente qualquer poder explicativo, visto que todas as transformações identificadas na tradução de notícias são também elas características da tradução (2012:866).

Desta perspetiva, parece legítimo que a maior parte da investigação esteja primordialmente centrada no jornalista-tradutor, como ator crucial deste processo de criação e recriação de significado. Luc van Doorslaer, com base nas semelhanças entre o trabalho diário do tradutor e o de alguns jornalistas, introduz o termo “jornadutor” (“journalator” em inglês) para designar um profissional cujo trabalho na redação passa, maioritariamente, pela tradução (na sua definição mais lata) aquando da produção de textos de cariz jornalístico (2012:1049). Kyle Conway (2008) propõe que deixemos de nos concentrar no jornalismo em si e passemos a olhar para o sistema social no qual o mesmo

funciona, incluindo aspetos como o papel político dos jornalistas ou a influência dos vários níveis de identidade nacional nos papéis institucionais dos jornalistas.

A maior parte da investigação existente relativa à tradução de notícias centra-se em materiais de notícias online e impressas, por razões muito práticas: como as peças de notícias audiovisuais são orais, a sua disponibilidade para análise textual escrita ou comparação não é imediata. Geralmente, não é fácil recuperá-las dos próprios media, nem sequer para a investigação científica. As contribuições sobre a posição da tradução e dos tradutores nas redações televisivas têm-se focado na pressão, no stress e nas circunstâncias caóticas da produção noticiosa, com pouca atenção específica à transferência da língua ou à legendagem de notícias. [Claire Tsai \(2006\)](#), por exemplo, estuda os tradutores de notícias da televisão tailandesa que trabalham com prazos extremamente apertados. Sob tais condições, a tradução é uma atividade muito desconfortável. Estes produtos de tradução são, normalmente, o resultado de elevados níveis de simplificação ou manipulação de novos textos. Um dos raros exemplos que combina e compara a tradução de notícias de jornal e de radiodifusão pode ser encontrado em [Lee \(2006\)](#) para o par de línguas coreano-inglês. Esta publicação analisa as diferenças das estruturas dos *leads* da radiofusão e dos jornais. Ao contrário do que acontece na tradução de notícias da rádio, em que é dada preferência aos *leads* mais pequenos, na tradução de jornais esta redução é de difícil identificação, sendo que a expansão dos mesmos aparenta ser mais frequente. Embora, em ambos os contextos, os tradutores desempenhem os papéis tradicionais de mediadores culturais responsáveis pelas suas decisões, os tradutores de jornais (ou tradutores-jornalistas de jornais) atuam mais claramente como “gatekeepers”, tirando partido de uma maior liberdade em comparação com a tradução em radiodifusão.

2. Uma prática criativa e recreativa

Exceto em casos excepcionais, em que tradutores “reais” trabalham em redações, a tradução jornalística quase nunca é encarada como “tradução” no sentido restrito (“translation proper” em inglês). Há mais de cinquenta anos, [Roman Jakobson \(1959\)](#) publicava um artigo pioneiro no qual distinguia entre a tradução intersemiótica, interlinguística e intralinguística. Ainda que o interesse

em processos de transferência num mundo globalizado seja grande e continue em crescimento, a tradução, em muitas destas publicações, ainda é considerada (principal ou unicamente) transferência linguística. O alargamento explícito de Jakobson do objeto dos Estudos de Tradução está presente, de forma clara, no trabalho diário de edição e tradução nas redações. A mensagem telex cibernética em inglês, de uma fonte na Índia, reescrita para a edição da manhã do *The Independent* é um exemplo de uma tradução intralinguística. Um artigo de notícias italiano em *La Repubblica*, adaptado a partir de uma peça noticiosa da televisão pública alemã ZDF, é um exemplo de uma tradução intersemiótica. Apesar da transferência intersemiótica ou intralinguística, existe um elevado número de casos fora dos media, em que o texto de partida e de chegada ou produto podem ser claramente identificados. No entanto, a maioria da reescrita no campo jornalístico é mais problemática relativamente ao estatuto do texto de chegada (identificável). Em muitos casos, várias fontes ou, mais precisamente, diversos textos de partida são usados para produzir um novo texto de chegada. Voltemos a analisar o último exemplo: sempre que a ZDF quer preparar uma peça sobre a política do primeiro-ministro italiano, esta não é apenas baseada no artigo de *La Repubblica*, mas também, com quase toda a certeza, nas peças mais recentes, noutras coberturas dos media internacionais e nacionais sobre o mesmo tema, bem como em informações ou comentários de peritos. Nestes processos, os textos de partida são múltiplos e combinados com processamento de informação, várias transformações, fases de reescrita e de reformulação, para se poder produzir um novo texto de chegada. Esta multiplicação de textos problematiza a presença e o estatuto do texto de partida numa relação tradutória “normal”. Esta situação é bastante frequente na tradução do jornalismo: a combinação de várias fontes com uma utilização altamente pragmática da tradução; utilização essa que envolve potencialmente os três campos descritos por Jakobson. Para o investigador de tradução, a reconstrução das diferentes fontes é praticamente impossível. Ainda que o sentido alargado de “tradução” de Jakobson se cinja apenas ao texto de chegada e ao contexto de chegada, a extensão aqui retratada refere-se aos aspetos do texto de partida e do contexto de partida. Como consequência desta combinação complexa de fatores, estudar a posição e o papel da “tradução” no seu sentido restrito, na prática jornalística diária de produção textual, pode ser

bastante desafiador, mas não necessariamente gratificante. Os investigadores de tradução para os media são frequentemente confrontados com este obstáculo: em muitos casos concretos, não é realista desconstruir uma mensagem noticiosa para determinar quais as partes que foram editadas e quais as resultantes de atos de tradução interlinguísticos. O caso de **Lucile Davier (2014)** de produção de textos em agências noticiosas suíças demonstra a relativa invisibilidade do multilinguismo e da tradução num processo altamente plurilinguístico.

A tradução na área jornalística não tem apenas de ter em conta o estado de desintegração do texto de partida, mas também tem de problematizar o conceito de autoria. Na produção do texto jornalístico, a tradução e a escrita fazem parte do mesmo processo; processo esse concomitantemente criativo e recreativo. Na maioria dos casos, é impossível distinguir as duas atividades envolvidas neste processo integrado. O mesmo acontece para as duas funções numa redação: jornalistas a escrever relatórios “originais” ou jornalistas a traduzir e a reescrever, baseados em fontes existentes. Esta prática explica a ausência de tradutores “reais” nas redações, uma situação considerada altamente paradoxal: como a tradução está presente em todos os processos, não existem cargos formais de tradução. A relatividade do estatuto do texto de partida e da autoria cria uma situação oposta em vários aspetos à posição da tradução, por exemplo, na investigação tradicional de tradução literária, em que o autor e o “original sagrado” ocupam uma importância central. É esta especificidade que faz com que a relação entre o jornalismo e a tradução seja extremamente interessante para os Estudos de Tradução.

Referências bibliográficas

Bielsa, Esperança & Bassnett, Susan

2009 *Translation in Global News*. London: Routledge.

<https://doi.org/10.1075/target.19.1.08bie> www.benjamins.com/online/bop/link/45209

Conway, Kyle

2008 “A cultural studies approach to semantic instability: The case of news translation.” *Linguistica Antverpiensia New Series* 7: 29–43.

<https://doi.org/10.1080/14781700.2012.701938> www.benjamins.com/online/tsb/link/17183

Conway, Kyle & Bassnett, Susan

- (eds) **2006** *Translation in global news: proceedings on the conference held at the University of Warwick 23 June 2006*. University of Warwick.
www2.warwick.ac.uk/fac/arts/ctccs/research/tgn/events/tgn/translation-in-global-news-proceedings.pdf [Accessed 3 May 2010].

Davier, Lucile

- 2014** "The paradoxical invisibility of translation in the highly multilingual context of news agencies." *Global Media and Communication* 10(1): 53–72.
<https://doi.org/10.1177/1742766513513196> www.benjamins.com/online/tsb/link/26147

Jakobson, Roman

- 1959** "On linguistic aspects of translation." In *On translation*, Reuben Arthur Brower (ed.), 144–151. Cambridge: Harvard University Press.
www.benjamins.com/online/tsb/link/3979

Lee, Chang-soo

- 2006** "Differences in News Translation between Broadcasting and Newspapers: A Case Study of Korean-English Translation." *Meta* 51 (2): 317–327.
<https://doi.org/10.7202/013259ar> www.benjamins.com/online/tsb/link/12495

MacBride, Sean

- 1980** *Many voices, one world: towards a new more just and more efficient world information and communication order (Report by the international commission for the study of communication problems)*. London/ Paris/ New York: Unesco.
unesdoc.unesco.org/images/0004/000400/040066eb.pdf [Accessed 3 May 2010].

Schäffner, Christina

- 2008** "'The Prime Minister said...': Voices in translated political texts." *Synaps* 22: 3–25. <https://doi.org/10.1075/btl.26.11sch>
- 2012** "Rethinking Transediting." *Meta* 57(4): 866–883.
<https://doi.org/10.7202/1021222ar>

Stetting, Karen

- 1989** "Transediting – A New Term for Coping with the Grey Area between Editing and Translating." In *Proceedings from the Fourth Nordic Conference for English Studies*, G. Caie (eds), 371–382. Copenhagen: University of Copenhagen.

Tsai, Claire

- 2006** "Translation through Interpreting: A Television Newsroom Model." In *Translation in global news: proceedings on the conference held at the University of Warwick 23 June 2006*, Kyle Conway & Susan Bassnett (eds), 59–71. Coventry: University of Warwick. www.benjamins.com/online/tsb/link/19279

Valdeón, Roberto A.

2008 "Anomalous news translation. Selective appropriation of themes and texts in the internet." *Babel* 54 (4): 299–326.
<https://doi.org/10.1075/babel.54.4.01val> www.benjamins.com/online/bop/link/47781

2015 "Fifteen years of journalistic translation research and more." *Perspectives* 23(4): 634–662. <https://doi.org/10.1080/0907676X.2015.1057187>

Van Doorslaer, Luc

2009 "How language and (non-)translation impact on media newsrooms. The case of newspapers in Belgium." *Perspectives* 17 (2): 83–92.
<https://doi.org/10.1080/09076760903125051> www.benjamins.com/online/tsb/link/17948

2012 "Translating, Narrating and Constructing Images in Journalism with a Test Case on Representation in Flemish TV News." *Meta* 57(4): 1046–1059.
<https://doi.org/10.7202/1021232ar>

Outras leituras

Bielsa, Esperanca

2007 "Translation in Global News Agencies." *Target* 19 (1): 135–155.
<https://doi.org/10.1075/target.19.1.08bie> www.benjamins.com/online/bop/link/45209

Orengo, Alberto

2005 "Localising News: Translation and the 'Global-national' Dichotomy." *Language and Intercultural Communication* 5 (2): 168–187.
<https://doi.org/10.1080/14708470508668892> www.benjamins.com/online/bop/link/43062

Schäffner, Christina

2005 "Bringing a German Voice to English-speaking Readers: Spiegel International." *Language and Intercultural Communication* 5 (2): 154–157.
<https://doi.org/10.1080/14708470508668891> www.benjamins.com/online/bop/link/43061

Valdeón, Roberto A.

2005 "The CNN en Español news." *Perspectives* 13 (4): 255–267.
<https://doi.org/10.1080/09076760608668996>

Artigos relacionados

Adaptation

Audiovisual translation

Information, communication, translation

Subtitling

Voiceover and dubbing

Literaturas pós-coloniais e tradução

Paul F. Bandia

▼ Índice

1. A escrita enquanto tradução
2. Traduzir literaturas pós-coloniais
3. Conclusão

Referências Bibliográficas

Outras Leituras

Artigos relacionados

<https://doi.org/10.1075/hts.1.pos1.pt>

Handbook of Translation Studies Volume 1, pp. 264–269. ISSN 2210-4844

© John Benjamins Publishing Company

A “viragem cultural” nas ciências sociais e humanas, ocorrida nos anos noventa, mudou para sempre os Estudos de Tradução. As análises e os discursos de tradução focados na linguagem – encarada, maioritariamente, como um sistema de comunicação e de troca linguística – deram lugar à cultura. Desta forma, a linguagem subordinou-se à cultura, estando ambas interligadas e, frequentemente, unidas em todas as discussões ou análises de tradução formais. Em Estudos de Tradução, várias foram as ramificações à medida que foram questionadas noções e conceitos datados, tais como a equivalência, língua padrão ou pura, binarismos distintos e a sua hierarquia implícita (original/tradução; texto de partida/texto de chegada; tradução palavra a palavra/tradução pelo sentido, etc.). O estudo das literaturas pós-coloniais está entre um dos principais domínios que introduziu a “viragem cultural” nos Estudos de Tradução. O género, a etnia, a sociologia, a alteridade linguística, a identidade, a política e a ideologia – temáticas frequentemente ignoradas no passado – ganharam proeminência na investigação em tradução, devido à própria natureza desta literatura de autores pós-coloniais em línguas coloniais.

A interseção entre os estudos pós-coloniais e os Estudos de Tradução baseia-se, principalmente, na literatura e provocou o duplo efeito de expansão

associado tanto ao alcance da crítica literária, como da crítica de tradução. Embora a era colonial seja, frequentemente, abordada pelos estudos pós-coloniais, os Estudos de Tradução pós-coloniais tratam, essencialmente, as literaturas pré- e pós-independentistas, i.e. literaturas que tratam o período imediatamente anterior e posterior à independência. É de salientar que a teoria pós-colonial – enquanto paradigma de investigação – está também a ser aplicada em contextos sem uma óbvia relação (pós-)colonial, como, por exemplo, a relação entre o Québec e o Canadá (Shamma 2009). Hoje em dia, parte-se do pressuposto de que as literaturas pós-coloniais incluem e tratam especificamente das literaturas neocolonialistas e metropolitanas, migrantes e de diáspora, que podem ser agrupadas e classificadas como pertencentes à literatura pós-pós-colonial. Tais literaturas permitiram à investigação em tradução incluir culturas não-ocidentais, oriundas de África, Índia, América Latina e Caraíbas, assim como culturas não hegemónicas, como é o caso da cultura irlandesa e de colónias como a Austrália, Canadá e África do Sul.

1. A escrita enquanto tradução

A interação da tradução e das literaturas pós-coloniais apresenta uma abordagem dupla. Ocorre quando a escrita pós-colonial, na sua materialidade, se sobrepõe ao ato de traduzir (consultar Bandia 2008; Tymoczko 2000). O mesmo acontece na tradução interlinguística da literatura pós-colonial (Bandia 2008; Tymoczko 1999a). A primeira – também conhecida como “escrita enquanto tradução” – está relacionada com o facto de que, embora a escrita pós-colonial e a tradução sejam atos distintos, ambas apliquem estratégias semelhantes nas suas representações linguísticas e culturais. Com base nesta premissa, a literatura pós-colonial é compreendida metaforicamente como uma forma de tradução, pela qual a linguagem da colonização é subjugada, desvirtuada ou distorcida, de forma a captar e a transmitir a realidade ou a perspetiva sociocultural de uma linguagem cultural dominada pelo Outro.

O próprio facto de autores pós-coloniais escreverem sobre as experiências de sociedades anteriormente colonizadas na língua do colonizador é comparado à tradução como uma metáfora da representação do Outro. É neste sentido que Salman Rushdie é conhecido por se referir à escrita pós-colonial

como literatura traduzida e aos autores colonizados ou migrantes como “homens traduzidos” (Rushdie 1991:17).

A equiparação metafórica da literatura pós-colonial à tradução tem sido reforçada por estudos empíricos que descrevem a ficcionalização pós-colonial fazendo referência a processos e estratégias de tradução (Bandia 2008; Tymoczko 1999b; Zabus 1991). A fundamentação destes estudos e a argumentação de que se trata de uma tradução são baseados naquilo a que Bandia (2008) se refere como interface de oralidade/escrita. Por outras palavras, a representação de culturas orais na língua colonial escrita é vista como um processo de dupla transposição, que envolve a tradução para o modo escrito de culturas de narrativa oral e a tradução entre culturas de línguas distantes ou estrangeiras. Porém, tal não implica que o ato da tradução seja uma ficção, mas explica os vestígios das línguas indígenas e da tradição oral na ficção em língua colonial em termos de tradução. Sem fazer qualquer referência específica à tradução, a obra basilar *The Empire Writes Back* (Ashcroft et al. 1989) estabeleceu o uso e as práticas da língua colonial como um atributo definidor das literaturas pós-coloniais. A tentativa dos escritores pós-coloniais de moldar a língua colonial num meio de expressão do pensamento e da literatura não-ocidentais resultou em variedades não-ocidentais de língua colonial, desafiando a sua hegemonia e as suas pretensões universalistas-imperialistas, desestabilizando a noção clássica de uma língua padrão. A experimentação linguística e a inovação dentro da matriz da língua colonial tornaram-se num aparelho de escrita, o que resultou na hibridização e na vernacularização das línguas coloniais.

Além de inovações lexicais e formações/alterações sintáticas, a língua colonial foi infundida de formações dialetais estrangeiras e, em muitos casos, forçada a partilhar espaço com línguas híbridas, com que mantém relações de parentesco, mas cuja origem é local – tais como *pidgins*, crioulos e outras línguas francas – através do mecanismo de mistura e alternância de códigos linguísticos (*code-switching*). Tal contribuiu para a perceção da ficcionalização pós-colonial como envolvendo inerentemente a prática de plurilinguismo e heteroglossia literária. A transformação linguística das línguas coloniais, assim como a hibridização e a multiestratificação das línguas (Mehrez 1992) no texto pós-colonial, são conceptualizadas em termos de tradução, quer de forma pragmática – relativamente a processos de transferência linguística –, quer

metaforicamente em relação ao papel implícito da tradução na leitura do discurso multilíngue. Ainda que seja muitas vezes entendida como um conjunto de estratégias de representação linguística e cultural, a ficção pós-colonial também suscita questões ontológicas; questões essas que foram adotadas como paradigmas de investigação nos Estudos de Tradução. Por exemplo, as questões de identidade, ideologia e relações de poder são inerentes à escrita do discurso subalterno nas línguas dominantes ou hegemônicas, tendo-se estas questões tornado fundamentais na relação entre a literatura pós-colonial e a tradução. O pós-colonialismo levantou sérias dúvidas sobre perspectivas com longa tradição nos Estudos de Tradução, principalmente sobre a natureza do “original” e a sua relação com o texto traduzido, a noção de equivalência ou transferência entre entidades linguísticas monolíticas estáveis e, por fim, a concetualização puramente linguística e não-ideológica da prática de tradução. Enquanto sub-ramo, podemos dizer que a investigação pós-colonial fez com que os Estudos de Tradução perdessem a inocência, ao estabelecer uma comparação entre a escrita pós-colonial como resistência à hegemonia e a tradução de culturas subalternas como resistência ao imperialismo ou subversão das práticas linguísticas e culturais dominantes.

2. Traduzir literaturas pós-coloniais

A literatura pós-colonial surge através do olhar da tradução como um produto de ficcionalização inventiva – questão já discutida anteriormente – ou enquanto tradução propriamente dita da ficção pós-colonial de uma língua mundial para outra. Por conseguinte, a tradução como prática é essencial para a escrita e disseminação das literaturas pós-coloniais. Desempenha um papel central na luta das culturas marginalizadas pela aceitação e pelo reconhecimento no espaço literário mundial. Tal, por sua vez, confere à tradução preocupações políticas e ideológicas devido à centralidade das relações de poder na conexão entre a teoria pós-colonial e os Estudos de Tradução.

Em “The Politics of Translation” (1993), Gayatri Chakravorty Spivak debate as ramificações ideológicas de traduzir a literatura do Terceiro Mundo para línguas colonizadoras ou hegemônicas. A autora assinala que as relações assimétricas de poder num contexto pós-colonial levam, muitas vezes, a práticas

de tradução colonizantes que procuram minimizar as diferenças das culturas minoritárias, beneficiando a cultura de chegada majoritária. Assim sendo, a tradução continua a desempenhar um papel ativo na construção colonialista e ideologicamente motivada de povos colonizados como clones inferiores e miméticos dos seus ex-colonizadores. Para contrariar esta perspetiva, Spivak propõe uma estratégia de tradução baseada num “essencialismo estratégico ou positivo” (1993), apelando ao tradutor – à semelhança de um antropologista de campo – que procure um conhecimento profundo da língua, cultura e história dos colonizados.

Dada a centralidade do poder diferencial na teoria pós-colonial, Tejaswini Niranjana (1992) também encara a tradução com grande desconfiança, devido à forma como a historiografia colonialista usou a tradução para promover a sua agenda de domínio colonial. Assim, Niranjana apela aos Estudos de Tradução para deixarem de parte a sua imagem ingénua e imperfeita de uma disciplina que se preocupa principalmente com questões de representação linguística e para se confrontarem com os alicerces políticos e ideológicos de uma troca intercultural fundamentalmente baseada em relações de poder desiguais. Para compensar o desequilíbrio de poder, o tradutor pós-colonial deverá ser intervencionista e – através da prática da retradução – não só desconstruir as estratégias de tradução colonizantes, mas também resistir às imposições ideológicas colonialistas. Em geral, é à luz de tais reflexões teóricas que o encontro entre tradução e as literaturas pós-coloniais pode ser compreendido.

No que diz respeito ao contexto africano, Bandia (2008) propõe que a tradução da literatura pós-colonial é um processo tripartido que envolve a escrita da oralidade de uma cultura maioritariamente analfabeta para uma cultura escrita estrangeira e dominante e que, subsequentemente, envolve a transferência ou a conversão de um discurso de interculturalidade e intermedialidade de uma língua nacional noutra. É certo que existem muitas culturas minoritárias literadas para as quais a tradução para línguas com capital literário mundial é a única forma de reconhecimento. Este infeliz facto aumenta a perceção da ficção pós-colonial como literatura traduzida e a sua subsequente tradução para outras línguas como a tradução de um original traduzido. Assim, como os “homens traduzidos” (Rushdie 1991), os escritores pós-coloniais devem traduzir-se a si próprios para línguas mundiais, de modo a ganharem algum

capital literário no mercado mundial. Portanto, a tradução da literatura pós-colonial tem sido descrita de formas várias como “retradução” (Niranjana 1992), recriação, reescrita ou reparação (Bandia 2008) – pois envolve a representação de culturas marginalizadas em línguas dominantes – com a intenção subjacente de corrigir a história. Trata-se de tradução enquanto reparação porque o seu principal objetivo é o de restituição ou restauração, de compensação das inanidades do passado e de resistência à deturpação linguística, social e cultural. Longe de ser uma mera transferência linguística, o pós-colonialismo impõe uma prática de tradução enquanto negociação entre culturas numa relação de poder desigual.

Traduzir literatura pós-colonial envolve a rejeição da teoria da linguagem de representação convencional dos Estudos de Tradução – que elide política e ideologia – e a subversão das práticas linguísticas e estéticas dominantes. Tendo em conta o seu estatuto de “texto traduzido”, bem como o seu hibridismo e plurilinguismo característicos, a ficção pós-colonial desestabiliza a relação entre o original e a tradução, muitas vezes concebida em termos de uma identidade uniforme e monolítica facilmente definida ou circunscrita e transferível de uma língua para outra. Linguisticamente, o texto pós-colonial apresenta multiestratos, sendo também multifacetado a nível cultural, e exige estratégias de tradução capazes de representar a sua pluralidade inata.

3. Conclusão

A ficção pós-colonial é, portanto, disseminada através de uma poética de tradução como relação, pois é transposta e recriada em línguas de poder mundiais e apelo universal, que outrora foram instrumentos de opressão da própria realidade pós-colonial. É uma relação problemática na qual o indivíduo pós-colonial se traduz a si mesmo para a língua do colonizador. A interceção da literatura pós-colonial e da tradução repõe a ética da tradução, levantando questões sobre a relação entre o autor-tradutor e a língua, sobre quem traduz literatura pós-colonial e para quem, as editoras e as políticas editoriais respeitantes às literaturas minoritárias escritas em línguas maioritárias, a localização do poder e a relação entre centro e periferia e, por fim, sobre o ensino das literaturas pós-coloniais na tradução. No que se refere à prática da

tradução, surgem outras questões éticas relativas ao nível de fluência ou transparência do texto de chegada, como a questão controversa da assimilação de culturas de línguas minoritárias, a manipulação ou subversão da língua, as éticas de mesmidade ou diversidade, a receção e legibilidade da tradução e o papel da tradução como um agente descolonizador. O ponto fulcral da interseção das literaturas pós-coloniais e da tradução é a questão da literatura e da identidade no nosso mundo contemporâneo, caracterizado por culturas híbridas e traduzidas, num contexto de poder desigual diferencial que surge como consequência da colonização.

(Tradução por Inês Mendes, Susana Valdez & Iolanda Ramos)

Referências Bibliográficas

Ashcroft, Bill, Griffiths, Gareth & Tiffin, Helen

1989 *The Empire Writes Back: Theory and Practice in Postcolonial Literatures*. London & New York: Routledge.

Bandia, Paul F.

2008 *Translation as Reparation: Writing and Translation in Postcolonial Africa*. Manchester: St. Jerome Publishing. TBS

Mehrez, Samia

1992 "Translation and the Postcolonial Experience: The Francophone North African Text." In *Rethinking Translation*, Lawrence Venuti (ed.), 120–138. London & New York: Routledge. TSB

Niranjana, Tejaswini

1992 *Sitting Translation: History, Post-Structuralism, and the Colonial Context*. Berkeley: University of California Press. TSB

Rushdie, Salman

1991 *Imaginary Homelands: Essays and Criticisms, 1981–1991*. London: Granta.

Shamma, Tarek

2009 "Postcolonial Studies and Translation Theory." *MonTI* 1: 183–196.

Spivak, Gayatri Chakravorty

1993 "The Politics of Translation." In *Outside in the Teaching Machine*, 179–200. London & New York: Routledge. TSB

Tymoczko, Maria

1999a "Post-Colonial Writing and Literary Translation." In *Post-Colonial Translation: Theory and Practice*, Susan Bassnett & Harish Trivedi (eds), 19–40. London & New York: Routledge. TSB

1999b *Translation in a Post-Colonial Context: Early Irish Literature in English Translation*. Manchester, UK: St. Jerome Publishing. TSB

2000 "Translations of Themselves: the Countours of Postcolonial Fiction." In *Changing the Terms: Translating in the Postcolonial Era*. Sherry Simon & Paul St-Pierre (eds), 147–163. Ottawa: University of Ottawa Press. TSB

Zabus, Chantal

1991 *The African Palimpsest: Indigenization of Language in the West African Europhone Novel*. Amsterdam & Atlanta: Rodopi

Outras Leituras

Bassnett, Susan & Harish Trivedi

(eds) **1999** *Post-colonial Translation. Theory and practice*. London & New York: Routledge. BoP TSB

Cheyfitz, Eric

1991 *The Poetics of Imperialism. Translation and Colonization from The Tempest to Tarzan*. New York and Oxford: Oxford University Press. TSB

Rafael, Vicente L.

[1988] 1993 *Contracting Colonialism: Translation and Christian Conversion in Tagalog Society under Early Spanish Rule*. Rev. ed. Durham, NC: Duke University Press. TSB

Simon, Sherry & Paul St-Pierre

(eds) **2000** *Changing the Terms: Translating in the Postcolonial Era*. Ottawa: University of Ottawa Press. TSB

Artigos relacionados

Eurocentrism